

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Juliana Tonon Oliveira

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM TURISMO E HOTELARIA:
UM ESTUDO COM PROFESSORES**

SOROCABA/SP
2010

Juliana Tonon Oliveira

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM TURISMO E HOTELARIA: UM
ESTUDO COM PROFESSORES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliete Jussara Nogueira

SOROCABA/SP
2010

Juliana Tonon Oliveira

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM TURISMO E HOTELARIA:
UM ESTUDO COM PROFESSORES**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Ass.: _____

Pres.: Prof^a. Dr^a. Eliete Jussara Nogueira
Uniso

Ass.: _____

1º Exam.: Prof. Dr. Mauro Tomazela
FATEC

Ass.: _____

2º Exam.: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia de Amorim Soares
Uniso

Dedico este trabalho a minha mãe, Rita, por sempre me dar a oportunidade de estudar tudo o que eu almejei até hoje e por acreditar em meu potencial, e a meu pai, Wilson, por me dar forças nos momentos de grandes dificuldades, enxugar minhas lágrimas e me manter no caminho de forma firme e perseverante.

AGRADECIMENTOS

No início deste percurso, não era possível imaginar quais dificuldades seriam encontradas. Trabalhar, estudar, ser mãe, filha e mulher nunca foram tarefas fáceis, porém, mesmo assim, cheguei ao final desta dissertação. Mas, não posso deixar aqui de agradecer às pessoas que foram essenciais nesta etapa de minha vida.

Ao meu filho Mateus, em especial, que teve sua mãe em falta por cerca de três anos, por conta das pesquisas e elaborações dos textos, obrigada, meu amor, por ter sido tão compreensível e tão adorável.

Ao meu noivo e grande amor, Tiago, pela enorme paciência e confiança em meu potencial, o que me fortaleceu em diversos momentos de intranquilidade, obrigada por estar ao meu lado.

Ao meu tio João Batista, por acreditar que era necessário e importante eu ser “Mestre”, obrigada por me ajudar sempre.

Aos meus avôs, Maria e João, pelas eternas orações.

Às minhas amigas eternas, Bruna e Alessandra, pelas correntes de bons pensamentos para que eu pudesse estar inspirada durante a escrita de minha dissertação, obrigada pela atenção especial dada a mim, nesses últimos seis meses.

Ao meu eterno Professor Pedro Zille, por sempre acompanhar meu percurso profissional.

Ao Centro Paula Souza, pela oportunidade de poder estudar e analisar os Cursos Técnicos em Turismo e Hotelaria.

Aos docentes entrevistados: sem vocês esta dissertação não aconteceria. Obrigada pela acolhida.

Ao meu professor Celso Ferretti, que me orientou nos primeiros meses, obrigada pela atenção e dedicação ao meu trabalho.

E, em especial, à Professora e atual Orientadora Eliete Jussara, por me ajudar a terminar minha dissertação, mesmo não tendo sido minha orientadora inicial. Agradeço imensamente pela atenção em minha dissertação, paciência e dedicação em me auxiliar na conclusão desta etapa tão valiosa de minha vida, obrigada por ter entrado nessa minha trajetória.

A Nossa Senhora de Fátima, que me acompanha em todas as fases da minha vida e me dá a luz necessária para resolver as divergências que se perpassam.

Nenhum vencedor acredita no acaso.
(Friedrich Nietzsche)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CONTEXTO CONTEMPORÂNEO	12
2.1	Pós-modernidade	12
2.2	Identidade docente	15
3	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL – CENTRO PAULA SOUZA	22
3.1	Educação Profissional em Turismo e Hotelaria	25
3.2	Formação docente no Centro Paula Souza	27
4	PESQUISA DE CAMPO	31
4.1	Objetivos	31
4.2	Método	31
4.2.1	Instrumento	32
4.2.2	Procedimento	32
4.3	Resultados e Análises	33
4.3.1	Perfil dos entrevistados	33
4.3.2	Respostas dos professores entrevistados	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICE A: Termo de Consentimento livre e esclarecido	57
	APÊNDICE B : Roteiro de Entrevista	59
	APÊNDICE C: Transcrição das Entrevistas	60

RESUMO

Em geral, professores para a formação técnica em Hotelaria e Turismo são profissionais de atuação no mercado, sem formação específica para a docência que exercem. Acreditando que atuar como professor exige uma formação, ou qualificação específica para o ato de ensinar, este presente estudo tem como objetivo compreender a possibilidade da identidade profissional, nos cursos de Hotelaria e Turismo, analisando a trajetória e percepções de professores. Como procedimento metodológico, optou-se pela pesquisa qualitativa, com entrevistas individuais. Foram realizadas dez entrevistas com professores de escolas técnicas de cidades do interior de São Paulo. Os professores entrevistados falam sobre sua trajetória profissional, motivos de suas escolhas, percepção e avaliação sobre sua atuação como professores. De modo geral, os resultados demonstraram uma trajetória com pouca atuação no trabalho específico de Hotelaria e ou Turismo. A maioria foi para o trabalho docente, mesmo assim, se identificam mais como profissionais da área do que como professores. Embora com percepções positivas sobre a docência, sentem-se mais prestigiados como profissionais liberais. Contudo, apresentam traços de crise com o fato de terem mais de uma identidade profissional. A variedade de identidade reflete o contexto contemporâneo líquido, conceito desenvolvido por Bauman, para mostrar a questão difusa com alto grau de variedade e incertezas, contrapondo a identidades mais estáveis.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Educação profissional. Hotelaria. Turismo.

ABSTRACT

Teachers for technical graduation courses in Hospitality and Tourism are usually professionals who are acting in the market, with no specific graduation in teaching. Trusting that to act as a teacher, one is required to have some specific qualification, this present work aims to perceive the possibility of an existing professional identity among teachers in Hospitality and Tourism courses. The analysis examines teachers' descriptions of their own careers. Quantitative research, based on individual interviews, is used as methodological procedure. Ten interviews were conducted with teachers working in Technical Schools in São Paulo State countryside. Those professionals described their careers, the reason of their choices, and their perception and self-evaluation as teachers. Overall, results show teachers' careers with little performance in the specific areas of Hospitality and Tourism. Most of them joined the academy, and yet, they identify themselves as professionals of Tourism and Hospitality, rather than teachers. Although they have positive feelings towards teaching, they feel they are more respected being self-employed. However, they show traces of a crisis due to having more than one professional identity. The identity variety reflects the liquid contemporary context, a concept developed by Bauman to demonstrate a diffused issue with high level of variety and uncertainties, opposing to more stable identities.

Key words: School routine. Professional education. Hospitality. Tourism.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema sobre a educação profissionalizante e a percepção de ser professor nesses cursos, é fruto de observações que fiz, ao longo de sete anos, como docente na educação profissional na área de Hotelaria e Turismo. Senti uma grande necessidade em pesquisar este assunto, principalmente por se tratar de algo do meu cotidiano escolar. No meu percurso como docente em ensino técnico, mais especificamente no Curso Técnico de Nível Médio em Hotelaria e Turismo, do Centro Paula Souza (CPS), algumas discussões cercavam o processo de ser professor. O Curso profissionalizante tem como grande parte de seus docentes, profissionais formados em áreas específicas de trabalho, sem direcionamentos para licenciatura, ou disciplinas relacionadas a uma possibilidade de docência.

O ensino profissionalizante como objeto deste estudo, se faz presente no curso de Turismo e Hotelaria, do Centro Paula Souza, que.

iniciou suas atividades em 6 de outubro de 1969. Mas as primeiras reuniões do Conselho Estadual de Educação para a criação da instituição aconteceram em 1963, quando surgiu a necessidade de formação profissional para acompanhar a expansão industrial paulista. A ideia de criar um Centro Estadual voltado para a Educação Tecnológica ganhou consistência quando Roberto Costa de Abreu Sodré assumiu o governo do Estado de São Paulo, em 1967. Em outubro de 1969, o governador Abreu Sodré assinou o Decreto-Lei que criou a entidade autárquica destinada a articular, realizar e desenvolver a educação tecnológica nos graus de ensino Médio e Superior.¹

O perfil do técnico em Hotelaria concluinte, segundo o Centro Paula Souza, é o do indivíduo que gerencia serviços em meios de hospedagem e alimentação, promove vendas e marketing, executa rotinas administrativas, gerenciando e supervisionando recursos humanos, financeiros e de segurança no trabalho, e planeja, organiza e supervisiona eventos. O técnico em Turismo concluinte deve conter em seu perfil a facilidade de atuação em agências de viagens, em meios de hospedagem, em empresas de transportes e de eventos. Esse profissional promove e vende produtos e serviços turísticos, desenvolve atividades administrativas, elabora projetos e roteiros turísticos e presta orientação técnica.

Para a formação desses profissionais, o perfil dos professores do curso privilegia a atuação e experiência no mercado e formação específica na área. Os interessados que se inscrevem para os concursos públicos para professores precisam ser graduados na área de atuação, podendo ser bacharéis, tecnólogos ou até mesmo técnicos. Por exemplo, para prestar concurso na área de Turismo, o profissional interessado deve ser formado em Turismo. Atualmente, o Conselho Estadual de Educação está exigindo que o professor da área técnica seja licenciado.

¹ Centro Paula Souza. Histórico. Disponível em:

<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/QuemSomos/Perfil_Historico/Perfil_Historico.html>. Acesso em 22 jun. 2008.

Em geral, os professores de cursos profissionalizantes de Hotelaria e Turismo, são profissionais que trabalham em hotéis, em agências de Turismo, como guias de Turismo, entre outras funções, e que como mais uma alternativa de trabalho estão em sala de aula, exercendo uma função para a qual não foram habilitados nos seus cursos de formação.

Diante de tal realidade, o Centro Paula Souza, oferece aos seus docentes um curso voltado ao trabalho de ser professor, denominado “Esquema I”, com objetivo de ensinar didática, pedagogia, legislação, enfim, conteúdos sobre a área de Educação. Particpei do Esquema I, observando a situação em que muitos dos professores ali presentes não mais trabalham em hotéis ou outra atividade para a qual foram graduados, são exclusivamente professores, porém, sua identidade profissional voltava-se sempre para sua formação inicial, ou seja, consideravam-se engenheiros, hoteleiros, administradores, bacharéis não docentes. Exercem a docência, mas não são professores?

O problema de pesquisa desta dissertação partiu da situação acima exposta: profissionais exercendo a docência em ensino profissionalizante, sem admitir a identidade de ser professor. Os questionamentos que trouxe foram: Como professores do ensino técnico se percebem? Qual a trajetória desses profissionais até a sala de aula?

Como hipótese para responder a tais perguntas, podemos sugerir que os professores se percebem mais prestigiados quando se identificam como bacharéis do que como professores; licenciados afirmam “serem” professores, enquanto os docentes da área técnica se veem como “estando” professores por um determinado período de tempo, o que pode estar relacionado a uma trajetória de falta de oportunidades no mercado formal ou apenas ao desejo de um complemento salarial.

O objetivo desta dissertação é compreender a possibilidade de identidade profissional, num contexto contemporâneo, marcado pelas incertezas, e investigar junto aos professores do ensino técnico, como percebem sua trajetória e identidade de professores.

Este trabalho foi organizado em capítulos que abordam as características do mundo contemporâneo, acreditando que é necessário compreender as características sociais presentes, pois essas influenciam nosso comportamento e modo de pensar. No capítulo sobre o lócus de investigação, pretendi descrever o ensino profissional do Centro Paula Souza, e no último capítulo apresento os dados coletados por meio das entrevistas feitas com dez professores da área de Turismo e Hotelaria, de algumas Escolas Técnicas do Centro Paula Souza, de Itu, Amparo, São Roque e Sorocaba, cidades do interior de São Paulo, que constituíram a fonte da pesquisa.

2 CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Esta dissertação se dá em tempos de grandes mudanças no mundo, que se refletem na educação. Como forma de me auxiliar na reflexão e compreensão das questões sobre o ensino técnico profissional dos cursos de Hotelaria e Turismo, e a percepções do ser professor nesses cursos, trouxe à pauta aquela condição contemporânea.

Diferentes autores discutem e concordam que existe uma complexidade em definir termos que representem o momento que estamos vivendo. Assim, diferentes terminologias são utilizadas para esse fim: condição pós-moderna, modernidade tardia, modernidade líquida, hipermodernidade, pós-modernidade, entre outras. O importante aqui é entender que de uma maneira ou de outra os autores pretendem descrever um momento histórico que é diferente da modernidade. A nomenclatura dada à Pós-modernidade, principalmente com relação ao prefixo *Pós*, intensifica essa distinção de algo que não é moderno, mas que veio depois. Para este trabalho não pretendo elaborar uma extensa discussão, apenas mostrar a divergência do tema, e que andamos em terreno flutuante quando queremos entender o mundo atual.

Silvio Gallo (2006), em seu texto “Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação”, afirma que muitas são as contradições sobre a existência ou não da Pós- Modernidade, os autores se dividem em suas posições e denominações. Gille Lipovetsky, segundo Gallo, acredita na questão de hipermodernidade, período dos excessos, e, de forma contraditória, a era do vazio.

2.1 Pós-modernidade

Acredito que para entender a condição atual, que alguns anunciam como pós-moderna, é necessário localizar o que se denominou de modernidade. A modernidade é, na verdade, a designação de uma temporalidade. Foi a nomenclatura dada para as enormes transformações sociais que ocorreram com o Iluminismo. Segundo Goergen (1996),

A modernidade veio no bojo de uma cultura na qual se quebram os vínculos metafísicos que explicavam o homem e o mundo, tornando-se a razão a fonte da produção dos saberes, da ciência, ancorada em critérios de objetividade, distanciando-se dos objetos ou dos poderes transcendentais, religiosos ou metafísicos. Também, o sujeito, o eu, passa a ser considerado como um sujeito empírico, objeto entre outros objetos do mundo real, mas que se constitui simultaneamente como condição fundamental de qualquer experiência possível e da sua análise (p. 16)

O período que se enquadra na Modernidade foi caracterizado pelos movimentos artísticos e arquitetônicos, ou seja, deu-se, primeiramente, no campo da arte, e só posteriormente se deslocou para o campo das ciências humanas.

Com tantas discussões e demonstrações de mudanças nos comportamentos sociais do mundo, a educação de acordo com Gallo (2006) foi marcada pela objetividade e universalidade. Para tanto, ele reforça, com Foucault, o disciplinamento dos saberes:

Michel Foucault (1999, p. 215) localiza no século XVIII o processo político realizado pelo Estado de disciplinamento dos saberes. A partir de dois exemplos, o do saber técnico/tecnológico e o do saber médico, evidencia a espécie de 'luta entre saberes' que ocorreu no 'submundo das Luzes'. Por trás do processo histórico que nos é apresentado como tendo sido a luta entre o conhecimento e a ignorância, o filósofo faz emergir um conflito entre uma multiplicidade de saberes que se oponham entre si. E para organizar esse campo, o Estado exerceu seu 'poder disciplinador', que operou por meio de quatro procedimentos básicos: desqualificação/seleção; normalização; hierarquização; centralização piramidal. Num primeiro movimento, esses saberes foram selecionados mediante um processo de desqualificação e eliminação de "pequenos saberes inúteis e irreduzíveis, economicamente dispendiosos" (p. 556).

As consequências das afirmações de Foucault, segundo Gallo, são: a conformação de um “perfil moderno da universidade, como instituição classificadora e legitimadora dos saberes” (p 215), e o poder gerenciador de consenso, de controle, adquirido pela ciência.

Chamar esse novo período que se anunciava de Modernidade não bastaria para representar tamanhas diferenças, como elucida Gallo: “Rápida expansão do consumo e da comunicação de massa; enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização [...]”. Foi preciso identificar o período com outra denominação, e o termo Pós-Modernidade, foi usado, entre outros, para demonstrar algo que vai além da Modernidade, algo que ocorre devido aos tantos impactos sociais sofridos pelo mundo atual.

Para Follari (2000), existem duas vertentes para a pós-modernidade:

Uma delas refere-se ao tratamento dos “sintomas” do pós-moderno, suas manifestações culturais: remete principalmente à análise das novas sensibilidades, aos modos de constituição das identidades, à dissolução das tradições, aos efeitos da mídia, à aparição das tribos urbanas e fenômenos de parecido teor. A outra se inscreve melhor no plano da filosofia política: tenta tipificar em termos teóricos o significado dos novos tempos históricos, discutindo questões como a desaparecimento do sujeito no sentido cartesiano e as novas oportunidades epocais constituídas na subjetividade leve, além dos efeitos políticos do apagamento da projetividade moderna. (p.1)

Lampert (2005), ao discutir sobre a Pós-modernidade, aponta suas ambivalências e afirma que esta é a “fase cultural do capitalismo”:

O prefixo “pós” é ambíguo no campo social. A partir do exposto, em que estão evidentes a complexidade e a diversidade no pensamento dos estudiosos, situa-se a pós-modernidade como uma fase cultural do capitalismo nos seus estágios mais avançados, em que a nova tecnologia da informação e de comunicação ocupa posição dominante na infra-estrutura econômica: em que os meios de comunicação de massa exercem papel importante, e o processo de consumo cultural é a própria essência do funcionamento do capitalismo. (p. 22)

A Pós-Modernidade provoca reações devido às suas mudanças no trabalho e na tecnologia, Lampert (2005) observa que há fragmentação, pluralismo, individualismo, incertezas e ameaça aos valores da cultura.

Lipovetsky e Charles (2004), contrários ao termo pós-moderno, exaltam a característica, contemporânea do grandioso, extravagante, hiper, e denominam hipermodernidade quando se referem ao mundo atual.

O pós de pós-moderno ainda dirigia o olhar para um passado que se decretara morto; fazia pensar numa extinção sem determinar o que nos tornávamos, como se tratasse de preservar uma liberdade nova, conquistada no rastro da dissolução dos enquadramentos sociais, políticos e ideológicos. Donde seu sucesso. Essa época terminou. Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto - o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? Ao clima de epílogo segue-se uma sensação de fuga para adiante, de modernização desenfreada, feita de mercantilização proliferativa, de desregulamentação econômica, de ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas. Tudo foi muito rápido: a coruja de Minerva anunciava o nascimento do pós-moderno no momento mesmo em que se esboçava a hipermodernização do mundo.

Longe de decretar-se o óbito da modernidade, assiste-se a seu remate, concretizando-se no liberalismo globalizado, na mercantilização quase generalizada dos modos de vida, na exploração da razão instrumental até a 'morte' desta, numa individualização galopante. (p. 53)

Bauman (2001) aborda a proximidade e o distanciamento entre o passado recente e o presente. Ele denomina o mundo atual, como Modernidade Líquida, para ele, os humanos continuam na Modernidade, já que foi o fim da crença em que Deus dá as ordens, e que os homens estão “vivendo por conta própria”. A Modernidade é o momento de pensar historicamente sobre si mesma. O passado recente se torna a parte sólida, pois era considerado um momento de liberdade individual e defesa da autonomia, uma luta contra a invasão do privado sobre o público. A fase “sólida” (Modernidade) passa a ser “líquida”, quando os elos que fixavam os projetos individuais em prol dos projetos e ações coletivas se liquidificam através da nova concepção de que cada indivíduo passa a se capacitar com o objetivo de ser mais flexível às incertezas do futuro e não por acreditar na transformação da sociedade como um todo.

Na Modernidade Líquida, a sociedade não possui estruturas fixas em suas relações, sejam elas familiares, amorosas, de emprego ou sociais. Bauman aponta, ainda, outros traços como: a incerteza da vida cotidiana, a insegurança na cidade, a precariedade dos laços afetivos e do trabalho, o privilégio do consumo em troca da produção, a troca do durável pela amplitude do leque de escolhas, o excesso de informações, etc.

Na Pós-Modernidade ou Modernidade Líquida ou Hipermodernidade, a globalização está afetando não somente os países pobres, mas também os desenvolvidos e ricos. É um trator sem limites. Passa por cima de todos os conceitos de humanidade. Trás consigo uma disparidade social avassaladora, gerando desemprego, pobreza, falta de condições básicas de sobrevivência. O desenvolvimento capitalista foi colocado em primeira instância, deixando claramente de lado o cuidado com o meio ambiente, a vida em comunidade e o sentimento de humanidade. Grande parcela da população é excluída

do processo de produção e da distribuição dos bens e serviços. Lampert (2005) mostra sua visão apocalíptica desses novos tempos:

A exclusão trará à humanidade, a médio e longo prazos, consequências incalculáveis e, a curto prazo, aumentará a pobreza, a miséria, a desigualdade, a desobediência civil e a violência em todos os níveis e esferas. Esse fenômeno provocará um medo generalizado em todas as instituições e a dificuldade de se viver de forma harmônica e equilibrada. (p. 25)

A Pós-Modernidade é símbolo de esquecimento de valores humanitários, o que se faz necessário é o culto ao corpo; a beleza e o capital estão acima das relações interpessoais. O sentimento de vazio que as pessoas sentem mediante tanta futilidade é ilusoriamente preenchido pelo consumo de objetos descartáveis. A insatisfação pessoal, gerada pela angústia de tantos problemas que circundam no cotidiano, é sanada pelo frequentar hipermercados e hiper shopping centers e fazer compras, pois é preciso ser hiper para ser bom e satisfatório. Lipovetsky e Charles (2004) discutem essa situação:

Nasce toda uma cultura hedonista e psicológica que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, coloca no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer. Consumir sem esperar; viajar; divertir-se; não renunciar a nada: as políticas do futuro radiante foram sucedidas pelo consumo como promessa de um futuro eufórico. (p.61)

Outras formas de consumismo e também de persuadir a população menos privilegiada de convicções são a televisão e a internet. Os programas televisivos são culturalmente degradantes. A violência é seu bem mais precioso e pauta certa em qualquer tipo de programação. É a “boca” da globalização, ou seja, é o conceito de liberdade das informações, que se pode obter de forma rápida, e quanto mais rápida, e mais barata, melhor. É uma ferramenta revolucionária, porém limitada. Revolucionária porque faz com que as informações circulem com enorme facilidade. Limitada porque só se consegue captar, com raras exceções, a superficialidade dos conteúdos, o que muitas vezes não apresenta a verdade, e não gera nenhuma confiança nos dados apresentados.

Neste contexto de transformações rápidas, informações globalizadas, tecnologias das informações construindo novas redes sociais, como a escola e, em especial, a escola de formação profissional se relacionam com o mundo, com os valores humanos, com a identidade de ser professor.

2.2 Identidade docente

A escola sempre foi a principal via de informações aos alunos, hoje os professores “concorrem” com a internet e a televisão. Lampert (2005, p.31) afirma que a “Pós-modernidade exige um novo perfil de profissional, ou seja, com visão ampliada, capacidade de liderança, de trabalhar coletivamente, que seja criativo, flexível e permanentemente atualizado, para atender as exigências do mundo capitalista.”

Definir identidade é bastante complexo, e cada autor tem seu ponto de vista sobre o assunto. A questão da identidade é abordada pela psicologia e pela sociologia, porém, este trabalho enfocará as relações sociais, e mais especificamente, as relações de caráter profissional, como os indivíduos se percebem em sua atividade profissional e como os outros os veem mediante uma identidade profissional. Faz-se necessário, neste momento do trabalho, apresentar quais são as discussões e quais enfoques são dados ao tema, já que não encontrei um autor que discuta exclusivamente a identidade docente. Essa evidência se encontra nas pesquisas bibliográficas levantadas. Cada autor trabalha com seu conceito específico, dessa forma, vou apresentá-los para que, a seguir, possa demonstrar qual foi minha escolha de referencial teórico.

O autor Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, em seu livro “Identidade”, inicia a discussão fazendo uma relação da nacionalidade, “identidade nacional”, com a identidade pessoal. Essa relação se faz com base em uma crítica: as pessoas podem se sentir “deslocadas” por fazerem parte de uma nação, em dadas situações constrangedoras em que a sociedade as coloca, e também assumir diversas identidades para cada situação. Ele cita uma passagem que ilustra bem essa afirmação:

Minha colega de trabalho e amiga Agnes Heller, com quem compartilho, em grande medida, os apuros da vida, uma vez se queixou de que, sendo mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa, estava sobrecarregada de identidades demais para uma só pessoa.” (BAUMAN, 2005, p.19).

Bauman diz que a identidade é um dilema e um desafio para a sociologia, já que antigamente esse assunto era exclusivo dos filósofos e, hoje, tornou-se bastante comum, e está em grande evidência.

Ciampa (1987) discute a identidade através da pergunta ao leitor: “quem é você?”. Dessa forma, é perceptível a preocupação com a questão pessoal de cada indivíduo, de como este se vê, se na verdade se conhece, se sabe quem ele próprio é, enfim se conhece a sua própria identidade. Aqui a identidade é vista como um auto-reconhecimento do indivíduo sobre suas atitudes, desejos, anseios, dúvidas, enfim, como se reconhece enquanto pessoa.

O autor ainda questiona a facilidade ou dificuldade em se responder à pergunta inicial sobre quem é você. Parece fácil responder sobre si. Afinal todos, supostamente se autoconhecem muito bem. Ou não? Isso é complicado e pode gerar dúvidas quanto a nós mesmos, levantando cada vez mais questionamentos sobre a própria identidade, já que um indivíduo que não sabe quem é de fato, não consegue de autoafirmar em suas decisões pessoais e profissionais. Ciampa faz uma relação com as novelas de TV, mencionando, por exemplo, que quando uma personagem descobre que o pai com quem convive não é seu pai biológico, essa questão a faz pensar que perdeu sua identidade. Para Ciampa (p.59): “[...] a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele”. Nesse momento, o autor já ultrapassa a questão de a identidade ser apenas individual, é preciso ter uma relação com o outro para que minha identidade se fortifique ou até mesmo, posso dizer, que ela se afirme.

O nome de uma pessoa é o que designa perante os outros, sua identidade. A identificação com o nosso nome faz com que nos identifiquemos com as pessoas,

principalmente com nossa família, nosso primeiro grupo social, já que é essa quem nos dá nosso nome e sobrenome. O primeiro nos identifica como diferente dos demais de nossa família, enquanto que o segundo nos iguala com ela. É uma questão de nos diferenciarmos e igualarmos ao mesmo tempo com nossos grupos sociais. Isso significa para Ciampa (1987, p.63) “a primeira noção de identidade”. Isso ocorre também quando afirmamos se somos homens ou mulheres, nos diferenciamos no gênero e nos igualamos na condição humana. O autor acrescenta:

O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc. (p.64)

O profissional de Hotelaria e Turismo, quando assume o papel de docente dessa área técnica, passa a se reconhecer nesse grupo social: escola, sala de aula, alunos, notas, ou seja, no ambiente escolar, e ali ele passa a ser o professor de Hotelaria e Turismo, é como se houvesse um reconhecimento recíproco, na escola o indivíduo é docente de Hotelaria e Turismo e não o turismólogo ou hoteleiro.

Ciampa (p.65) trás um reconhecimento de propostas teóricas de outros cientistas sobre o conceito de identidade: “dizer que a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural é aceitável para a grande maioria dos cientistas sociais.” O que vem complementar a citação anterior, visto que o indivíduo não pode ser visto separadamente, por seus aspectos biológicos, psicológicos, e que somente isso caracterize a pessoa, mas sim, um conjunto de elementos que se faz necessário à questão de relação com os demais, com a sociedade que o cerca. O indivíduo não nasce docente, por exemplo, ao longo de suas relações sociais, sua história e tradições, e até mesmo interesses, acaba por optar por essa profissão.

Uma vez que a identidade pressuposta é reposta, ela é vista como *dada* – e não como *se dando* num contínuo processo de identificação. É como se uma vez identificada a pessoa, a produção de sua identidade se esgotasse com o produto. Na linguagem corrente dizemos “eu sou filho”; dificilmente alguém dirá “estou sendo filho”. (p.66)

Com isso, me remeto novamente à minha pesquisa, se o profissional de Turismo e Hotelaria é identificado como professor, por seus alunos, colegas de trabalho, familiares, enfim por suas relações, significa então que ele é professor e não está sendo “apenas” professor? Mas, será que ele se identifica dessa forma?

O caráter temporal da identidade fica restrito a um momento originário, quando nos “tornamos” algo; por exemplo, “sou professor” (= “tornei-me professor”) e desde que essa identificação existe me é dada uma identidade de “professor” como uma posição (assim como “filho” também). Eu como ser social sou um ser-posto. (CIAMPA, 1987, p.66).

Quando o profissional de uma área qualquer se torna professor, passa a assumir tal posição que lhe é dada, e não consegue desvincular-se da denominação, pode até se aposentar, mas continua sendo conhecido como “professor”. Será que mesmo assim o

profissional de Turismo e Hotelaria não se identifica como docente da escola técnica? O que identifica, de fato, alguém como “professor”? Basta estar lecionando? Mas, a identidade docente implica em algo maior que dar aulas. Assumir integralmente o papel de docente, ou seja, além de formação específica, de técnicas em Hotelaria e Turismo para serem transmitidas ao aluno, a inserção de valores, postura, conhecimento científico, ética, cidadania. Não é que um turismólogo ou hoteleiro não possa se tornar professor, mas a identidade atribuída a esse indivíduo, pelo simples fato de ele lecionar, já poder ser classificado como professor, é equivocada. Também será trabalhada nesta pesquisa a questão da auto-identificação dos profissionais da área, com a docência.

Ciampa (1987) discorre sobre uma concepção de identidade:

[...] como permanência, como estabilidade; mais que uma simples concepção abstrata, é vivermos privilegiando a permanência e a estabilidade, e patologizando a crise e a contradição, a mudança e a transformação. Assim, como que estancamos o movimento, escamoteamos a contradição, impedimos a superação dialética. Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos Um e um em Outro, para chegarmos a ser Um, numa infundável transformação. (p.74).

Conforme o autor descreve acima, conceituar identidade é bastante complexo, pois trata-se de algo mutável, ou seja, que sempre está em mudanças e transformações. O principal é que não se pode falar de identidade sem falar das relações sociais existentes, identidade não pode ser trabalhada de forma singular, exclusiva, unitária, mas, em um todo social. E essa definição de identidade será utilizada em minha pesquisa, na análise dos dados empíricos coletados através das entrevistas com docentes de Turismo e Hotelaria, assunto que será abordado no próximo capítulo.

Dubar (2009) defende a questão da identidade em seu livro: “A crise das identidades” da seguinte perspectiva:

[...] a identidade não é o que permanece necessariamente “idêntico”, mas o resultado de uma “identificação” contingente. É o resultado de uma dupla operação linguageira: diferenciação e generalização. A primeira é aquela vista a definir a diferença, o que constitui a singularidade de alguma coisa ou de alguém relativamente a alguém ou a alguma coisa diferente: a identidade é a diferença. A segunda é a que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes de um mesmo outro: a identidade é o pertencimento comum. Essas duas operações estão na origem do *paradoxo* da identidade: o que há de único é o que é partilhado. (p. 13)

Essa defesa da identidade diferenciada e generalizada vem acrescentar à minha pesquisa, pois busco compreender como o profissional de Hotelaria e Turismo, em sua *singularidade*, ou seja, sozinho, por si mesmo, se vê no exercício da docência em escolas técnicas.

Dubar (2009, p.14) apresenta dois tipos de identidades: “as identificações atribuídas pelos outros (o que chamo ‘identidade para outrem’) e as identificações reivindicadas por si mesmo (‘identidades para si’)”. A identidade atribuída refere-se ao que os outros pensam, como rotulam você; em minha pesquisa necessito entender como as outras pessoas que convivem com os profissionais de Turismo e Hotelaria as identificam, se como guias de Turismo, hoteleiros ou docentes da área técnica. Também

faz parte da minha pesquisa investigar como esses profissionais de Turismo e Hotelaria se identificam, o que, para Dubar, se classifica como “identidade para si”. Em mais um momento, esse autor vem ao encontro das questões de minha pesquisa, acrescentando suas teorias sobre a identidade.

Identidade de ofício é, para Dubar (2009, p.141), a identidade que a pessoa tem pelo seu trabalho, que muitas vezes pode ter sido passada de pai para filho. É a existência de uma “comunidade”, da qual são transmitidas “maneiras de fazer, de sentir e de pensar”. Objetiva defender os interesses dos trabalhadores de uma determinada comunidade que possuem metas comuns. A questão é: será que os profissionais de Hotelaria e Turismo possuem essa identidade? E se a possuem em qual de seus ofícios seria: mercado de trabalho formal ou docência?

“O indivíduo não substitui o coletivo. [...] não há identidade do Eu sem identidade do Nós” (DUBAR, p.259). Isso mostra que para a pessoa se identificar com algo é necessário viver em sociedade, ou seja, é necessária a posição do outro para eu me identificar com determinada situação, não sendo possível existir identidade sem a figura do outro. A identidade é, pois, uma questão social e não individual - eu só me percebo como pessoa quando vejo o outro.

Minha pesquisa vem questionar como o profissional de Hotelaria e Turismo se identifica: na carreira formal ou na docência. Utilizando a linha de raciocínio de Dubar, questiono se esses profissionais sofreram alguma influência durante seu percurso, como: influência familiar ou de amigos, que seguiram carreiras a área de Hotelaria e Turismo, ou até mesmo na área da educação profissional. Se essa resposta for confirmada, evidenciará claramente a afirmação do autor sobre a necessidade do ‘Nós’ para gerar a identidade do ‘Eu’.

No livro “A socialização construção das identidades sociais e profissionais”, Dubar (2005), novamente trás à tona questões importantes sobre identidade, não especificamente docente, mas de operários de fábrica, contudo, essas questões cabem também na presente pesquisa.

Dubar apresenta uma divisão interna à identidade:

Identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro e a seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do outro.(p.135).

E sobre a questão da problemática explica:

Problemáticas, dado que a “experiência do outro nunca é vivida diretamente pelo eu [...] de modo que contamos com nossas *comunicações* para nos informarmos sobre a identidade que o outro nos atribui [...] e, portanto para nos forjarmos uma identidade para nós mesmos. (LAING apud DUBAR, 2005, p. 135)

A identidade é construída ao longo do tempo nas relações do Eu com o Outro, não é adquirida, por exemplo, em determinada época da vida ou logo que o ser humano nasce, vem se constituindo em seu percurso, conforme ele vai se relacionando. Como é que o outro me qualifica? Identidade não é estática e, sim, mutante. Porém não é

possível o Outro solucionar uma mesma situação vivida pelo Eu, pois a resolução é muito individual. Por isso, Dubar (2005) coloca como a identidade para si e para o outro como inseparáveis e ao mesmo tempo problemáticas.

O processo de socialização a identidade para o autor (p.136) é o “resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”.

Cada um pode ser identificado pelo outro, porém, pode não concordar com essa definição. Dubar (p.137) denomina atos de “atribuição” para esse fato, e atos de “pertencimento” para quando o Eu se pergunta do como gostaria de ser para si.

As relações entre as identidades ocorrem de forma objetiva, mas dependem das ações subjetivas para se constituírem.

No levantamento de pesquisas brasileiras sobre a temática da identidade docente temos: Ebisui (2004) que disserta sobre a identidade profissional do enfermeiro professor e aborda a relação existente entre o docente e seu aluno na área de enfermagem. A autora evidencia sua preocupação com a necessidade de o docente ensinar de forma humanizada, ou seja, com afeto, dedicação, de forma que todo o conceito social que envolve a profissão de enfermagem esteja apresentado em sua aula e na relação existente entre docente e discente. Além disso, observa, com o avanço da tecnologia no ambiente da enfermagem, esse aspecto tem sido negligenciado por muitos profissionais. É fundamental para ela que o ensino da técnica esteja agregado também com essa prática da valorização do ser humano.

De acordo com Ebisui (2004), o assunto identidade é abordado sob a seguinte perspectiva:

A construção da identidade constitui-se na identificação de um “diferente”, de uma fronteira (TEDESCO, 2002), o que implica na necessidade de abertura e no respeito aos outros, aos diferentes. Depreendemos que a identidade é construída de forma singular, estando intimamente associada com a história de vida pessoal, aliada à bagagem cultural de cada enfermeiro professor, a partir do crescimento compreendido e ancorado nas diferenças individuais. (p.41)

Em sua conclusão, Ebisui aponta a necessidade de o professor se aprimorar constantemente ao longo de seu percurso profissional para obter maior representatividade entre essa classe na docência. Sobre a identidade docente, ela aborda o seguinte aspecto:

Tanto a identidade pessoal, a social como a profissional é construída num processo de imersão dos indivíduos nos diversos mundos socializados, ou seja, através da interação com as famílias, grupos, escolas, amigos, etc. Confirmamos, através desta pesquisa, que a identidade do enfermeiro professor consiste em ser (re) construída de forma individual, de acordo com a história pessoal de vida, bagagem cultural e interesses singulares de cada um, definindo a sua própria estratégia e o uso pleno de suas potencialidades.

Ferreira (2006, p.75), durante a transcrição dos relatos dos professores, de sua pesquisa sobre identidade, destaca a seguinte afirmação:

Ao transcrever os relatos dos professores, identifico que a maioria não se vê como ator social, ou seja, autônomo de suas próprias ações, mas sim como um sujeito passivo, comandado, padronizado pelo sistema-escola onde atua.

E conclui:

“Ao lado dos pressupostos teóricos o sistema-escolar impossibilita a construção da identidade dos professores; isso os leva à sua negação como sujeitos profissionais. Mas, por conta dessa negação do sistema, os professores se auto-afirmam na perspectiva de ser e estar na profissão. Isso porque a construção da identidade perpassa por um processo de transformação em que vamos nos afirmando na história.”

Elisabete Zardo Búrigo (2004), em sua tese “O ensino técnico industrial segundo os professores: adaptações e resistências à reforma em duas escolas estaduais gaúchas”, também aborda alguns aspectos interessantes sobre a identidade docente. Búrigo analisa os professores entrevistados para sua pesquisa sob o seguinte enfoque:

Os auto-retratos desenhados nas falas dos professores envolvem a afirmação e a negação de sua identificação com técnicos e engenheiros, de um lado, e com os professores da educação básica, de outro. Não há uma figura de professor do ensino técnico industrial construída e partilhada, mas diferentes figuras que expressam valorações e articulações diferentes de elementos que poderiam constituir a referida profissionalidade. Esses elementos, relacionados ao conhecimento técnico na área ou disciplina de atuação, de um lado, e a uma competência pedagógica e uma ética da docência, de outro, aparecem ora imbricados, ora destacados ou claramente hierarquizados. (p.223)

A identidade se faz de forma individual e ao mesmo tempo coletiva, pois ninguém é, se não junto de uma sociedade, de um grupo profissional, familiar, de amigos, etc. O professor que atua na educação profissional na área de Hotelaria e Turismo se depara com a formação em sua graduação sendo uma atividade de prestação de serviços, sendo ensinadas para trabalhar em hotéis, agências, [...] não possuindo nenhuma formação na área de educação. Ao passar a ser um professor, assume características do seu entorno e de si mesmo que o levam a atuar com os conceitos de Hotelaria e Turismo, porém no ambiente escolar e não na “empresa”. Todas estas alterações criam a identidade profissional conflituosa, que vem a ser meu objeto de pesquisa.

3 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL – CENTRO PAULA SOUZA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a Instituição Centro Paula Souza, os Cursos Técnicos de Turismo e Hotelaria e, também, a formação docente oferecida aos professores do ensino profissional, para melhor elucidar a fonte de Pesquisa desta dissertação.

O Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) é uma instituição vinculada à Secretaria de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, órgão do Governo Estadual que tem por objetivo intensificar o desenvolvimento sustentável do Estado, estimular as vantagens competitivas das empresas e dos empreendedores paulistas, incorporar tecnologia aos produtos da região e fortalecer as condições para atração de investimentos no Estado. O Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) também é vinculado à Secretaria de Desenvolvimento. Tem por finalidade a articulação, a realização e o desenvolvimento da educação tecnológica, nos segundos e terceiros graus.

O CEETEPS é composto pelas Faculdades de Tecnologia (FATEC) e pelas Escolas Técnicas (ETEC). FATEC's são instituições públicas de ensino superior e ETEC's são instituições públicas de ensino médio e profissionalizante que ministram cursos concebidos e desenvolvidos para atender às necessidades e às exigências do mercado de trabalho.

O Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza foi criado por meio do Decreto-Lei de 06 de outubro de 1969, pelo então Governador de São Paulo, Dr. Roberto Costa de Abreu Sodré, para alavancar o ensino tecnológico no Estado de São Paulo. O CEETEPS iniciou suas atividades, como uma entidade autárquica destinada a articular, realizar e desenvolver a educação tecnológica nos graus de ensino Médio e Superior. Seus moldes de organização foram embasados na Alemanha, Suíça, França, Inglaterra e Estados Unidos. As décadas antecedentes à inauguração do Centro Paula Souza foram de grandes mudanças na economia brasileira.

O primeiro presidente do Conselho Deliberativo do Centro foi o engenheiro Alberto Pereira de Castro, Superintendente do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo (IPT).

Em 20 de abril de 1970, o Conselho Estadual de educação aprovou a instalação e o funcionamento do Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo (CEET), com os cursos na área de construção civil (Movimento de Terra e Pavimentação, Construção de Obras Hidráulicas, Construção de Edifícios) e dois na área de mecânica (Desenho Projetista e Oficina).

A primeira Faculdade de Tecnologia foi a FATEC Sorocaba, que passou a funcionar em 1971, e foi integrada ao CEET, oferecendo cursos na área de Mecânica. Somente em 1973 é que a FATEC São Paulo surgiu.

A instituição recebeu a denominação de Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza em 10 de abril de 1971, em homenagem ao engenheiro, político e professor Antônio Francisco de Paula Souza (1843-1917). Como o CEET

estava localizado em um prédio denominado Paula Souza (antiga sede da Poli) o Conselho Deliberativo do Centro Estadual de Educação Tecnológica, discutiu e aprovou a alteração de nome. Quando deputado estadual, Paula Souza criou o projeto de implantação da Escola Politécnica de São Paulo (1894), posteriormente incorporado à Universidade de São Paulo (USP), do qual foi diretor até sua morte.

Paula Souza nasceu em Itu, de uma família de estadistas, foi um liberal, tendo lutado pela República e Abolição da Escravatura. Em 1892 elegeu-se deputado estadual, ficando poucos meses no cargo, pois o Marechal Floriano Peixoto convocou-o ao Ministério do Exterior.

Formado em Engenharia em Carlsruhe, na Alemanha, e em Zurique, na Suíça, foi em toda sua vida pública um empreendedor e forte opositor da centralização do poder político-administrativo da Monarquia. Educador, esteve ligado à Poli por 25 anos. Seu desejo era introduzir no Brasil um ensino técnico voltado para a formação de profissionais preocupados com o trabalho e não apenas com discussões acadêmicas. Seu dinamismo em criar obras é um exemplo dessa preocupação. Criou um conceito novo de ensino e convidou especialistas europeus e americanos para lecionar na Poli, à frente da qual esteve como primeiro diretor, de 24 de novembro de 1894 a abril de 1917, quando faleceu, em São Paulo.

Sobre as atribuições do Centro, Queiroz (2007) comenta:

Entre as suas principais atribuições destaca-se a formação de recursos humanos, isto é, de técnicos e tecnólogos, formação de professores para o ensino técnico e prestação de serviços à comunidade. No início, o Centro dedicava-se apenas ao ensino superior. Os cursos para formação de professores tiveram início em 1977. Criado também para ministrar o ensino de nível médio, assumiu essa função a partir de 1981, com a integração inicial de seis escolas, até então geridas pelo setor privado, em convênio com o público. Em 1982 seis escolas técnicas da rede estadual passam a integrar o Centro, o qual organizou mais duas unidades. Em Janeiro de 1994 mais 82 unidades de escolas técnicas estaduais passaram a integrar o Centro: 35 voltadas para a área agrícola e o restante para os setores de indústria, comércio e serviços. Além disso, outras faculdades de tecnologia foram criadas em outras cidades do interior do estado. (p.4)

O CEETEPS, durante a primeira década de sua existência, ofereceu somente cursos superiores de tecnologia. O início da atuação no Ensino Técnico deu-se em 1981, com a transferência de seis escolas industriais, oriundas de convênio MEC/Secretaria Estadual de Educação – SEE/Prefeitura. Em 1982, outras seis escolas técnicas da Secretaria Estadual de Educação também foram transferidas para a Instituição.

Em 1994, no governo de Luiz Antonio Fleury Filho, o processo de transferência de escolas da SEE foi retomado, e mais de 82 unidades foram incorporadas ao Centro, das quais 35 eram da área agropecuária e 47 dos setores industrial, de gestão e de serviços.

As escolas, então incorporadas, trouxeram consigo graves problemas de infraestrutura, defasagem tecnológica de equipamentos, instalações precárias de oficinas e laboratórios, currículos desatualizados e corpo docente despreparado (professores sem formação superior). Tal quadro constitui-se, na época, um grande desafio à Administração Central da Instituição (CHAMON apud MONTROYAMA, 1995, p.361).

Diante da heterogeneidade verificada entre as Unidades de Ensino oriundas da rede pública estadual, foi necessário que o Centro Paula Souza adotasse estratégias de curto, médio e longos prazos, para garantir a continuidade dos cursos já iniciados, em um primeiro momento, e para atender as necessidades de melhoria da infraestrutura, equipamentos e reformulação curricular, posteriormente. (Ibid, p.362)

Atualmente, o Centro Paula Souza administra 191 Escolas Técnicas em 144 municípios e 49 Faculdades de Ensino Tecnológico presentes em 46 cidades paulistas. Possui, ainda, 111 classes descentralizadas vinculadas às ETEC's em municípios que não contam com ensino técnico.

São Paulo possui hoje a maior rede estadual de educação profissional gratuita do Brasil, o CEETEPS, que está voltado para os setores industriais, agropecuário e de serviços. São oferecidas 93 habilitações do ensino técnico nas ETEC's e mais de 51 cursos superiores de graduação tecnológica nas FATEC's, além de pós-graduação e pós-técnico. No segundo semestre de 2010, são 226.173 alunos estudando na Instituição. Desses, 130.229 são do ensino técnico das ETEC's, dos quais 49.612 estão cursando Ensino Médio e 46.332 estudando em FATEC's.

Existem diversas parcerias junto ao Centro, como o Projeto Telecurso TEC, com a Fundação Roberto Marinho, que é o ensino técnico a distância. Classes descentralizadas que funcionam com parcerias junto às empresas e prefeituras de cidades que ainda não possuem ETEC. Parcerias com a Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho, fundações e prefeituras em todo o Estado de São Paulo para cursos de qualificação e requalificação de jovens e adultos, que garantem formação inicial e continuada de trabalhadores. As salas de aulas dos Centros Educacionais Unificados (CEU's) do estado de São Paulo são utilizadas no período noturno para cursos técnicos, chegando a oferecer 7 mil vagas.

A FAT (Fundação de Apoio à Tecnologia) é a responsável pelos exames. A pessoa interessada em estudar no CEETEPS deve prestar um vestibulinho, para ETEC's, e o vestibular para FATEC's e assim que passar é um aluno do curso profissionalizante. A FAT aponta que 77% dos aprovados nas ETEC's, no primeiro semestre de 2009, fizeram o ensino fundamental em escola pública e que 70% dos aprovados em FATEC's fizeram ensino médio público. Entre os aprovados das ETEC's desse mesmo semestre, 76,7% pertencem a famílias que ganham até 5 salários-mínimos, e 82,9% dos aprovados nas FATEC's são de famílias que ganham até 3 mil reais.

O Centro Paula Souza,, como instituição dedicada à formação profissional, desenvolveu uma metodologia para se auto-avaliar, sendo o SAI (Sistema de Avaliação Institucional), SAIE (Sistema de Acompanhamento Institucional de Egressos) e Observatório Escolar. O primeiro está relacionado a uma avaliação interna da escola e sua comunidade e o segundo a uma avaliação do Centro Paula Souza com a escola.

O SAI desenvolveu-se em 1997 e se trata de um sistema de avaliação institucional constante. O Sistema pesquisa o processo de funcionamento das unidades, seus resultados e impactos na sociedade. A ideia surgiu quando se fez necessária uma determinada quantidade de dados (relação candidato/vaga, número de profissionais formados, desempenho pedagógico, atendimento de expectativas e empregabilidade) para as escolas organizarem melhor seu planejamento pedagógico e verificar a

satisfação dos alunos e da comunidade. O SAI acontece anualmente, e envolve alunos, pais, professores, funcionários e diretores das ETEC's e FATEC's.

O SAIE é uma ferramenta avaliadora da inserção e evolução de seus alunos formados no mercado de trabalho. É medido o grau de empregabilidade e desempenho profissional dos mesmos. As pesquisas acontecem via e-mail e correio, no período de um ano após a saída do aluno. Com esses dados, são emitidos relatórios para evidenciar a posição desses no mercado de trabalho. A média é de 80% de técnicos (alunos formados em ETEC's) empregados e 90% de tecnólogos (alunos formados em FATEC's).

O Observatório Escolar, implantado em 1998 é também anual e procura identificar eventuais fatores críticos e priorizar ações para melhoria de desempenho das ETEC's. É enviada uma lista de itens que devem apresentar as evidências que a ETEC realiza tais ações, como acompanhamento de diário escolar pelo coordenador de área, etc. É marcado um dia no mês de outubro (normalmente) em que dois ou três observadores vêm até a escola e avaliam todos os itens, e verificam a veracidade das evidências. Após essa "observação", ao final do ano, os dados são transformados em porcentagens e enviados para cada ETEC, indicando sua pontuação, determinando um ranking dentre todas as escolas em termos de qualidade, além de serem utilizados esses dados para a bonificação dos docentes ao final do ano.

Tanto o SAI, o SAAE e o Observatório Escolar são instrumentos utilizados no Planejamento do Projeto Pedagógico de cada Unidade de Ensino.

Tanto o SAI, em 2007, como o Observatório Escolar, em 2005, receberam o Prêmio Mário Covas- Inovações na Gestão Pública, na categoria Gestão de Recursos Humanos.

Importante se faz salientar, que a Coordenadoria do Ensino Técnico do CEETEPS, conta com um Laboratório de Currículo, trabalho esse desenvolvido por professores das diversas áreas, das diversas unidades de ensino que, em conjunto com profissionais que atuam no mercado de trabalho, atualizam os currículos das diversas habilitações oferecidas. Os docentes desenvolvem muitos projetos com seus alunos, recebendo, sempre que necessário, capacitações que venham ao encontro das inovações tecnológicas.

3.1 Educação Profissional em Turismo e Hotelaria

A escolha dos cursos oferecidos pelo CEETEPS dá-se a partir de duas etapas. O Governo determina as políticas de desenvolvimento e institui as grandes áreas de formação, enquanto as escolas e faculdades, juntamente com o setor produtivo, identificam as tendências do mercado e planejam o atendimento ágil dessas demandas.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico na área Profissional, no Parecer 11/2008, aprovado em 12 de junho de 2008, a área de Hospitalidade e Lazer, na qual os cursos de Turismo e Hotelaria se encontram:

Compreende tecnologias relacionadas aos processos de recepção, viagens, eventos, serviços de alimentação, bebidas, entretenimento e interação.

Abrange os processos tecnológicos de planejamento, organização, operação e avaliação de produtos e serviços inerentes ao Turismo, à hospitalidade e ao lazer.

As atividades compreendidas neste eixo referem-se ao lazer, relações sociais, Turismo, eventos e gastronomia, integradas ao contexto das relações humanas em diferentes espaços geográficos e dimensões socioculturais, econômicas e ambientais. A pesquisa, disseminação e consolidação da cultura, ética, relações interpessoais, domínio de línguas estrangeiras, prospecção mercadológica, marketing e coordenação de equipes são elementos comuns deste eixo.

São traços marcantes da organização curricular destes cursos: ética, educação ambiental, normas técnicas e de segurança, historicidade, empreendedorismo, redação técnica, além da capacidade de trabalhar em equipes, com iniciativa, criatividade e sociabilidade.²

Os cursos de Turismo e Hotelaria fazem parte do Eixo Tecnológico de Hospitalidade e Lazer, mas atualmente possuem as seguintes denominações: Curso Técnico em Hospedagem e Curso Técnico em Agenciamento de Viagens ou Curso Técnico em Turismo Receptivo, mediante ao ajuste feito de acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos do Ministério da Educação (MEC).

Segundo o CEETEPS:

O Técnico em Hospedagem é o profissional que atua na recepção e governança em meios de hospedagem. Executa atividades operacionais de recepção e atendimento a clientes, serviços de andares, comercialização e marketing de produtos turísticos, além da realização de reservas. Orientando suas ações pelos critérios de qualidade na prestação de serviços, presta suporte ao hóspede durante sua estada, valorizando as características culturais, históricas e ambientais do local de sua atuação. Mercado de trabalho: meios de hospedagem: hotéis, pousadas, flats ou resorts, bem como embarcações e hospitais.³

E continua:

O Técnico em Agenciamento de Viagem é o profissional que desenvolve atividades de venda e serviço de pós-venda de produtos turísticos. Elabora roteiros de viagem, pacotes turísticos, emissão de bilhetes e orientação ao viajante. Realiza consultoria de viagens sobre roteiros e destinos, em conformidade com as demandas da atividade turística, assim como executa serviços de guiamento. Mercado de trabalho: agências de viagem e operadoras, transportadoras turísticas e organismos turísticos públicos ou privados.⁴

Quanto ao perfil do profissional do curso de Turismo Receptivo, diz:

² Catálogo Nacional de Cursos Técnicos do MEC. Eixo Tecnológico: Hospitalidade e Lazer. Disponível em: <http://catalogonct.mec.gov.br/et_hospitalidade_lazer/et_hospitalidade_lazer.php>. Acesso em: 28 ago. 2010

³ Centro Paula Souza. Perfil Profissional. Técnico em Hospedagem. Disponível em: <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/Cursos/ETE/hospedagem.html>>. Acesso em:

⁴ Centro Paula Souza, Perfil Profissional. Agenciamento de viagem. Disponível em: <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/cursos/etec/agenciamento-viagem.html>>. Acesso em: 29 ago. 2010.

O Técnico em Turismo Receptivo é o profissional que recebe / acolhe o turista em agências de Turismo, meios de hospedagem, restaurantes e empresas organizadoras de eventos. Organiza roteiros históricos, culturais e educativos, assim como desenvolve atividades inerentes a arte da hospitalidade. Presta informações, assistência e orientação técnica ao turista. Mercado de trabalho: hotéis, restaurantes, bares, buffets, agências de viagem, operadoras turísticas, aeroportos, postos de informações turísticas, parques, camping e eventos.⁵

Na Revista do Centro Paula Souza (O FUTURO, 2010), foram apresentadas estatísticas referentes à empregabilidade de alguns cursos, entre eles, Hospedagem aparece com 78,4%, possuindo uma renda média de 1,5 salários-mínimos. Os cursos de Turismo possuem uma média de 67,2% de empregabilidade e uma renda média de 1,7 salários-mínimos.

O coordenador do Ensino Técnico do Centro Paula Souza, Almério de Araújo, observa o seguinte, na mesma revista: “Geralmente encontramos recepcionistas, garçons e outros servidores muito simpáticos e pouco eficientes. Por isso, é necessário melhorar a formação na área de hospitalidade, já que simpatia não garante um bom atendimento”.

Angelo Cortelazzo, coordenador do ensino superior, ainda na mesma publicação, afirma: “A realização de eventos internacionais de grande porte exigirá uma formação escolar diferenciada, principalmente no setor turístico. O domínio do segundo e terceiro idiomas, não só nesse setor, mas de forma geral, merece toda a atenção.”

As cidades que possuem ETEC's com cursos de Hospedagem são: Amparo, Atibaia, Cruzeiro, Guarujá, Iguape, Ilha Solteira, Itu, Jundiaí, Mococa, Santo André, São Paulo e São Roque.

Os cursos de Turismo Receptivo em ETEC's se concentram nas cidades de: Americana, Capão Bonito, Guaratinguetá, Guarujá, Iguape, Ilha Solteira, Itapetininga, Itu, Jundiaí, Mococa, Mongaguá, Pindamonhangaba, Santana de Parnaíba, São Paulo, São Pedro, São Roque, São Sebastião e Sorocaba.

Para ingressarem nos cursos técnicos do CEETEPS, é preciso, além da aprovação no vestibulinho, que os alunos estejam cursando, no mínimo, o segundo ano do ensino médio.

3.2 Formação docente no Centro Paula Souza

O Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETEPS por intermédio da Faculdade de Tecnologia de São Paulo – FATEC – SP, de 1977 a 1999, ofereceu, de forma regular, formação pedagógica para professores que trabalham no ensino técnico, inicialmente com cursos de Esquema I para graduados, e Esquema II para técnicos (Formação de Professores de Disciplinas Especializadas para Habilitação do Ensino Médio) com base na Portaria MEC n.432 de 19/07/1971 e Resolução CFE n.03, de 25/02/1977.

⁵ Centro Paula Souza. Perfil Profissional. Turismo Receptivo. Disponível em: <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/cursos/etec/Turismo-receptivo.html>>. Acesso em: 28 ago. 2010.

Em 1977, o Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução CNE n.02/97, dispondo sobre os Programas Especiais de Formação Pedagógica de Docentes para as Disciplinas do Currículo do Ensino Médio e da Educação Profissional de Nível Médio, para substituir os cursos de Esquema I e II.

O Conselho Estadual de Educação, através do Parecer CEE n70/98, autorizou a FATEC – SP a substituir o curso de Esquema I (regulamentado pela Portaria MEC n432/71) pelo Programa Especial (instituído pela Resolução CNE 02/97) “de formação de docentes apenas para as disciplinas de educação profissional em nível médio”. O curso foi oferecido em 1998 e 1999 mediante um convênio assinado entre Centro Paula Souza e a Associação dos Profissionais da educação – APETESP.

No ano 1999, o curso deixou de ser ministrado apenas pela FATEC – SP e foi desenvolvido em vários locais, Faculdades de Tecnologia de: São Paulo, Sorocaba, Americana, da Baixada Santista, Guaratinguetá, Jaú, Taquaritinga e extensão de Ourinhos; nas Escolas Técnicas: José Martimiano da Silva, em Ribeirão Preto; Jorge Street em São Caetano do Sul e Philadelpho Gouveia Neto, em São José do Rio Preto.

Em 2000, o curso foi suspenso temporariamente para uma reformulação em seu projeto, considerando que o Conselho Estadual de Educação expediu a Indicação 08/2000, publicada no DOE de 11/07/2000, seção I, p.18 em que estabelece que “estão habilitados para a docência na Educação Profissional de Nível Técnico, os profissionais licenciados (licenciatura plena ou programa especial de formação) na área profissional objeto do curso e no correspondente componente curricular”. Os graduados “na correspondente área profissional ou de estudos” poderão ser admitidos para a docência na Educação Profissional de Nível Técnico, “na falta de profissionais licenciados”, desde que “devidamente autorizados pelo respectivo órgão supervisor”. O Conselho Estadual de Educação ainda exige que “na falta de profissionais com licenciatura específica e experiência profissional comprovada na área objeto do curso, o estabelecimento de ensino deverá propiciar formação em serviço, apresentando, para tanto, plano especial de preparação de docentes ao respectivo órgão superior”.

A exigência, na realidade, reproduz a orientação do Conselho Nacional de Educação ao estabelecer que “a preparação para o magistério na educação profissional de nível técnico se dará em serviço, em cursos de licenciatura ou em programas especiais.” (Resolução CNE/CEB 04/99, artigo 17).

Ciente da considerável quantidade de professores nas ETEC’s que não possuíam a competente licenciatura nos componentes curriculares que lecionavam, o Centro Paula Souza promoveu o desenvolvimento do Programa de Formação Pedagógica de Docentes, no período de setembro de 2007 a junho de 2008.

A fim de minimizar os transtornos dos deslocamentos e as despesas de transporte foram criados polos do Programa em grandes cidades do estado, a saber: Bauru, Campinas, Franca, Guaratinguetá, Marília, Mococa, Ourinhos, Presidente Prudente, Santos, São Bernardo do Campo, São Carlos, São José do Rio Preto e Sorocaba.

Em 2009 não foi oferecido o Programa. Por ser um “Programa Especial”, não é oferecido de forma regular anualmente.

Em abril de 2010, com término previsto para dezembro, está sendo oferecido o segundo Programa nos polos regionais das cidades de: Americana, Campinas, Franca, Guaratinguetá, Marília, Santos, São Bernardo do Campo, São Carlos, São José do Rio Preto, São Paulo e Sorocaba.

Esse novo curso tem como objetivo, ao indicar algumas competências que o docente do ensino técnico deve possuir, apontar as competências que um curso de Licenciatura deve proporcionar-lhe. A elaboração desse perfil ou o delineamento das competências do professor do ensino técnico torna-se necessário para a construção do “projeto pedagógico do curso” a ser desenvolvido (Deliberação CEE 10/2000) e para se evitar “programas que sejam mera repetição daqueles apropriados para cursos regulares de licenciatura” (Indicação CEE 13/1999).

Segundo Ramos et al (2007), a Resolução CP/CNE n. 02, de 26/06/1997, afirma a finalidade do curso:

Suprir a falta nas escolas de professores habilitados, em determinadas disciplinas e localidades em caráter especial e destina-se a portadores de diploma de nível superior, em cursos relacionados à habilitação pretendida, que ofereçam sólida base de conhecimentos na área de estudos. (p. 16)

Ramos et al apontam o perfil desejado do professor com esta formação e assinala detalhes sobre o novo currículo adotado:

Outro pressuposto muito considerado na elaboração desse novo projeto foi a reflexão sobre a formação dos docentes para as disciplinas técnicas especializadas que, por suas particularidades, é diferente da formação dos professores do ensino médio de cunho propedêutico.

O perfil que se deseja do professor para o ensino técnico é de um profissional preparado para um outro contexto amplamente envolvido por novas concepções de produção científica e tecnológica. A escola precisa introduzir a prática do aprender pelo fazer, porém os prognósticos da educação para o século 21 indicam que aprender a fazer deve superar o significado simples de preparar alguém para determinada tarefa, e considerar que o trabalho humano assume, cada vez mais, caráter cognitivo com ênfase em atividades de concepção, planejamento, execução, controle e avaliação.

O novo currículo, mais rico e diversificado, organiza-se para uma prática educativa interdisciplinar, flexível e contextualizada, com ênfase em novas competências profissionais e nova proposta de avaliação. O que significa que a demora em retornar o Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes é agora recompensada com uma formação atualizada e mais sólida. (p.14)

As disciplinas apresentadas no curso são: Currículos da Educação Profissional, Didática, Educação e Trabalho, Estrutura da Educação Profissional, Gestão na Escola e da Educação Profissional, Metodologia de Ensino, Metodologia de Pesquisa, Psicologia do Ensino e Aprendizagem e Tecnologias de Ensino.

Os certificados são emitidos pela Faculdade de Tecnologia, conforme Polo Regional de matrícula.

Abaixo um resumo:

Polo Regional	Unidade de Ensino	FATEC Certificadora
Campinas	ETEC	Americana
São Carlos	ETEC	Americana
São José do Rio Preto	ETEC	Sorocaba
Sorocaba	ETEC	Sorocaba
Americana	FATEC	Americana
Franca	FATEC	Jaú
Guaratinguetá	FATEC	Guaratinguetá
Marília	FATEC	Marília
Santos	FATEC	Baixada Santista
São Bernardo do Campo	FATEC	São Bernardo do Campo
São Paulo	FATEC	São Paulo

O Centro Paula Souza vem adotando providências, de âmbito interno, no sentido de priorizar a seleção de docentes habilitados legalmente, em comparação com aquelas que apenas dispõem de graduação em nível superior, mas não possuem licenciatura. Assim, desde a edição da Portaria CEETEPS 93 de 02/12/1996 (publicada no DOE de 04/12/1996, seção I, P.23 e 24) dá-se preferência, na atribuição de aulas, aos professores licenciados em detrimento dos apenas graduados e daqueles classificados em outras situações (artigo 7).

O grande impasse para esse curso foi sua demora exagerada, um período de oito anos sem ser oferecido, com isso muitos professores só foram realizá-lo após já terem uma carga grande de trabalho docente.

Conhecendo da expressiva demanda ainda existente para a habilitação de docentes para a ministração de aulas nos componentes curriculares do ensino técnico no Estado de São Paulo, abriram-se algumas vagas no curso, a professores que trabalham com ensino técnico, fora da rede da Instituição, uma vez que há poucos cursos de licenciatura que formam docentes para a Educação Profissional.

Agora que este capítulo foi apresentado, é possível compreender melhor o capítulo a seguir que será a apresentação e análise da pesquisa de campo com docentes que atuam nos cursos de Turismo e Hotelaria do CEETEPS.

4 PESQUISA DE CAMPO

Esse capítulo pretende descrever uma pesquisa, realizada com professores, visando compreender a trajetória de docentes das áreas de Hotelaria e Turismo, a fim de identificar como se tornam professores “técnicos”. Tem como problema de pesquisa as seguintes questões: Como professores do ensino técnico se percebem? Qual a trajetória desses profissionais até a sala de aula?

A hipótese é que os professores valorizam mais a área técnica, voltada ao mercado, do que a docência, e sua trajetória pode estar relacionada à falta de oportunidades no mercado formal ou apenas ao desejo de um complemento salarial.

4.1 Objetivos

Objetivo geral: compreender a possibilidade de identidade profissional, num contexto contemporâneo, marcado pelas incertezas.

Objetivo específico: identificar como professores do ensino técnico de Hotelaria e Turismo percebem sua trajetória e identidade na atuação docente.

4.2 Método

Toda dissertação demanda uma necessidade de escolha de um método para a pesquisa, um caminho a ser trilhado. Minayo (2004) define a metodologia científica como o caminho do pensamento e da prática, exercida nas concepções teóricas de abordagem, no conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e no potencial criativo do investigador.

A escolha da técnica de entrevista individual, semiestruturada, delineia uma pesquisa qualitativa. Segundo Goldenberg (2003), na pesquisa qualitativa, a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo que está sendo estudado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, uma organização, uma instituição. Afirma que há um grande desafio nesse tipo de pesquisa, um exercício para aprender a pensar cientificamente, com criatividade, organização, clareza e, acima de tudo, saber.

Enquanto método caracterizado pela empírea e pela sistematização, a abordagem qualitativa propicia a construção de instrumentos fundamentados na percepção dos atores sociais, tornando-se, assim, válida como fonte para estabelecimento de indicadores, índices, variáveis, tipológicas e hipóteses. Além disso, ela permite interpretações mais plausíveis dos dados quantitativos, auxiliando na eliminação do arbitrário que escorrega pela operacionalização dos modelos teóricos elaborados longe das situações empiricamente observáveis. (MINAYO, 2004, p.78)

Thiollent (1988) afirma que ao elaborar uma investigação não se segue uma série de fases, rigidamente ordenadas, embora se deva seguir uma ordem sequencial no tempo. É preciso estipular um ponto de partida, que trata da fase exploratória, e um ponto de chegada, os resultados. Porém, nesse percurso, muitos fatos vão ocorrendo de forma até mesmo aleatória ao planejamento do pesquisador.

O ponto de partida desta dissertação foi uma série de inquietações relativas a posturas docentes no ensino técnico. De modo geral, os professores que ministram aulas em escolas técnicas, são profissionais da área, com experiência no mercado de trabalho, que vão dar aulas por diferentes razões. No momento de assumir a função de professores (que passam a exercer), não se consideram eles próprios como professores, sentem apenas que “estão” professores. Diferença sutil entre ser e estar, o que falta? Será a formação específica? Mas o contrato de trabalho é de professor ou é de engenheiro, hoteleiro, turismólogo? Enfim, tais questões me levaram a investigar um grupo de professores, docentes do CEETEPS (Centro Estadual de Educação tecnológica Paula Souza), na área de Hotelaria e Turismo, de Sorocaba, São Roque, Amparo e Itu, todas cidades do interior de São Paulo.

4.2.1 Instrumento

Como instrumento para a coleta dos dados foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado, com questões sobre formação profissional, trajetória profissional, identidade docente, hierarquia de prestígio e autonomia profissional (Apêndice B). A entrevista semiestruturada foi definida por Thiollent (1988, p.35), como um procedimento aplicado a partir de um pequeno número de perguntas. Também foi utilizada uma “conversação”, a partir de um dado tema geral.

4.2.2 Procedimento

Os contatos foram feitos pessoal e individualmente e por telefone com professores de quatro escolas Técnicas do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). Explicados os objetivos e interesses da pesquisa, seguindo procedimentos da ética de pesquisa com seres humanos, foi lido e entregue o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A), o qual deixa claro os objetivos e o caráter voluntário da pesquisa, assegurando o sigilo dos dados pessoais. Foi agendado o horário de entrevista com os interessados em participar, obedecendo aos locais e a hora por eles estipulados. De maneira geral, os locais escolhidos pelos professores foram: a escola em que trabalham; a própria casa ou um shopping center.

As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2009, com dez professores, que naquele momento atuavam na formação profissional técnica de Hotelaria e Turismo. Todos os entrevistados concordaram com a gravação da entrevista, que teve duração média de 60 minutos.

As entrevistas foram transcritas (Apêndice C), com o cuidado em deixar as respostas de acordo com as falas dos entrevistados, incluindo o uso coloquial da linguagem. Apenas na citação de nomes, esses foram alterados por outros, fictícios, ou não mencionados.

4.3 Resultados e Análises

Os resultados serão apresentados seguindo um perfil dos professores, e os dados das respostas agrupados de acordo com as respostas, identificando: a) Trajetória profissional; b) Percepção como profissional e Hotelaria e o Turismo; c) Trajetória como docente; d) Percepção como professor no curso de Hotelaria e o Turismo; e) Avaliação da carreira.

Para a análise das respostas, foi utilizada a técnica de “análise de conteúdo”, que consiste em dois momentos simultâneos: primeiro, a leitura “vertical” de cada entrevista, que gerou um resumo bastante intenso, utilizado para análise detalhada e individual; segundo, a criação de um quadro que organiza todas as falas dos entrevistados segundo os grandes temas acima apresentados, gerando uma leitura “horizontal”, contendo as análises, mostrando suas convergências e divergências sobre as categorias propostas.

Os dez professores serão denominados **P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9 e P10**, dessa forma são preservadas suas identidades.

4.3.1 Perfil dos entrevistados

Dentre os dez entrevistados, seis são formados em Turismo e quatro em Hotelaria. Esta quantidade não foi preestabelecida, pois as escolas eleitas foram de duas regiões turísticas, do interior: Região de Itu e do Circuito das Águas, portanto não se sabia previamente qual seria o maior número de docentes encontrados por formação. Os docentes analisados concentram-se nas seguintes cidades do interior: Itu, São Roque, Sorocaba e Amparo. A cidade de Amparo contou com 50% dos docentes entrevistados, ou seja, existe uma grande concentração de professores de Hotelaria e Turismo e de salas de aula nesta região, visto que é uma região muito famosa para a prática do Turismo, em suas diversas faces: para a terceira idade, por suas termas com águas medicinais e pelo vasto percurso de venda de malhas.

Em questão de gênero (Gráfico 1), o masculino prevaleceu, embora nos cursos de Hotelaria e Turismo a grande maioria dos alunos é do gênero feminino. Somente uma docente mulher atua no curso técnico em Hotelaria, as demais atuam no curso técnico em Turismo. A maioria dos docentes entrevistados têm entre 30 e 40 anos (Gráfico 2) e muitos assumiram a carreira docente logo após sua formação na Graduação de Hotelaria ou Turismo.

Com relação à formação docente, somente um é formado por curso livre na área de Turismo (guia de Turismo e agente de viagens), os demais são graduados, sendo quatro bacharéis em Turismo, três bacharéis em Hotelaria, uma tecnóloga em Hotelaria e uma técnica em Turismo (Gráfico 3). Cinco dos professores entrevistados possuem a formação no Esquema I, curso oferecido pelo Centro Paula Souza (conforme explicado no Capítulo “Formação Docente no Centro Paula Souza”). Os demais ainda não tiveram a oportunidade de realizá-lo ou por ainda não estar na ETEC na época em que foi oferecido ou por falta de tempo em cursá-lo, porém todos que não fizeram mostraram interesse em participar, quando houver a próxima turma.

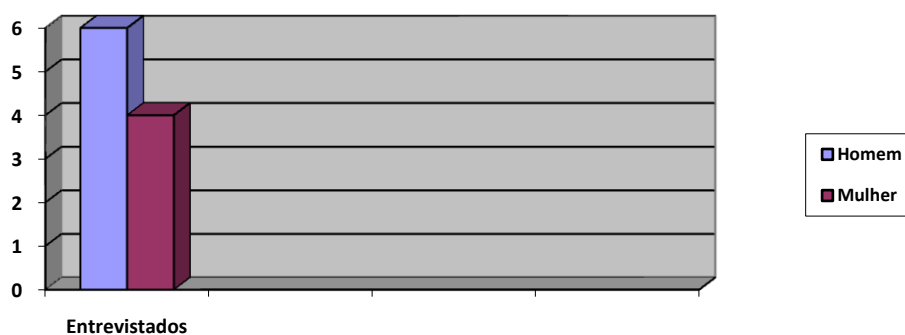


Gráfico 1: Número de entrevistados quanto ao gênero

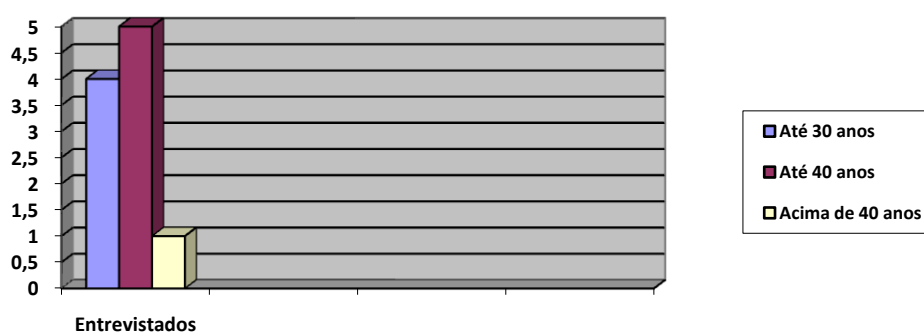


Gráfico 2: Número de entrevistados de acordo com faixa etária.



Gráfico 3: Número de entrevistados quanto a Formação Acadêmica

4.3.2 Respostas dos professores entrevistados

As respostas foram agrupadas e serão apresentadas na tentativa de mostrar: a) Trajetória profissional; b) Percepção como profissional em Hotelaria e o Turismo; c) Trajetória como docente; d) Percepção como professor no curso de Hotelaria e o Turismo; e) Avaliação da carreira.

A) TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Incluindo na trajetória profissional, desde os motivos que levaram a escolha profissional, até o exercício da profissão, local, tempo, aspectos positivos ou não do contexto do trabalho, enfim percepções da carreira.

Quanto aos motivos de escolha, os docentes entrevistados apresentam uma afirmação sobre a crescente expectativa de desenvolvimento da área de Turismo e Hotelaria no mercado de trabalho e, de certa forma, foi esse um dos motivos apontados para a escolha pela área. Os entrevistados também apontaram dúvidas nas suas escolhas de que carreira profissional seguir, às vezes apontando a carreira em Direito como uma opção anterior ao curso de Turismo ou de Hotelaria.

Por que escolhi Hotelaria? Pela promessa da profissão, uma área que está crescendo, na verdade é nova, então resolvi arriscar. (P4)

Em função de ser uma área na qual atuamos em lugares diferentes, com pessoas. Não existe aquele compromisso de você estar preso dentro de uma sala, fechado dentro de um espaço. Então essa liberdade é que acabou me conduzindo para essa área. (P3)

[...]Jeu escolhi Hotelaria porque queria mudar um pouco, eu sempre quis direito, mas fiz Hotelaria pelo contato com as pessoas e era uma área que tava crescendo, então era mais fácil de trabalhar fora do país.(P1)

A indecisão pode ser um dos reflexos da contemporaneidade em que vivemos. As pessoas desejam, buscam, duvidam de suas decisões em um curto espaço de tempo. As decisões se pautam mais pelo que o mercado de trabalho pode oferecer e do que por suas próprias vontades, características e ou vocações. A escolha da atuação profissional pode sofrer influência do quanto se vai ganhar, do status que pode proporcionar; por vezes esquecendo o quanto esta profissão pode satisfazer a pessoa, como ser humano, em que ou a quem se pode ajudar com aquela profissão.

A escolha dos entrevistados pelo Turismo e pela Hotelaria foi, de certa forma, também uma decisão por estar em uma área nova, em que poucos atuam e que gera uma grande expectativa de possibilidades profissionais. Na época em que decidiram pela área, aquele era um momento de grande crescimento do número de cursos nesse setor e de grandes promessas profissionais. De certa forma, existiu um contexto favorável, se é que posso dizer assim, em que fazer Hotelaria e Turismo, era uma moda, algo totalmente inovador.

A referência a “estar à frente da tendência de estilo” transmite a promessa de um alto valor de mercado e uma profusão de demanda (ambos traduzidos como certeza de reconhecimento, aprovação e inclusão). (BAUMAN, 2008, p.108)

Quanto ao ingresso dos entrevistados na área de Turismo e Hotelaria, alguns colocam o trabalho anterior, mesmo sem qualificação formal do curso, ou seja, eles já atuavam no setor (lembramos que algumas cidades que possuem os cursos analisados, vivem do Turismo). Outros apontam indicação, currículo e entrevistas como o processo de ingresso ao mercado de trabalho. É visível, nas falas dos entrevistados, que não

existiu um processo de seleção específica, ou seja, na maioria dos casos, a indicação foi o fator que prevaleceu para assumirem a função na área de Turismo e Hotelaria, podendo ser em hotéis, agências de viagens, secretarias de Turismo, como guias de Turismo ou recreação. O que prevaleceu foram relatos de estágio na época da escola. Alguns não tiveram outra forma de trabalho, que não o estágio.

Bom, eu fiz bastante estágio dentro da minha área em um grande hotel. E o meu primeiro emprego em carteira foi aqui em Itu, através de entrevista, mandei currículo e depois trabalhei em São Paulo também, mandando currículo, mas com gente já dentro do hotel. Não adianta mandar currículo sem ter alguém o conhecimento de alguém. (P1)

E no Turismo já é aleatória a forma como é selecionada a pessoa que vai trabalhar na área. Porque você tem que se colocar no mercado. No Turismo é assim, você tem que se colocar no mercado, você tem que levar seu currículo em agência, você tem que mostrar seu trabalho, muitas vezes você tem que trabalhar voluntariamente em monitorias, em cursos, para aprender mesmo. E aí consegue dessa forma contatos, no Turismo tudo é contato, não é de outra forma. (P2)

Na verdade assim, eu comecei já como estagiário na secretaria de Turismo aqui. Então, num período dos dois anos últimos da faculdade, eu estava cursando a faculdade eu já iniciei no estágio. Daí eu terminei o curso e automaticamente aconteceu esse desligamento. E paralelo a isso eu trabalhava com recreação em hotéis. (P5)

Assim, a pessoa, o desligamento dela, foi ela mesma que solicitou. Então praticamente eles já entraram em contato comigo pra ver essa disponibilidade. Então na realidade foi justamente isso, foi uma indicação que já havia [...]. (P5)

Para falar a verdade, antes de entrar na faculdade eu já trabalhava no Turismo. Eu comecei a trabalhar novinha, com 15 anos na área de recreação. (P8)

Foi apontada, também, a necessidade de se “vender” para conseguir um emprego é uma situação própria do consumismo que vivenciamos na vida contemporânea. O consumismo ao qual me reporto aqui não é o de compra ou venda de roupas, por exemplo, é o mercado de trabalho consumindo de forma voraz seus pretendentes e selecionando cada vez mais de forma gananciosa. É como se todos os formados estivessem em uma prateleira do “supermercado de trabalho” e as empresas viessem ali para comprar os profissionais mais capacitados, mais bem preparados, sempre os “mais” e “mais”, por isso me refiro à situação do profissional de Turismo e Hotelaria que deve encontrar uma alternativa para estar melhor na prateleira, se caso quiser trabalhar. Segundo Bauman (2008),

Os colegas de ambos os sexos que expõem suas qualidades com avidez e entusiasmo na esperança de atrair a atenção para eles e, quem sabe, obter o reconhecimento e a aprovação exigidos para permanecer no jogo da sociabilidade; os clientes potenciais com necessidade de ampliar seus registros de gastos e limites de crédito para obter um serviço melhor; os pretensos imigrantes lutando para acumular pontuação, como prova da existência de uma demanda por seus serviços, para que seus requerimentos sejam levados em consideração – todas as três categorias de pessoas,

aparentemente tão distintas, são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma *mercadoria* atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são *elas mesmas*. (p.12)

E acrescenta:

São, ao mesmo tempo, os promotores *das mercadorias* e *as mercadorias que promovem*. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores (e permitam-me acrescentar que qualquer acadêmico que já se inscreveu para um emprego como docente ou para receber fundos de pesquisa vai reconhecer suas próprias dificuldades nessa experiência). Seja lá qual for o nicho em que possam ser encaixados pelos construtores de tabelas estatísticas, todos habitam o mesmo espaço social conhecido como *mercado*. Não importa a rubrica sob a qual sejam classificados por arquivistas do governo ou jornalistas investigativos, a atividade em que todos estão engajados (por escolha, necessidade ou, o que é mais comum, ambas) é o *marketing*. O teste em que precisam passar para obter os prêmios sociais que ambicionam exige que *remodelem a si mesmos como mercadorias*, ou seja, como produtos que são capazes de obter atenção e atrair *demanda e fregueses*. (p.13)

De modo geral, a atividade profissional em Hotelaria e Turismo foi pouco exercida pelos entrevistados, no campo de atuação específico, existem alguns exemplos de atuação em treinamentos e consultoria na área como função exercida e de forma autônoma, por conta da já atuação como docente. O que quero dizer é que muitos entrevistados tiveram a docência como primeiro emprego, e se mantêm como professores, porém, quando lhes fiz a pergunta sobre sua atuação em Hotelaria e Turismo, me responderam que são consultores ou já prestaram algum treinamento, conforme P6 e P4 explicam. Parece-me que para estes entrevistados lecionar e treinar não é diferente, mas sim sinônimos. É como se o treinamento de funcionários de um hotel, por exemplo, fosse uma extensão da sala de aula. Como se a consultoria para melhorar o atendimento fosse uma aula dentro de um hotel, sem diferença. Creio que esse pensamento se faz, por conta de no ensino técnico, a exigência para que o aluno seja inserido no mercado de trabalho é tão grande que se confunde também com os professores. Porém, acredito que, dentro da escola, o docente deve fazer muito mais do que ensinar o aluno de Turismo a guiar um grupo, ou o modo correto de arrumar uma cama para o aluno de Hotelaria. Existem questões ligadas à cidadania, à ética, que são fundamentais e devem ser desenvolvidas em sala de aula, muito além dos conhecimentos meramente técnicos.

A escola, enquanto instituição cuja especialidade é o desenvolvimento de um saber geral – em contraposição ao saber específico, desenvolvido no local de trabalho ou em instituições exclusivas para treinamento – e, enquanto desenvolve condições sociais e políticas que articulam os interesses hegemônicos das classes é, então, um local de luta e disputa. A questão da escola, na sociedade capitalista, é fundamentalmente uma questão da luta pelo saber e da articulação desse saber com os interesses de classe. (FRIGOTTO, 1993, p. 161)

A representatividade significa o quão importante a atividade profissional mencionada anteriormente é considerada pelos entrevistados. Esta é uma questão significativa, pois é aqui em que o entrevistado pode titubear ou se contradizer. Todos responderam de forma coerente em comparação ao que já haviam dito, não inventaram novas funções. Grande parte passou a se interessar pela área e até mesmo a se manter na graduação após o contato com a prática do curso. Apenas uma se afirma docente e diz que não atua em nada além das aulas. *Mas eu realmente só dou aula mesmo.* (P7)

Outros demonstram a preocupação em continuar no mercado de trabalho específico da Hotelaria e ou Turismo.

[...] todo mês eu sento no meu computador, entorno do dia 10 ou antes, eu pego o meu currículo, revejo meu currículo todo mês, pego uma lista imensa de hotéis que eu tenho e mando. Mando via correio para o norte e nordeste, mando pro sul todo mês. (P6)

É extremamente importante, mas a gente precisa estar atualizado. Isso já na parte de docência, dar aula, você tem que estar atualizado. Só que estando no mercado você tem que estar mais atualizado ainda, porque o mercado exige muito mais do que uma escola. Um completa o outro por quê? Porque eu consigo usar isso com meus alunos, então eu preciso para o mercado e conseqüentemente eu consigo usar isso com meus alunos. Eles entram no mercado de trabalho, bem atualizados. (P4)

Aparentemente a docência é um “bico”, ou uma alternativa até encontrar outro trabalho. Porém, essa ainda é a atividade principal que executam, ou seja, eles não possuem de fato outras funções na área de Hotelaria e Turismo.

Tem uma bagagem gigante. Em muitos momentos na sala de aula eu consigo colocar para as pessoas, para os alunos, o que eu aprendi lá atrás. Então muitas dificuldades que eles poderiam enfrentar ali na frente, pode ser que com uma aula, um momento que eu tenha vivenciado aquilo e passado, eles se saiam melhor naquela situação. (P8)

[...] eu adoro essa, eu tenho essas aulas de guia, acompanho os alunos em viagens e tudo, mas não sou credenciado junto ao ministério. Já a secretaria, a minha parte dentro do Turismo, ela é justamente voltada a essa questão da infraestrutura da cidade, dos equipamentos, da sinalização. Tinha uma participação direta com o circuito das águas. E junto também com esses eventos, então era tudo condensado, na verdade era uma coisa só. (P5)

[...] na verdade pra mim isso é até um estímulo. Porque muitas vezes se você estivesse em casa, você estaria ocioso. Então além de eu estar praticando o meu conhecimento, isso me estimula a buscar mais informações, aprimorar o que o curso pede. Então na verdade esse exercício para mim é interessante também. (P5)

A minha atuação dentro da área que eu sou formada que é Direito, agora é voltada só para a educação. Não estou trabalhando como profissional do Direito, e como profissional do Turismo, também não. Estou trabalhando especificamente como professora agora. Então assim, eu tenho experiência nas duas áreas, mas atualmente eu estou apenas na educação. No Direito eu trabalhei como advogada durante uns oito anos, advogando em causa própria essas coisas mesmo, mas no Direito mesmo foi isso. E no Turismo, só como profissional liberal, então como guia, eu ainda sou guia de Turismo, mas atuo muito pouco como guia, e também dentro da área de

Turismo fiz alguns estágios, alguns trabalhos voluntários, monitorias e tudo mais. Hoje eu não trabalho nem com um, nem com outro.”(P2)

A situação que se apresenta, aponta para profissões descartáveis, a qualquer momento muda-se de trabalho. Mais uma vez vejo evidências de nossa contemporaneidade, tudo é descartável! O que vale é o valor que será conquistado após a nova troca.

O significado da identidade, como o Christopher Lasch da última fase ressaltou, se refere tanto as pessoas como coisas. O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre “mantendo as opções abertas”. Mas o horror e o fascínio, de igual modo, fazem a vida como peregrinação dificilmente factível como uma estratégia e improvável de ser escolhida como tal. Não por muitos, afinal de contas. E não com grande probabilidade de sucesso. (BAUMAN, 1998, p.113)

B) PERCEPÇÃO COMO PROFISSIONAL EM HOTELARIA E TURISMO

Toda profissão possui aspectos positivos e negativos e não seria diferente na área de Hotelaria e Turismo. Em resumo, todos os entrevistados estão satisfeitos, com a profissão que escolheram, embora apontem o desgaste físico da função. Os aspectos negativos apontados são relacionados à não constância de atividades na área de Turismo, ou seja, a falta de estabilidade, de continuidade de trabalhos na área.

*É que assim, eu posso dizer que como **carreira eu não quis seguir justamente essa carreira do Turismo justamente por isso, porque é uma vida muito instável.** Eu conheço uma pessoa, uma moça, que ela trabalha com monitoria, ela não tem nenhum vínculo empregatício, aí ela engravidou. Agora com nove meses de gravidez fazendo recreação, e assim **não tem licença maternidade, não tem nenhuma proteção legal.** Aí o que acontece, é muito complicado para a pessoa, para o profissional. **Por isso que eu não quis seguir a área de Turismo sozinha, ela é assim, para mim ela acaba sendo um apoio, nem tanto apoio é mais uma recreação.** Aquilo que você faz para se divertir, faço para dizer que faço também, mas eu não sigo como **carreira principal porque é inviável, eu trabalhava na área de Direito e tinha o Turismo como final de semana, e aí que entrou a educação que começou a ser à noite, e aí eu comecei a ir pela área da educação pela estabilidade profissional.** (P2)*

“E por tempo também, eu tenho tempo de preparar a aula com atenção. Porque senão sai do emprego e já tem que estar direto aqui, daí você não vive a sua vida. Mas por opção mesmo. (P7)

***Pra mim Turismo e Hotelaria é minha vida. Eu amo a área [..] Na recreação o monitor trabalha muito.** O monitor recreacionista, como é chamado agora, trabalha bastante. Trabalha das oito da manhã até meia-noite, trabalha até meia-noite e meia. Isso durante trinta, quarenta dias, depende da temporada. Eu trabalhei muito com isso, e é **extremamente cansativo, é estressante para o monitor sim.** Agora **agência de viagens também trabalha muito.** (P8)*

O Turismo e a Hotelaria são profissões que estão em movimento, pois todos os entrevistados mais enfaticamente levantam a questão de estar “atenados” com as novidades do mercado para passar aos alunos.

Eu quero voltar. Porque muita coisa da área operacional muda então as vezes eu tenho que ligar pra uns hotéis de Campinas perguntar o que está acontecendo porque Amparo é uma cidade pequena, e não tem o material. É, aquele material muito dinâmico. Então muda alguma coisa de uma rede, eu ligo pra rede e falo assim :olha, está mudando o que está acontecendo? pra eu me atualizar. Vai melhorar minha aula, porque eu vou trazer daí vivência, estudo de caso real do que fórum, de livros. Você pega um livro de algum autor que escreveu casos e acasos na Hotelaria, e fala decepção da recepção e você fica naquele livrinho básico, só que você tem que trazer um algo mais. O que acontece quando um hóspede morre? Ou quando você tem um jogador famoso dentro do hotel que a camareira pula em cima da cama do jogador, ou daquela cantor de pagode. (P6)

A situação parece inversa ao processo em que imaginei confrontar, ou seja, pensei que a escola pudesse ser um “bico” para estes profissionais de Hotelaria e Turismo, mas parece que não, que a profissão de Hotelaria neste caso é que passou a ser uma atividade extra para estes docentes.

Essa questão das informações sempre rápidas e fresquinhas faz parte do cotidiano em que vivemos. É preciso sempre estar sabendo antes ou no momento em que o fato ocorreu, caso contrário não serve. Isso é muito complicado visto que tudo se passa de maneira fora do comum, em questão de rapidez das informações.

Na moderna luta entre o tempo e o espaço, o espaço era o lado sólido e impassível, pesado e inerte, capaz apenas de uma guerra defensiva, de trincheiras – um obstáculo aos avanços do tempo. O tempo era o lado dinâmico e ativo na batalha, o lado sempre na ofensiva: a força invasora, conquistadora e colonizadora. A velocidade do movimento e o acesso a meios rápidos de mobilidade chegaram nos tempos modernos à posição de principal ferramenta do poder e da dominação. (BAUMAN, 2001, p.16)

Ao analisar em quem os entrevistados se espelham em sua trajetória profissional, para verificar se sua relação profissional é mais direcionada ao campo específico de Hotelaria e Turismo ao da educação profissional, eu esperava que fossem apontadas pessoas do campo específico. Como estão sempre buscando um emprego dentro dos hotéis e das agências e falam com tanta ênfase da época em que fizeram estágio ou quando tiveram contato com a profissão, eu esperava que existesse um “modelo”, mas, para minha surpresa os mais indicados foram ex-professores, e atuais colegas de trabalho. Ou seja, outros professores foram indicados como referenciais e um autor em especial, na área de Turismo foi abordado mais vezes, que é o Paulo Jorge. Esse autor do livro chamado “Condução de grupo no Turismo”, que aborda o como fazer um guiamento adequado para turistas, também é docente do SENAC e psicólogo.

Olha existe uma pessoa muito importante. É um professor lá do SENAC, M___ G___, ele sempre me ajudou a dar aulas, fazendo prazos, ele sempre influenciou muito nesse sentido de “ah vou te ajudar”[...] Então até quando eu prestei concurso pra escola técnica eu pedi ajuda dele, e ele começou a escola técnica também. Então eu acho assim que alguns professores que me orientam até hoje, umas tias da parte familiar. (P1)

Tiveram três pessoas da faculdade ex-professores. (P6)

Eu tive dois professores, um na graduação e um na pós. Na graduação era um professor de sociologia, antropologia que é uma área que eu me identifico bastante, que era o professor João Luis. E na pós-graduação, também na área de patrimônio cultural, Turismo e humanidade, professor Paulo Barreto. Então foram duas figuras que se fazem presentes até hoje. (P7)

Porque assim na verdade, ele acabou sendo multifuncional na área de educação... Ele trabalha com magistério e com guiamento. Então as experiências dele tanto de guia como de professor, são importantes [...] Que ele consegue atingir todos, fazer o Turismo e a educação se integrarem. E aí me ajudou bastante também, porque assim, muitas coisas você fala, e fica com um medo danado porque você fala e parece que ninguém está falando com você, aí chega um aluno e tem uma palestra com o Paulo Jorge, ele se corrobora com o que eu disse. Ele vai lembrar tudo que eu falei. Ele vai falar sobre postura, sobre ética, sobre tudo. Aí os alunos veem que não foi eu que sentei com eles e combinei para fazer isso tudo, não, eles percebem que são mais vozes falando a mesma língua, então é sinal que essa é a língua certa. (P2)

As pessoas admiradas pelos entrevistados possuem sempre mais de uma atuação profissional, como ex-professor admirado por ter mais de uma formação e atuar em diversos locais, como o autor Paulo Jorge.

O que eu acho legal neles é que eles não ficam só na Hotelaria. O Toninho fez arquitetura, tem Hotelaria [...] Porque a área de Hotelaria é muito ampla, então eles vão se especializando em diversas áreas. Então eles vão se especializando um pouco mais em educação, que eu acho que isso faz falta para quem for dar aula, e depois quero me especializar nessa área tanto de hospedagem como de bar que é mais o que me interessa, o que eu gosto. E o que eu acho legal mesmo é que eles trabalham com consultoria. O que eu me espelhei mesmo sobre tudo seria no treinamento com consultoria. (P1)

A questão do “não ser específico” é muito evidente, é preciso ser, como na propaganda é dito, “mil utilidades”, caso contrário não se é valorizado.

Assim, a preocupação de garantir a “vendabilidade” da mão-de-obra em massa é deixada para homens e mulheres como indivíduos (por exemplo: transferindo os custos da aquisição de habilidades profissionais para fundos privados – e pessoais), e estes são agora aconselhados por políticos e persuadidos por publicitários a usarem seus próprios recursos e bom senso para permanecerem no mercado, aumentarem seu valor mercadológico, ou pelo menos não o deixarem cair, e obterem o reconhecimento de potenciais compradores.

Tendo passado vários anos observando de perto (quase como participante) os mutáveis padrões de emprego nos setores mais avançados da economia norte-americana, Arlie Russell Hochschild descobriu e documentou tendências surpreendentemente semelhantes às encontradas na Europa e descritas de forma muito detalhada por Luc Boltanski e Eve Chiapello como o “novo espírito do capitalismo”. A preferência, entre os empregadores, por empregados “flutuantes”, descomprometidos, flexíveis, “generalistas” e, em última instância, descartáveis (do tipo “pau-para-toda-obra”, em vez de especializados e submetidos a um treinamento estritamente focalizado), foi o mais seminal de seus achados. (BAUMAN, 2008, p.16)

O profissional mais valorizado é aquele que possui diversas funções, que é generalista e não o especialista. Na área de Turismo e mais especificamente de Hotelaria esta questão é fatal, pois os hotéis já exigem que seus funcionários façam “de tudo” dentro do estabelecimento. Ou seja, se alguém é contratado para ser recepcionista, pode ter certeza que será cobrado, além do atendimento ao público e das atividades que lhes são competentes, outras de diferentes ações, como por exemplo, confeccionar e levar no apartamento um lanche no período da noite, se um hóspede solicitar, embora seja uma função da cozinha confeccionar o lanche e do mensageiro levar, ou seja, a função de dois profissionais exercida por um apenas. Mas, por que isto acontece? Porque os hotéis costumam contratar menos funcionários do que deveriam, para reduzir seus custos e aumentar os lucros, assim contratam cada vez menos funcionários e esses efetivados devem realizar funções de outros que não estarão lá no cotidiano do hotel. O funcionário que não atender a esta, como se chama “necessidade do mercado atual” pode ser descartado facilmente, como um produto com a validade vencida. Enfim, cada vez mais as pessoas são consideradas descartáveis.

Afinal de contas, nos mercados de consumidores-mercadorias, a necessidade de substituir objetos de consumo “defasados”, menos que plenamente satisfatórios e/ou não mais desejados está inscrita no design dos produtos e nas campanhas publicitárias calculadas para o crescimento constante de vendas. A curta expectativa de vida de um produto na prática e na utilidade proclamada está incluída na estratégia de marketing e no cálculo de lucros: tende a ser preconcebida, prescrita e instilada nas práticas dos consumidores mediante a apoteose das novas ofertas (de hoje) e a difamação das antigas (de ontem).

Entre as maneiras com que o consumidor enfrenta a insatisfação, a principal é descartar os objetos que a causam. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando “velho” a “defasado”, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata do lixo. (BAUMAN, 2008, p.31)

Os entrevistados se espelham em seus ex-professores, que são multifuncionais, estes por sua vez ensinaram aos entrevistados que é preciso saber fazer em uma única função diversas atividades, por consequência, será que os entrevistados têm a mesma postura com os alunos dos cursos técnicos em Hotelaria e Turismo? Onde então vamos parar com tantas atividades sendo delegadas para uma única pessoa? Os próprios docentes estão vivenciando essa pressão, pois é preciso sempre estar atualizado, conforme todos dizem nas entrevistas, o que gera também a eles uma cobrança de serem cada vez mais e melhor informados e mais capacitados em diversas áreas do Turismo e da Hotelaria. Será esta uma atitude saudável ou tornou-se “normal” por questões de vida ou sobrevivência no mundo atual? Como este docente pode ter uma atitude diferente de ensinar pensando sempre em “agradar” ao mercado de trabalho, se ele foi assim ensinado?

Verificar como os outros consideram os entrevistados profissionalmente auxilia na compreensão de analisar a minha questão cerne: estes docentes de Hotelaria e Turismo *são* ou *estão* docentes? É preciso ver como o outro qualifica meu entrevistado.

A divisão interna à identidade deve enfim e, sobretudo ser esclarecida pela dualidade de sua própria definição: identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática.

Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro e a seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do Outro. Problemáticas, dado que “a experiência do outro nunca é vivida diretamente pelo eu... de modo que contamos com nossas *comunicações* para nos informarmos sobre a identidade que o outro nos atribui...e, portanto, para nos forjarmos uma identidade para nós mesmos.” (DUBAR, 2005, p.135)

A visão que o outro possui de você é bem próxima daquilo que você externa, ou seja, daquilo que você é mesmo. Pois, suas atitudes cotidianas demonstram aquilo que você transpassa.

O que eu sinto mesmo é que me veem como uma consultora de viagens, uma agente de viagem [...]. Me ligam para perguntar dos lugares que possam visitar, então eu acabei me tornando uma consultora de assuntos aleatórios, porque tem muita gente que pergunta, como sou da área, como eu também trabalho na disciplina de etiqueta, muita gente vem e pergunta para mim “Mas e agora quem que entra? Quem que fala aqui na formatura? E agora eu estou fazendo certo? A roupa que eu pus está certa?”. Consultora de moda, então você consultor mesmo de assuntos dos mais diversos, relacionados ao Turismo. Tudo quanto é assunto que possa ter alguma ligação já te perguntam. (P2)

Na verdade eles me classificam como um profissional especializado naquilo que eles precisam. Eu não sou tachado como o professor ou gestor de eventos. Dentro dessa, eu acredito que até tenha sido uma fator positivo tanto aqui da escola como na secretaria que eu trabalhei, essa oportunidade de você trabalhar com diversas coisas. Conhecer e dominar algumas dessas coisas. A parte de eventos hoje, hoje tem aqui em Amparo maiores eventos que é o festival de inverno, é um evento consolidado com estrutura legal e tudo. Eu sou conhecido como aquela pessoa por exemplo “ai eu preciso de um evento ou alguma coisa relacionada a um cerimonial, ai você tá envolvido com tudo isso você dá aula nos cursos” então dai eles já sabem de tudo isso por isso, por atender alguma necessidade relacionada ao seu trabalho mesmo. (P5)

Eles me consideram professor e guia. (P3)

Eu acho que entra mais professora, do que como hoteleira. Embora a área que eu dê aula de Hotelaria, foge um pouco de Hotelaria. (P1)

Eles me denominam professor. Até pelo fato de que eu às vezes exerço isso em casa. Então tem que começar ensinar alguma coisa, então eles aprendem às vezes comigo alguma coisa. E eu também aprendo com todo mundo. (P4)

[...] então as pessoas me conhecem, é eu estou na escola há sete anos, então é “o professor P6 está dando aula lá? O professor de Hotelaria”. Então eu fiz meu nome aqui na cidade e na região. Que é professor da Hotelaria, eu sou conhecido hoje como professor de Hotelaria. Eu dei aula pra uma instituição de caridade aqui de Amparo e é “a professor da Hotelaria prazer”. Tem uns que sabem meu nome, mas conhecem a profissão me associam na rua com a profissão da Hotelaria. (P6)

Até porque a nossa profissão ela não é tão reconhecida ainda. Quando chega pra fazer uma ficha em loja e você fala que é turismóloga, a pessoa abre o olho assim, sem saber o que é aquilo. Então eu já falo professora universitária ou só professora. “Ai você dá aula do que?”, “Ah eu sou professora e Turismo”. Se for explicar tudo daí é outra novela. (P7)

As classificações atribuídas aos entrevistados estão em consonância com as falas dos mesmos até o momento da análise. Pois, os docentes que não possuem atribuição: são aqueles que parecem ainda não terem se encontrado na profissão, nem como docentes e nem como turismólogos.

Denominaremos atos de **atribuição** os que visam a definir “que tipo de homem (ou de mulher) você é”, ou seja, a identidade para o outro; atos de **pertencimento** os que exprimem “que tipo de homem (ou de mulher) você quer ser, ou seja, a identidade para si”. Não há correspondência necessária entre a “identidade predicativa de si”, que exprime a identidade singular de uma pessoa determinada, com sua história de vida individual, e as identidades “atribuídas pelo outro”, quer se trate de identidades numéricas que definem oficialmente alguém como ser único (estado civil, códigos de identificação, números de ordem...), quer se trate de identidades genéricas que permitem aos outros classificar alguém como membro de um grupo, de uma categoria, de uma classe. (DUBAR, 2005, p.137)

Outro fator analisado foi a autonomia que é a facilidade que o entrevistado possui em realizar suas atividades, sendo que os professores que são guias de Turismo declaram que sua autonomia é muito grande, pois são eles quem coordenam todas as atividades, são “donos de si”. Foi evidenciado que mesmo com as normas do Centro Paula Souza, os docentes se sentem com grande autonomia dentro das ETEC's para realizarem suas aulas e projetos.

Então, trabalhando no hotel, aqui a minha autonomia era na parte de eventos, então eu fechava eventos, eu corria atrás dos clientes. Agora num hotel de rede você não tem autonomia alguma. Então a sua função é essa, você faz isso e sempre o gerente tem a autonomia. Mas é um pouquinho o geral. Então o problema de trabalhar num hotel de rede é esse: as ideias são meio cortadas, podadas, você não pode ter muitas ideias. Tem que seguir o padrão do hotel [...] Na de São Roque eu tenho muito mais autonomia e na de Jundiaí. Eles confiam mais nos professores, “você acha que é preciso, legal pode fazer”, agora Itu tem que pedir autorização, tem que explicar o porque, vão discordar do que a gente está fazendo. Tem que ter um motivo para estar fazendo as coisas, mas lá o que você precisa, as vezes eu tenho mania de justificar para o diretor “olha vou fazer isso”, daí ele “não, confio no seu serviço”, então você não tem que ficar dando tanta explicação. (P1)

O professor de Hotelaria e Turismo, como qualquer outro precisa dessa autonomia para desenvolver suas aulas de forma eficaz, ética, sem perseguições externas. De maneira geral os entrevistados se sentem à vontade, quando trabalham somente na escola ou quando atuam como profissionais de Hotelaria e Turismo.

Olha como professora é assim, professor existe uma autonomia muito grande dentro da área de trabalho. Ele consegue trabalhar em sala de aula com maior autonomia quando ele vai trabalhar, o que ele vai tomar decisão, ele tem que ter muita coisa de coordenação, coordenação é para isso: para te apoiar na hora que você precisa e entrar como ressalvo para o que o professor está falando. E eu vejo assim, que lá na escola a gente tem uma autonomia muito grande, de atuação. Lógico de aceitação na sua área docente porque teoricamente você criou então você tem que se ater a ele, então a sua autonomia tem que ser aquela mesmo que você criou...Mas isso são regras rígidas de convívio social que tem que seguir, mas a autonomia dele é bem grande, consegue trabalhar em sala de aula com a maior

liberdade. Eu vejo isso, mas é aquilo que eu falo “liberdade com responsabilidade. (P2)

Maior liberdade na escola, justamente pelo grupo de professores de Turismo ser um pouco restrito. Porque nós trabalhamos só em três bacharéis em Turismo. Agora, se for comparar com o que eu já vivenciei na cidade, eu digo que por questões políticas lá fora, a gente tem que seguir o que é pedido. Mas se fosse fora a política, eu daria conta do recado sem problema nenhum. (P7)

Acho parte disso é o coordenador que dá toda liberdade para todos os professores fazerem como achar melhor. Lógico você tem algumas restrições, tudo bem, mas ele (coordenador de Turismo) te deixa muito à vontade. (P10)

C) TRAJETÓRIA COMO DOCENTE

Para quase metade dos professores entrevistados a atuação como professor foi o primeiro emprego, de carteira assinada.

Foi a única oportunidade que apareceu depois de eu ter me formado na faculdade, aí a oportunidade apareceu e eu abracei a oportunidade. E eu acho assim: a partir do momento que você se propõe a fazer uma coisa, tem que fazer o melhor possível, então eu to aprendendo ainda. (P4)

Eu não tinha emprego. Não tinha nada em vista, a primeira coisa que apareceu foi a docência. (P6)

Entrei como professora estudante. Porque havia essa possibilidade ainda, hoje já não existe mais isso. E como docente foi logo no quarto ano, então esse ano em fevereiro, no dia vinte e oito de fevereiro, eu tenho sete anos de escola, aqui na ETEC João Belarmino. E concomitante a isso, em 2004, eu fui convidada para lecionar na faculdade de Jaguariúna no curso de bacharel em Turismo também. (P7)

E daí eu fiz ainda cursando a faculdade, prestei esse concurso do Centro Paula Souza, mas até então fiquei esperando para ser chamado enfim. Na verdade quando eu fui chamado eu sai de Serra Negra, tava meio que perdido com a situação profissional e daí foi até uma saída boa, mas assim eu fui fluindo. Logo que eu sai eu já comecei aqui no Centro Paula Souza e foi legal, foi uma coisa que eu me identifiquei, foi uma coisa que a minha intenção hoje é trabalhar um pouco do mestrado, focar o meu mestrado na parte de docência acadêmica. Mas específica também nessa área de Turismo, Hotelaria. Só que no momento eu terminei agora o MBA em fevereiro, então eu estou estudando ainda, mesmo porque isso vai demandar tempo. E tempo é uma coisa que pra mim hoje é bem complicado. (P5)

Realmente aqui se mostra que as experiências profissionais na área foram adquiridas através de estágios. Desde sempre estes profissionais só atuaram na educação profissional no Centro Paula Souza. A média de tempo varia muito, há dois que só têm um ano como professores. Por isso, que muitos ainda continuam buscando e enviando currículos para hotéis, empresas de Turismo, pois nunca tiveram outra atuação profissional além da docência. E, pelo visto existe uma grande dúvida sobre esta situação. Pois, quando eu perguntei anteriormente sobre as pessoas em que se espelhavam, foram unânimes em elencar seus ex-professores e agora verifico que muitos, ou melhor, sete só atuam como professores.

No geral a vida dos entrevistados, lhes deu uma oportunidade sobre a qual nunca haviam cogitado. Muitos estão fazendo ou pensando em fazer suas pós-graduações na área de educação, já que é a área em que estão atualmente atuando. Dois entrevistados foram convidados a prestar o concurso, os demais buscaram por si próprios.

Já foi comentada anteriormente a questão salarial, que como docentes eles recebem mais do que em outros cargos na área. A estabilidade proporcionada pelo Centro é maior do que trabalhar como autônomo ou em um hotel, pois como docentes concursados públicos têm estabilidade, que em uma empresa privada, como é o caso da agência de Turismo, não teriam. A estabilidade dentro da escola é garantida pelo curso que se mantém aberto ou não, o que facilita para estes entrevistados visto que possuem mais de uma alternativa de cursos para lecionarem (no mínimo Hotelaria e Turismo, mas já existem outros cursos da área). Além dos benefícios que são dados conforme os anos vão passando dentro da ETEC's, como, por exemplo, a cada cinco anos completados, o professor recebe um acréscimo no salário, e o bônus mérito, que é uma gratificação em dinheiro que o professor recebe no final ou no começo do ano, pelas metas terem sido atingidas. Este bônus é muito próximo dos que recebem os operários em fábricas, talvez exista esta proximidade porque estamos discutindo o ensino profissional técnico, que provém realmente da necessidade das indústrias em capacitar profissionais para atuarem nelas. Enfim, benefícios que tornam a profissão docente, mais atrativa

Embora os empregos no setor de serviços estejam crescendo (para serem preenchidos, em geral, por mulheres mal pagas) outros, empregos estão desaparecendo à medida que empresas em fuga transferem suas fábricas para áreas com uma força de trabalho menos organizada, mais barata e mais dócil. E mesmo esses empregos adicionais na área de serviços caracterizam-se cada vez mais por jornadas de trabalho mais pesadas, insegurança crescente e pela carência de serviços sociais sérios. Além disso, estima-se que as condições podem piorar, uma vez que a economia está presentemente produzindo apenas cerca da metade do total dos novos empregos que seriam necessários no futuro. (APPLE, 1989, p.22)

O processo de seleção de todos os docentes entrevistados foi o concurso público. Esse consiste em escolher para quais disciplinas desejam prestar o concurso. Eleita a(s) disciplina(s), o candidato teve três temas diferentes por disciplina e prepara uma aula para discorrer sobre o tema sorteado na hora pelos membros da banca examinadora, que conta com três professores já efetivos, sendo um da área específica e dois não. O único pré-requisito exigido é a formação na área em que está sendo o concurso. Não é exigida uma pós-graduação ou licenciatura, somente a graduação ou o curso técnico na área. Como é o caso de P2, que é técnica em Turismo. Porém, esta prestou seu primeiro concurso pela graduação que possui, em Direito, a seguir em outro momento foi em Turismo, como técnica.

Tanto tem essa curiosidade, eu fiz o concurso duas vezes, fiz o concurso para a área de Turismo e gestão da empresa rural, mas eu não podia ficar no Turismo através disso, eu não tenho formação superior no Turismo, aí eu tive que fazer um curso para a atividade específica de guiamento. [..] Aí eu fiz especificamente o nacional e o da América do Sul, aí eu fiz esse concurso de

novo, eu já era docente, mas eu fiz para eu poder permanecer na área de Turismo. (P2)

Também há os casos de admissão em caráter excepcional, mas o professor terá que ser concursado para ser efetivado. Caso o professor tenha feito o concurso, passado e assumido as aulas, mas estas não são cinco aulas livres, após um ano, este docente deve ser demitido, é considerado determinado, pois somente ficam efetivos os docentes com no mínimo cinco aulas livres, aí são considerados indeterminados.

Por não exigir nenhum curso na área de educação, o Centro Paula Souza oferece o curso de Licenciatura Esquema I para graduados e Esquema II para técnicos, como foi explicado no capítulo anterior. A insegurança do profissional em lecionar é fato, principalmente para aqueles que tiveram na docência seu primeiro emprego.

A ETEC, para os entrevistados, é de grande importância, por diversos motivos apontados por eles: primeiro emprego ou único, poder colocar em prática atividades na área de Hotelaria (através do gerenciamento do hotel-escola), voltar como docente para a ETEC em que foi aluna, se projetar como profissional da área de Hotelaria por ser docente e coordenadora da área na ETEC. Aqui, novamente o nome Centro Paula Souza é colocado como muito importante no que se refere a ser docente nessa Instituição, na área de educação profissional.

Eu acho que a escola técnica foi o começo de tudo, onde tive a oportunidade de durante um ano e meio, colocar muita coisa que eu tinha vontade de colocar como professora eu coloquei ali. Então foi o começo de tudo, mas em São Roque eu tenho muito mais chances de mostrar o meu trabalho lá e em Jundiaí também eu tenho mais espaço para mostrar o meu trabalho. (P1)

Como professora, o Centro Paula Souza, tem essa vantagem, não lembro quem disse isso, de que uma das características mais fortes dentro do Centro, é que os professores têm muito orgulho de falar que são professores do Centro. E é lógico, dentro do Centro é diferente. Eu sou do ABC, em São Bernardo a gente tem um ETEC lá que é muito forte [...] (P2)

É de extrema importância. Mesmo porque a escola, o Centro Paula Souza, eu acho que ele abre muitas portas. Então a partir desse momento você não fica preso e bitolado a um esquema só, você está próximo ao contato com outras escolas e outros profissionais. O que essa troca de experiências é de extrema importância. (P4)

D) PERCEPÇÃO COMO PROFESSOR, NO CURSO DE HOTELARIA E DE TURISMO

Cada entrevistado tem uma visão peculiar sobre o sentimento de ser docente do ensino técnico.

A entrevistada P1 tem uma visão de que a valorização no campo profissional de Hotelaria se dá melhor por ela ser professora, existe um respeito maior. Porém, sua ideia quanto ao aluno, é que ela o transforma.

Eu acho que assim, você como funcionário, você sendo professor, tendo uma valorização pelo professor. Às vezes você na área, tendo mais contato com Hotelaria, você é mais respeitado como professor. Mas não é nem tanto o glamour que chama a atenção, na verdade o interessante do técnico é que pega o aluno muito simples, na maioria, e daí você a transformação que você

fez no final. Então você pega no final é outra pessoa. Então você ajuda a melhorar a dar uma oportunidade a essas pessoas. (P1)

Uma entrevistada aponta para o fato de os professores do ensino técnico serem cobrados a darem todas as aulas necessárias do seu curso, ou seja, mesmo que não simpatize pela disciplina, acaba sendo “obrigado” a lecionar, e também fala da dificuldade em ensinar no técnico, pois as disciplinas necessitam de uma rápida apresentação dos conteúdos teóricos para que a parte prática seja mais desenvolvida, mas essa condição se faz para encantar o aluno.

Eu vejo que o professor da área técnica ele tem uma dificuldade de trabalhar com os alunos por não ter assim, o ensino técnico ele mostra como o professor atua em tudo, ele administra aula recreação, ele tem que dar aula de históricos, ele tem que ser mais sério, ele tem que dar aula de etiqueta, então você vê, ele começa a atuar em tudo. Ele faz tudo ao mesmo tempo e é lógico que você, tem coisas que não tem pré-disposição, que você não tem formação específica, ou que você não gostava mesmo, não gostava daquilo. [...] Então o professor do ensino técnico ele se perde um pouco por causa disso, porque ele só quer falar sobre o específico, o professor de informática ele vai lá e ensina, ele não vai te ensinar a ligar o computador. Ele vai te ensinar a estar dentro do programa já, você não vai ter aquela base para entrar na área. Essa base eu vejo que falta muito no ensino técnico, no ensino superior ele tem uma tranquilidade, os alunos chegam para ele. Ele chegou cru, qual que é o primeiro ano? É o ano que você vai preparando o aluno. No ensino técnico não, o aluno chegou cru e você vai ter que dar essa introdução e já colocar ele dentro do seu tema, porque você tem um plano de trabalho para trabalhar. E não dá para ficar enrolando muito falando sobre o genérico para entrar no específico. (P2)

O ensino técnico deve mostrar a prática como atrativo para a inserção no mercado de trabalho, é isso que gera a satisfação dos alunos em ver “acontecendo” o que estão nos livros e faz com que o aluno não saia do curso para assim não gerar a evasão, um dos maiores problemas atualmente no ensino técnico, o que não é o foco dos questionamentos.

A sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua *insatisfeito*; mais importante ainda, quando o cliente não está “*plenamente satisfeito*” – ou seja, enquanto não se acredita que os desejos que motivaram e colocaram em movimento a busca da satisfação e estimularam experimentos consumistas tenham sido verdadeira e totalmente realizados. (BAUMAN, 2008, p.63)

P3 aponta mais uma vez a necessidade frenética em estar sempre buscando novos conhecimentos, pois o trabalho não é eterno e o profissional deve sempre estar a par de todas as inovações. Ele é o único que coloca o trabalho excessivo como um ponto negativo, a questão dos professores terem que dar aulas em várias escolas para conseguir seu salário e que os deixa muito cansados.

[...] o negativo acho que é um pouquinho o excesso de trabalho, o exagero. Nós lutamos para que isso não se reflita em sala de aula, nós agimos dessa forma, principalmente professores do Turismo, que lutam, trabalham bastante e tentam não colocar esse cansaço para o aluno. Mas é um fator que a gente sente muito na pele. O professor hoje, não trabalha oito horas,

trabalha doze, quatorze, dezesseis horas por dia, para manter um pouquinho um padrão de vida. (P3)

Na percepção como professores, alguns relatam a necessidade de continuar estudando, fazer uma pós graduação visando a melhoria de sua função.

Eu acho assim, acho que isso vai ao encontro do objetivo de vida de cada pessoa. Eu enquanto docente do Centro Paula Souza, é lógico que enquanto profissional, no futuro concluindo o mestrado, é lógico que o mestrado ele exige e ele dá um respaldo para que você busque outros, dentro da formação acadêmica dentro da atuação como docente, essas universidades, outras oportunidades de aula, de emprego mesmo em questões financeiras, que automaticamente está relacionado.. (P5)

Os entrevistados estão ora ou outra sempre valorizando muito a instituição em que trabalham, o Centro Paula Souza, que é visto com grande reconhecimento.

O entrevistado P10 levanta uma questão interessante e muito atual. Diz que a faculdade deveria ser mais prática, como o ensino técnico. Então, a ideia do concreto está cada vez mais disseminada, se até professores estão dizendo isso a situação realmente é muito grave. Pois, me parece que ninguém quer mais pensar, discutir, racionalizar os fatos e sim somente praticar, fazer. Diferença é que a Graduação do Bacharelado é para o aluno adquirir um conhecimento mais totalitário e teorizado do tema do curso, a do Tecnólogo é para focar em um aspecto que envolve o curso e o Técnico, é ensinar o operacional. Volto a referenciar Bauman, pois ele aponta estas questões atuais com muita clareza, sobre o consumismo e a educação está nesta posição a meu ver.

A instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e à remoção, também instantânea, de seus objetos, harmonizam-se bem com a nova liquidez do ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser conduzidas no futuro previsível. Um ambiente líquido-moderno é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo. De fato, ele tira do adiamento da satisfação seu antigo sentido de prudência, circunspeção e, acima de tudo, razoabilidade. A maioria dos bens valiosos perde seu brilho e sua atração com rapidez, e se houver atraso eles podem se tornar adequados apenas para o depósito de lixo, antes mesmo de terem sido desfrutados. (BAUMAN, 2008, p.45)

Saber o objetivo dos entrevistados na formação de seus alunos é fundamental para analisarmos qual é a posição deles como professores. Todos os entrevistados querem que seus alunos sejam inseridos no mercado de trabalho, o que na verdade é exigido pelo Centro Paula Souza.

É dar as competências, as habilidades necessárias para ele desenvolver o serviço, atuar no campo profissional. Colocar ele dentro do mercado. (P1)

Meu objetivo é primeiro que eles saiam como guias, que eles consigam a credencial de Turismo. Eu acho fundamental. E também que eles tenham preparo para a atuação com o público, por exemplo, quando eu vou fazer uma avaliação em cima do guiamento, dentro do guiamento eu acho o mais importante que o aluno tenha a postura do guia, é muito mais importante que ele falar o texto completo, que tudo o que ele decorou que tava no texto dele ele falou. (P2)

A inserção dele no mercado de trabalho. (P7)

“É trabalhar, você botar o cara no mercado e conseguir se virar. Eu acho que está diminuindo muito a diferença e que a tendência é cada vez diminuir mais. Então eu gostaria, que sempre que eu dar uma aula, eu preparar a pessoa para sair dali trabalhando. (P10)

Somente dois acrescentaram a questão de ensinar ética, cidadania, assuntos além da questão do mercado de trabalho

A parte humana, não só a parte profissional. Hoje nós cobramos muito a responsabilidade social, a ética profissional, isso estaria inserido dentro do perfil que nós traçamos na formação deles dentro do setor turístico. (P3)

É extra-Hotelaria. Porque a gente forma, além de trabalhar na área, acho que a gente acaba formando uma pessoa pronta pra vida. Pra como saber comer, pra como saber se vestir, como saber se portar. (P6)

O que me chamou a atenção foi a questão de os docentes insistirem em querer passar aos alunos a realidade do mercado de trabalho, enfatizando que não é fácil, que “não são flores”, ou seja, mostrando um lado negativo.

Agora, se a maioria não teve nenhuma experiência profissional, foi somente o período de estágio, na verdade, desconhecem essa dureza que descrevem como sendo o mercado de trabalho.

O meu objetivo é que ele saia da escola, termine o curso, sabendo o que o mercado lá fora espera, o que espera dele, sabendo que ele tem que se atualizar, sabendo que a escola dá uma base, sabendo que ele não vai sair um gerente de hotel, e tentar ser realista, saber as técnicas necessárias para ingressar no mercado de trabalho. E conseguir lidar com as crises, vamos dizer assim, não é saindo de lá que ele vai ter emprego garantido, ele tem que entender isso também. (P4)

Teria nestas respostas uma crise de identidade ou apenas um papel treinado a desempenhar?

O imperativo de ser si mesmo, de “se realizar”, de “construir sua identidade pessoal”, de “superar-se”, de ser performativo, engendra essa “doença identitária às vezes crônica”... A mudança de modelo cultural implica doravante ser forte e sobretudo “ser si mesmo”. O indivíduo ajustado, que aplica as normas de seu meio, de sua cultura, de sua classe social, “como os outros”, ou que se identifica com figuras idealizadas (o santo, o herói, o prudente, etc.) foi substituído, segundo o autor, pelo “indivíduo-trajetória para a conquista de sua identidade pessoal”. Diante desse novo imperativo, muitos de nossos contemporâneos, num momento ou outro de sua vida, e mesmo de maneira mais ou menos crônica, sofrem de um “sentimento de insuficiência”, de uma consciência aguda de “não estar à altura” [...] (DUBAR, 2009, p. 195)

E) AVALIAÇÃO DA CARREIRA

Somente dois entrevistados disseram que se sentem mais à vontade em sua atividade não docente, que preferem trabalhar em eventos e que acreditam que quando atuam em um hotel não precisam ficar preparando aula, corrigindo provas, ou levando trabalho para casa.

Porque você não tem aquele compromisso de estar levando trabalho pra casa, de estar preparando aula, de você estar corrigindo prova, trabalho, pensando. Você acorda sete horas, oito horas da manhã você tem que já programar, tem que pensar a aula que você vai dar hoje, amanhã e na sexta. Então você já tem que ter um esquema já montado. E no hotel você já recebe turista, e já vai fazer alguma coisa diferente dentro do hotel. E você sai do hotel e você deixa o hotel perfeito, e na escola não. Sempre vão te ligar pedindo uma nota ou um trabalho, questionando porque você não fez isso porque foi aquilo. Na escola eu acho que é mais cobrado. Na escola é porque você tem aquele compromisso todo dia de estar daquele horário a aquele horário. Só que as pessoas se esquecem que você está naquele horário e antes? Você está na sua casa, você está no seu computador, você está preparando aula, você está na rua. Às vezes você toma chuva porque você vai montar aula, pode bater o carro. (P6)

Eventos. Porque é aquele negócio, eu não me preparei na realidade para ser professor, então de repente você lidar com adolescentes [...]. é que é assim: no ensino técnico você lida com alunos de quinze anos e dezesseis, tem essa diferença grande. Só que lidar com adolescentes acho que é mais complicado, você encara situações ali que... acho que, eu me sinto mais a vontade em eventos, porque eu me sinto mais dono da situação, do que como professor. Até porque é novo sabe assim, às vezes você repara e acha que é um aluno como eles, às vezes ele te veem dessa forma também. Nunca sofri com falta de respeito nada, mas às vezes eles acabam vendo você como um parceiro ali como um amigo. (P10)

Outros entrevistados assumem sentirem-se bem nas duas atividades docentes, de segurança, não somente financeira, mas exaltam uma confiabilidade maior do que atuar na profissão de Turismo e Hotelaria.

É a troca de experiência. Porque no hotel é muito legal, a rotina do hotel é sempre quebrada, lógico que são casos e casos que acontecem principalmente no setor de hospedagem, mas é aquela coisa de bater cartão, ir todo dia... e dar aula você está em contato com pessoas diferentes a cada seis meses, então eu acho que é muito interessante essa troca de experiência. E dando aula, você tem a oportunidade de estar estudando, ver o que tá no livro e o que pode ser aplicado no dia-a-dia, porque nem tudo pode-se aplicar, o livro é muito bonito, mas o dia-a-dia é outro. E você trabalhando no hotel fica muito preso, não dá para aplicar nada. Eles têm o padrão deles, tem o livro deles e você pega aquilo e acabou. O que é interessante, até já tive vontade de trabalhar é na parte de auditoria, então o corporativo, que lá você vai estruturar todas as regras, que seria interessante. (P1)

Eu me sinto mais a vontade no magistério, eu vejo assim: um professor não consegue deixar de ser professor. Minha maior dificuldade no guiamento é que hoje em tenho postura de professora, e vou ser guia e aí eu não consigo deixar de ser professora. E começa aquele burburinho e você não consegue ficar quieta sem fazer “psiu”, você tem que concordar com aquilo, eles estão falando, eles estão falando, você tem que se segurar para não fazer “xiu pessoal, silêncio”. E assim, porque você já acostumou a agir como se eles fossem alunos, o grupo acaba tornando sempre alunos, então o professor ele não vai conseguir mais deixar de ser professor. (P2)

Acho que até pelo fato de eu ter mais experiência na docência hoje, do que na consultoria. Na consultoria se for juntar a experiência eu tenho um ano, no técnico eu tenho seis. Então eu acho que estou mais seguro dando aula do que prestando consultoria. (P4)

Eu acho que realmente alguns professores estão como professores, porque realmente não gostam do que fazem. Agora tudo bem que eu não tenha feito aquele curso de magistério, não tenha concluído a pedagogia, nem a licenciatura do Esquema I que o Centro propõe, mas a experiência que eu tive desde lá do quarto anos de faculdade e quando eu era monitora na faculdade também, foi isso que me formou enquanto professora. Então eu já vi que sou professora sim. E ninguém me tira essa titulação não. (P7)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema de pesquisa que delineou toda minha investigação, para essa dissertação, iniciou do incomodo em ouvir dentro de um programa de formação pedagógica, a dúvida se éramos professores, já atuantes, ou estávamos professores, pois não possuíamos formação. Essa dúvida fez um caminhar pelo mundo contemporâneo, buscando estudar sobre como estamos lidando com as características de incertezas e principalmente de uma globalização que nos coloca frente a regras do mercado econômico.

Para entender um pouco deste mundo, foi utilizado o suporte do autor Bauman, e sua definição de mundo líquido, como um período de transição entre um momento sólido de teorias universais, e certezas que conduziam nossas vidas baseados na razão científica. Atualmente enfrentamos o desaparecimento dessas metanarrativas, a invasão do privado sobre o público, e a necessidade de trabalhadores flexíveis. A liquidez descrita por Bauman se estende a todas as instâncias: amorosa, familiar, de trabalho e podemos concluir, também, da área da educação.

Em um contexto de transformações, o professor está inserido, com suas atribuições, devendo desenvolver, formar pensadores, e no caso do ensino profissional, formar trabalhadores. Mas ele como trabalhador também “líquido”, como está incorporando sua identidade profissional?

Para Ciampa (1987), a identidade se constrói com um autorreconhecimento do indivíduo sobre suas atitudes, desejos, anseios, dúvidas, enfim como se reconhece enquanto pessoa, na relação com o outro.

Ao refletir sobre essas questões, e relacionarmos com o profissional formado em Hotelaria e Turismo que assume a docência, assumindo uma nova identidade, e passa a ser reconhecido nesse grupo, como professor, enfrentamos uma crise. A possibilidade de assumir mais de uma identidade profissional, é típica desse mundo que incentiva o ser humano líquido, flexível, capaz de ao sabor do mercado mudar seus objetivos, planos, mudar de cidade, de amigos, enfim mudar tudo de forma rápida, o melhor profissional é aquele que se “adapta”. Lógico que tais exigências não ocorrem sem afetar os indivíduos, tem-se percebido o aumento dos sintomas de estresse, e doenças ligadas ao trabalho... Embora vivamos num mundo com mais possibilidades, estamos mais infelizes e insatisfeitos.

O Centro Paula Souza oferece a oportunidade para seus professores de participarem do Curso de Formação Pedagógica, com o intuito de fazer com que seus docentes compreendam aspectos necessários sobre a educação, como didática, psicologia, entre outros temas abordados ao longo do curso, aspectos estes que não lhes foram apresentados na graduação de Hotelaria e Turismo.

Pude perceber o quanto os entrevistados se alternam em suas respostas, dificultando muito minha análise sobre como se veem enquanto docentes. Em vários momentos me afirmam que amam o que fazem, que adoram ver seus alunos agradecerem, mas logo a seguir mostram que estão na docência porque não tiveram

novas ou outras possibilidades de emprego, principalmente por questões salariais e de estabilidade.

Os entrevistados, de modo geral, sentem que possuem grande autonomia como docentes, mas, mesmo assim, querem procurar outro emprego ou outra atividade para complementar a educação. A entrevista é rica desses detalhes, mas se torna muito difusa, por se tratar de pessoas, de uma pesquisa qualitativa, onde não é possível obter-se uma conclusão fechada ou definitiva dos fatos.

Tenho a impressão que procurei ver nas entrevistas com docentes de Hotelaria e Turismo a questão do ser ou não professor, os entrevistados são sim docentes, porém com foco no mercado, o que pode entrar em conflito sobre a identidade de formar pessoas, ou formar trabalhadores para um mercado específico.

Outras questões a partir deste trabalho podem ser levantadas, como por exemplo, as escolas profissionais atendem a quem? Como formamos os docentes para o ensino profissional? Quais as regras para o desenvolvimento de trabalhadores conscientes de seus direitos e deveres? Enfim ainda há muito que pesquisar.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode se manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias; [...] (BAUMAN, 2008, p. 20)

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BÚRIGO, Elisabete Zardo. **O ensino técnico industrial segundo os professores**: adaptações e resistências à reforma em duas escolas estaduais gaúchas. 2004. 541p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. 2004.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In. LANE, Silvia T. Maurer; CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- EBISUI, Cássia Tiêmi Nagasawa. **A identidade Profissional do enfermeiro professor do ensino técnico de enfermagem**. 2004. 190 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto, 2004.
- DUBAR, Claude. **A Crise das Identidades: A Interpretação de uma Mutação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FERREIRA, Marília de Abreu. **Ser-professor**: construção de identidade em processo autoformativo. 2006. 129 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Educação e Letras, 2006.
- FOLLARI, Roberto A. Estudios sobre postmodernidad y estudios culturales: sinônimos **Revista Latina de Comunicación Social**. La Laguna (Tenerife), n.35, nov. 2000. Disponível em: <<http://ull.es/publicaciones/latina/argentina2000/15follari.htm>> Acesso em: 20 jan 2009.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- GALLO, Silvio. Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção do conhecimento em educação. **Educ. Pesquisa**. v.32 n.3 São Paulo set./dez. 2006.
- GOERGEN, Pedro Laudinor. (1996). A crítica da modernidade e Educação. Proposições. **Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação da Unicamp**, v. 7, n. 2[20], jul., p. 5-28.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- LAMPERT, Ernâni.Org. **Pós-modernidade e conhecimento**: Educação, sociedade, ambiente e comportamento humano. Porto Alegre: Sulino, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8.ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Hucitec- Abrasco, 2004.

MONTOYAMA, Shozo (Org.). **Educação Técnica em Tecnológica em Questão – 25 anos do CEETEPS – Uma história vivida**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: CEETEPS, 1995.

O FUTURO já começou. **Revista do Centro Paula Souza**. Ano 4, número 17, mai./jun. 2010.

QUEIROZ, F. A. de . Tecnologia, Educação e Sociedade no Brasil (1969-2005): O Caso do CEETEPS. In: XXIV Simpósio Nacional de História, 2007, São Leopoldo - RS. Associação Nacional de História - ANPUH, 2007. p. 1-9.

RAMOS, Ivone Marchi Lainetti et al. **Formação pedagógica para docentes da educação profissional**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2007.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez – Autores associados, 1988 (coleção temas básicos de pesquisa-ação).

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa – EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM TURISMO E HOTELARIA: UM ESTUDO COM PROFESSORES, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador(a) ou com a instituição. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador(a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Juliana Tonon Oliveira

ENDEREÇO: Rua Caracas, 695 – Parque Campolim – Sorocaba **TELEFONE:** (15) 81299549

OBJETIVOS: Pesquisar a trajetória profissional do docente de Hotelaria e Turismo no Centro Paula Souza.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Se concordar em participar da pesquisa, você terá que responder a uma entrevista que será gravada sobre a sua trajetória profissional como professor de Hotelaria e Turismo do ensino técnico de educação profissional Centro Paula Souza. Os nomes dos professores não serão expostos e servirão como pesquisa de campo para a dissertação de mestrado.

RISCOS E DESCONFORTOS: Nenhum risco ou desconforto será provocado pela pesquisa.

BENEFÍCIOS: Esta pesquisa é muito importante para a área de Hotelaria e Turismo, já que pouco se pesquisa sobre educação profissional neste assunto. A participação é fundamental para a conhecimento científico.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Os participantes não deverão pagar nada e também não receberão reembolso pela entrevista.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Existe total garantia de sigilo e asseguração da privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, somente serão divulgados os dados relacionados aos objetivos da pesquisa.

Assinatura do Pesquisador Responsável:



CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, NOME DO ENTREVISTADO(A), RG/CPF, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pelo pesquisador(a) - (NOME DO PESQUISADOR(A)) - dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

LOCAL E DATA:

Nome da cidade, data, ano.

NOME E ASSINATURA DO ENTREVISTADO

(Nome por extenso)

(Assinatura)

APÊNDICE B : ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual sua formação na graduação? Onde se formou? Quando? Por que escolheu este curso?
2. Possui alguma especialização na sua área de formação?
3. Fez o Esquema I? Fez porque quis? O que achou desta exigência?
4. Fez outras especializações específicas pedagógicas? Quais?
5. Por que as escolheu? Onde as cursou? Quando? E qual a importância desses cursos em sua carreira docente?
6. Qual foi o processo de recrutamento para ingressar em sua área?
7. Quais pré-requisitos foram exigidos?
8. Qual representatividade tem sua empresa em sua carreira profissional?
9. Qual é o seu campo de trabalho? Qual a função que exerce? Fale-me sobre suas experiências profissionais neste campo. Como você se sente como profissional desta área? Que satisfações lhe trazem? Quais aspectos considera negativo e qual atividade você não se sente à vontade em realizar?
10. Quais pessoas para você são importantes em sua trajetória profissional, do ponto de vista social, pessoal, profissional?
11. E como estas pessoas que convivem com você o veem do ponto de vista profissional, para eles você é um turismólogo, dono de agência, professor, ou outra denominação?
12. Há quanto tempo atua no mercado de trabalho (exceto docência)?
13. Quando iniciou na docência?
14. O que o levou a tornar-se docente? Descreva um pouco da sua carreira docente.
15. Qual foi o processo de recrutamento para ingressar em sua área?
16. Quais pré-requisitos foram exigidos?
17. Qual sua área de atuação na docência?
18. Há quanto tempo atua como docente?
19. Qual representatividade tem sua escola em sua carreira profissional?
20. Como você se sente como professor da área técnica?
21. Qual sua função dentro da empresa? Sua função lhe permite que grau de autonomia? Descreva melhor esta situação.
22. Qual sua função dentro da escola? Sua função lhe permite que grau de autonomia? Descreva melhor esta situação.
23. Qual é o seu objetivo para a formação de seu aluno técnico?
24. Cite alguém que para você é importante no seu campo profissional, podendo ser um autor, um colega de trabalho. Como você se sente com relação a este referencial? Como se compara com relação a este referencial de acordo com sua profissão?

APÊNDICE C: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Legenda: P = professor (acompanha o número do entrevistado)

J = Juliana entrevistadora

Entrevista – Professor 1= P1

J: Fale-me sobre sua atividade profissional ligada a sua área de formação. Qual sua formação na graduação?

P1: Sou tecnóloga em Hotelaria

J: E onde você se formou?

P1: SENAC

J: Quando?

P1: Em 2003.

J: Por que escolheu Hotelaria?

P1: Na verdade eu escolhi Hotelaria porque queria mudar um pouco, eu sempre quis direito, mas fiz Hotelaria pelo contato com as pessoas e era uma área que tava crescendo, então era mais fácil de trabalhar fora do país

J: Você fez alguma especialização na sua área de formação?

P1: Já fiz curso simples, agora pós-graduação, não. Mas tenho de pedagogia.

J: Qual foi o processo de recrutamento para ingressar na sua área? Quando você foi trabalhar dentro de Hotelaria como que foi esse recrutamento?

P1: Bom, eu fiz bastante estágio dentro da minha área em um grande hotel. E o meu primeiro emprego em carteira foi aqui em Itu, através de entrevista, mandei currículo e depois trabalhei em São Paulo também, mandando currículo, mas com gente já dentro do hotel. Não adianta mandar currículo sem ter alguém o conhecimento de alguém

J: Tem alguns pré-requisitos que são exigidos para você entrar nos hotéis para trabalhar?

P1: Eu acho que o que pesou muito foi a faculdade que eu fiz. Eu eliminei bastante gente, porque fiz Hotelaria e tenho o inglês intermediário também.

J: Qual representatividade tem essa parte dessa época que você trabalhou dentro do hotel, dentro da sua carreira profissional?

P1: É interessante. Quando eu trabalhei no hotel, eu fui trabalhar na parte que é hospedagem. Como eu trabalhei num hotel de rede, o treinamento, pesquisa, então é muito... o pessoal fala que é até robotizado. Mas é legal porque existe um padrão, e através desse padrão, você consegue adaptar isso em outros locais menores. Eu acho que é isso ajudou de eu ter trabalhado em São Paulo.

J: Qual é o seu campo de trabalho quando você está ali dentro do hotel?

P1: É mais a área de hospedagem.

J: Qual função que você exerceu?

P1: Recepcionista, telefonista e pouquíssima coisa de A&B. Eu já trabalhei também na parte de eventos ajudante.

J: Tem mais alguma experiência profissional dentro dessa área de Hotelaria que gostaria de estar comentando?

P1: Eu acho que mais quando eu fui monitora, que eu tive que colocar muita coisa em prática.

J: Como se sente sendo profissional dessa área? Que satisfação lhe traz ou lhe trouxe quando você estava no mercado?

P1: Trabalhar em Hotelaria é aquele glamour, então tem todo aquele sonho, é chique trabalhar em hotel, mas o que não compensa muito é o salário. Então infelizmente, eu tive que estar em dois hotéis porque o salário não compensava, daí eu conheci a área de docência... (risos)

J: Quais os aspectos que você considera negativo? E quais as áreas que você não se sente a vontade de atuar dentro da Hotelaria do campo profissional?

P1: Olha eu não gostaria de trabalhar na cozinha. É, restaurante tudo bem, mas a cozinha mesmo eu não me identifico. Aquela pauleira lá dentro... uma vez por semana tudo bem, agora todo dia aquela rotina, não...

J: E os aspectos negativos que você considera nessa área de Hotelaria?

P1: É que você não tem tempo livre. Sua vida passa a ser o hotel, eu diria que é interessante você ter alguém da área, se relacionando, casando com alguém da área para não se levar na sua vida social. Senão...

J: Quais pessoas para você são importantes em sua trajetória profissional, do ponto de vista social, pessoal ou mesmo uma pessoa que trabalha junto com você na profissão?

P1: Olha existe uma pessoa muito importante. É um professor lá do SENAC, Marcos Gaiade, ele sempre me ajudou a dar aulas, fazendo prazos, ele sempre influenciou muito nesse sentido de “ah vou te ajudar”... Então até quando eu prestei concurso pra escola técnica eu pedi ajuda dele e ele começou a escola técnica também. Então eu acho assim que alguns professores que me orientam até hoje, umas tias da parte familiar.

J: E como essas pessoas que convivem com você, família, amigos, te veem do ponto de vista profissional? Para eles você é hoteleira, professora? Qual a apresentação que eles dão para a P1 como profissional?

P1: Eu acho que entra mais professora, do que como hoteleira. Embora a área que eu dê aula de Hotelaria, foge um pouco de Hotelaria.

J: Há quanto tempo você atua no mercado de trabalho? Exceto na docência.

P1: Eu trabalhei, contando com estágio, então dá aproximadamente 3, 4 anos.

J: Qual era a sua função dentro da empresa, dentro da Hotelaria?

P1: A parte de hospedagem.

J: Essa função que você tinha na empresa, dentro da hospedagem te permitia que grau de autonomia?

P1: Então, trabalhando no hotel, aqui a minha autonomia era na parte de eventos, então eu fechava eventos, eu corria atrás dos clientes. Agora num hotel de rede você não tem autonomia alguma. Então a sua função é essa, você faz isso e sempre o gerente tem a autonomia. Mas é um pouquinho o geral. Então o problema de trabalhar num hotel de rede é esse: as ideias são meio cortadas, podadas, você não pode ter muitas ideias. Tem que seguir o padrão do hotel.

J: Agora sobre a docência. Quando você iniciou na docência?

P1: Vai fazer três anos, foi em fevereiro de 2006.

J: O que levou a tornar-se docente?

P1: Então eu tinha alguma vontade na época de faculdade, mas eu achava que não tinha experiência para encarar uma sala, eu fui trabalhar um pouco e meu professor sempre me incentivou que eu devia dar aula. Aí surgiu a oportunidade, prestei e achei que não ia dar certo, na verdade eu entrei meio insegura, aí fui gostando... cada vez pegava mais aulas...

J: E o que você falaria da sua carreira docente hoje, assim desde esses dois, três anos que você está?

P1: Eu acho que teve uma evolução bem grande, principalmente depois da licenciatura iluminou alguma coisa que a gente aprende. Fiz uma pós voltada à educação, vou fazer outra agora começando fevereiro e eu acho que é uma troca muito grande que existe com os alunos. Então você passa os seus conhecimentos, conhecimentos em níveis teóricos e vê que o aluno está na prática e tem aquela troca de informações que eu acho muito interessante.

J: Cite alguém que para você é importante no seu campo profissional. Agora na área de docência podendo ser um autor, um colega de trabalho.

P1: Quando eu entrei quem me deu muito apoio foi o Hélio, porque eu estava meio perdida, porque você tem aquela coisa prática, mas falta um pouco de teoria. Ainda mais que eu fiz tecnólogo, então ele me deu muito apoio nesse sentido. E eu acho que o Marcos Gaiade é muito importante e agora o Toninho.

J: Como você se sente com relação a esses referencias, ou seja: o paralelo de P1 com essas pessoas?

P1: Eu estou me aproximando mais. Até porque eu estava um pouco afastada, agora eu estou voltando, estou trabalhando em São Paulo com ele. Então tem essa troca de informação.

J: E com os autores? Você tenta ser uma professora como eles?

P1: O Toninho sim. O Toninho é um ótimo professor, então eu me inspiro nas aulas dele que eram muito motivadoras. Eu tento lembrar, eu tento falar, algumas atividades práticas que eles davam que deixavam as aulas motivadas, pra tentar fazer com os alunos.

J: E como você se compara com relação a essas pessoas de acordo com sua profissão? Como você se espelha?

P1: O que eu acho legal neles é que eles não ficam só na Hotelaria. O Toninho fez arquitetura, tem Hotelaria... Porque a área de Hotelaria é muito ampla, então eles vão se especializando em diversas áreas. Então eles vão se especializando um pouco mais em educação, que eu acho que isso faz falta para quem for dar aula, e depois quero me especializar nessa área tanto de hospedagem como de bar que é mais o que me interessa, o que eu gosto. É o que eu acho legal mesmo é que eles trabalham com consultoria. O que eu me espelhei mesmo sobre tudo seria no treinamento com consultoria.

J: Qual foi o processo de recrutamento para ingressar na docência?

P1: Teve concurso, foi preparar três aulas, três temas tudo junto. Foi sorteado na hora um, eu apresentei a aula...

J: Quais pré-requisitos foram exigidos para ser docente?

P1: A formação da área.

J: Qual é sua área de atuação na docência?

P1: É a parte de hospedagem, bar e restaurantes, eventos.

J: Há quanto tempo você atua como docente?

P1: Três anos.

J: Qual a representatividade tem sua escola em sua carreira profissional? Quantas escolas na verdade você atua?

P1: Três.

J: Cada uma delas representa o que para você na sua carreira profissional?

P1: Eu acho que a escola técnica foi o começo de tudo, onde tive a oportunidade de durante um ano e meio, colocar muita coisa que eu tinha vontade de colocar como professora eu coloquei ali. Então foi o começo de tudo, mas em São Roque eu tenho muito mais chances de mostrar o meu trabalho lá e em Jundiaí também eu tenho mais espaço para mostrar o meu trabalho.

J: Fala um pouco para mim dessa época do LH, por conta da autonomia que você tinha no LH que no Blue Tree não teve.

P1: Muita coisa que tinha no LH eu tentei adaptar, os formulários, a padronização, mas na verdade algumas ideias de um atendimento personalizado é o que eu gosto. Eu gosto de quando você vai atrás, você não fica preso a um padrão, eu acho que nesse sentido dá para ajudar bastante.

J: Você fez o esquema I?

P1: Fiz.

J: Fez por que quis ou foi por conta da exigência?

P1: Olha, as duas coisas. Era interessante, para melhorar a metodologia, a didática. Que eu já tinha visto um pouco na parte de pedagogia, mas também porque era necessário.

J: As outras especializações pedagógicas que você fez...

P1: Então eu fiz a de pedagogia institucional, que tem a ver na formação do aluno, tem toda essa parte de aquele aluno problema, tentar resolver... dificuldade de aprendizagem... eu achei interessante estar fazendo isso e agora vou fazer formação de adultos.

J: Por que você escolheu esse curso para fazer como especialização?

P1: É para melhorar mesmo na docência. Para dar base, eu fiz tecnóloga em Hotelaria, eu vi pouquíssima coisa de psicologia, filosofia. Então faltou um pouco da base de educação, para melhorar em sala de aula. Eu não fiz magistério igual o pessoal fazia, então faltou um pouco dessa parte, dessa habilidade.

J: Aonde que você cursou e quando?

P1: Eu fiz na Universidade Nova Iguaçu a distância, eu cursei de 2006 a 2008.

J: Qual a importância desses cursos na sua carreira docente?

P1: Acho fundamental. Tanto que eu só procurei fazer uma pós-graduação na hora que eu me acertasse profissionalmente, assim em qual área que eu queria fazer. Então em vez de fazer na nossa área de Hotelaria, eu fiz na docência, na parte de educação para depois ir para a parte de Hotelaria.

J: Como você se sente como professor dessa área técnica? Você acha que existe um perfil, alguma coisa por ser professora nessa área do técnico?

P1: Eu acho que assim, você como funcionário, você sendo professor, tendo uma valorização pelo professor. Às vezes você na área, tendo mais contato com Hotelaria, você é mais respeitado como professor. Mas não é nem tanto o glamour que chama a atenção, na verdade o interessante do técnico é que pega o aluno muito simples, na maioria, e daí você a transformação que você fez no final. Então você pega no final é outra pessoa. Então você ajuda a melhorar, a dar uma oportunidade a essas pessoas.

J: Qual sua função dentro da escola?

P1: Professora.

J: Essa função como professora lhe permite qual grau de autonomia?

P1: Na verdade é dentro da sala de aula, mais projetos, conversar com o coordenador.

J: Você acha que tem um grau de autonomia nas escolas que você atua?

P1: Acho com certeza. Na de São Roque eu tenho muito mais autonomia e na de Jundiaí. Eles confiam mais nos professores, “você acha que é preciso, legal pode fazer”, agora Itu tem que pedir autorização, tem que explicar o porquê, vão discordar do que a gente está fazendo. Tem que ter um motivo para estar fazendo as coisas, mas lá o que você precisa, às vezes eu tenho mania de justificar para o diretor “olha vou fazer isso”, daí ele “não, confio no seu serviço”, então você não tem que ficar dando tanta explicação.

J: E é com as aulas?

P1: Com as aulas, porque às vezes você precisa de espaço para as aulas práticas, material... então, não precisa de tanta burocracia.

J: Qual é o seu objetivo na formação do seu aluno no técnico?

P1: É dar as competências, as habilidades necessárias para ele desenvolver o serviço, atuar no campo profissional. Colocar ele dentro do mercado.

J: Cita alguém que para você é importante com relação a sua atuação no magistério da área técnica, podendo ser um autor, um colega de trabalho, mas sendo dessa parte.

P1: As mesmas pessoas.

J: Aí o seu referencial com relação a eles seria a mesma coisa?

P1: É porque assim, se você quiser entrar numa escola técnica depende muito de você, então você vai pegar a matéria, vai pegar um professor de geografia, vai estudar, vai ver como colocar para o aluno dentro da disciplina, quais são os pontos principais.

J: E como você se compara com relação a esses referenciais na sua profissão? Da mesma forma? Ou seja, sempre procurando buscar o que eles fizeram para ter como base?

P1: Sempre. E até mesmo verificar todos os professores docentes, acho que nem que não seja da mesma área. Ali na escola nós temos ótimos professores, então eu observo, vejo como posso melhorar, falo “poxa que legal o trabalho que vocês fizeram com seus alunos”.

J: Hoje em dia além da docência, você trabalha no campo profissional paralelo?

P1: Dou aula. (risos)

J: E esse só “dou aula” o que soa para você quando os alunos perguntam?

P1: Eu não ligo muito, porque tem professor que se irrita “como eu só dou aula?”, então eu falo que hoje eu dou aula e sou estudante. Porque eu nunca estudei tanto na minha vida quanto eu estudo hoje.

J: E nas atividades que você teve, quando você tava no Blue Tree , quando você tava nos hotéis trabalhando, e hoje no magistério, em qual que você se sente mais a vontade?

P1: No magistério.

J: Por quê?

P1: É a troca de experiência. Porque no hotel é muito legal, a rotina do hotel é sempre quebrada, lógico que são casos e casos que acontecem principalmente no setor de hospedagem, mas é aquela coisa de bater cartão, ir todo dia... e dar aula você está em contato com pessoas diferentes a cada seis meses, então eu acho que é muito interessante essa troca de experiência. E dando aula, você tem a oportunidade de estar estudando, ver o que tá no livro e o que pode ser aplicado no dia-a-dia, porque nem tudo pode-se aplicar, o livro é muito bonito, mas o dia-a-dia é outro. E você trabalhando no hotel fica muito preso, não dá para aplicar nada. Eles têm o padrão deles, tem o livro deles e você pega aquilo e acabou. O que é interessante, até já tive vontade de trabalhar é na parte de auditoria, então o corporativo, que lá você vai estruturar todas as regras, que seria interessante.

Entrevista – Professor 2 = P2

J: Fale um pouco para mim sobre sua atividade profissional ligada a sua área de formação.

P2: Bom, primeiro de tudo eu sou formada no grau superior em direito, tenho licenciatura em direito também e a minha formação técnica no curso de Turismo. A minha atuação dentro da área que eu sou formada que é direito, agora é voltada só para a educação. Não estou trabalhando como profissional do direito, e como profissional do Turismo, também não. Estou trabalhando especificamente como professora agora. Então assim, eu tenho experiência nas duas áreas, mas atualmente eu estou apenas na educação. No direito eu trabalhei como advogada durante uns oito anos, advogando em causa própria essas coisas mesmo, mas no direito mesmo foi isso. E no Turismo, só como profissional liberal, então como guia, eu ainda sou guia de Turismo, mas atuo muito pouco como guia, e também dentro da área de Turismo fiz alguns estágios, alguns trabalhos voluntários, monitorias e tudo mais. Hoje eu não trabalho nem com um, nem com outro.

J: Onde você se formou?

P2: Sou formada em direito na Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, que é ligada à PUC e sou formada em Turismo na ETEC Martinho Di Ciero aqui em Itu.

J: E quando que você se formou? Em ambos.

P2: Em direito eu me formei em 1999 e em Turismo me formei em 2004.

J: Por que escolheu o curso de Turismo?

P2: O de Turismo eu escolhi porque eu tinha interesse pela área, sempre tive. Quando cheguei em Itu, eu não tinha muito acesso a cidade, ainda não conhecia a cidade, porque eu mudei para cá fazem oito anos, e aí eu comecei a conhecer a cidade de Itu. Quem viu o curso, na verdade uma pasta da escola foi minha mãe, e comentou: “Ah, tem o curso de Turismo, pode ser que você tenha interesse e é de graça, por que você não faz?”. Então quer dizer, eu caí meio de pára-quebras mesmo. Comecei a fazer o Turismo mais por curiosidade, quando eu fiz a inscrição, eu não sabia que era ETE, depois é que eu vim a saber que era ETE, aí eu comecei a fazer o curso e aí terminei o curso e acabei gostando muito da área.

J: Você possui alguma especialização na sua área de formação? De direito ou de Turismo?

P2: Não, só licenciatura. Por enquanto.

J: Qual foi o processo de recrutamento para ingressar em sua área? De direito e como guia.

P2: É que é assim: você começa a trabalhar na época que você ainda está na faculdade. Começa fazendo estágios e aí começa a ter contato com a área. E daí isso vai dando uma projeção maior, cada vez maior dentro da área, mesmo porque eu trabalhei, eu fiz estágio na Mercedes, aí acabaram me chamando no escritório pelo da Mercedes. E no Turismo já é aleatória a forma como é selecionada a pessoa que vai trabalhar na área. Porque você tem que se colocar no mercado. No Turismo é assim, você tem que se

colocar no mercado, você tem que levar seu currículo em agência, você tem que mostrar seu trabalho, muitas vezes você tem que trabalhar voluntariamente em monitorias, em cursos, para aprender mesmo. E aí consegue dessa forma contatos, no Turismo tudo é contato, não é de outra forma. Não adianta você entregar seu currículo em um monte de lugares e você não vai ser chamado de forma nenhuma, porque o guia ele é liberal, ele é autônomo, então não tem muito contato direto em alguma agência, ele tem que mostrar o trabalho dele diversas vezes para conseguir contato. Isso vai muita gente caçando também. Mas eu recebi muitas indicações, eu comecei a trabalhar através de indicações, pessoas que viram o meu trabalho e foram indicando, então por isso que vem o trabalho voluntário que é fundamental. Se você trabalha em vários lugares, sempre mostrando, porque você sempre tem que estar no mercado, porque na hora que você não aparece mais você sai do mercado, você sai de vez.

J: Quais foram os pré-requisitos para você entrar no mercado de trabalho?

P2: Para trabalhar como guia você tem que primeiro ter todos aqueles pré-requisitos já tem no curso mesmo, que é postura, fala, conhecimento, ética, tudo isso e um conjunto de informações que você já tem no curso como aprendiz. E aí o que acontece, você tem que se projetar, tem que literalmente vender seu peixe. Tem que mostrar sua cara o tempo todo e quando você menos tem vergonha, quando você mais se mostra, aí é que você tem chance de ser chamado em qualquer lugar. Tem grupo que é fidelíssimo meu, todo ano eles veem para cá e todo ano eles pedem pelo meu trabalho. Por quê? Porque eles foram uma vez e adoraram. Isso que é bom no Turismo, porque se o grupo gosta de você, você consegue fidelizar o cliente e eles pagam o preço que você pedir. Isso que é fundamental, porque assim: muita gente barateia o trabalho, no Turismo isso acontece demais. Não existe salário do guia, guia não tem salário, então todo profissional do Turismo vai ser melhor do que eu, os profissionais caem no mercado em agências, até porque o cruzeiro paga bem, ele tem um salário bom, mas trabalho também é bem exaustivo. Agora agências, quando eles pegam o profissional não legalizado exatamente, eles ganham alguma coisa envolvendo o Turismo. A gente de Turismo, o turismólogo ele é formado, ele não é o profissional, então a gente tem uma gana assim, costumava falar no direito quando a gente não é advogado e não é estagiário, a gente é alguma coisa dentro do direito. É a mesma coisa no Turismo, a gente é alguma coisa dentro do Turismo. Como não tem legalização, porque a única profissão legalizada é o guia, então você pode ser contratado como funcionário normalmente porque não tem nenhuma categoria que te defenda. E aí o guia é autônomo, ele recebe por viagem, ou seja, você joga seu valor, outro vai lá e joga, o que acontece ele vai pegar o outro, a não ser que você tenha conseguido conquistar esse mercado, aí sim quando você conquista o grupo, conquista a empresa, e eles veem que seu trabalho é bom, aí você ganha um cliente fiel. Mas eu falo, é muito instável, a área de Turismo é muito instável.

J: Qual representatividade tem a sua empresa em sua carreira profissional? Na verdade a sua empresa, como você disse que é autônomo, não existe, então esse público que é fiel as suas atividades como guia, o que representa isso em sua carreira profissional?

P2: É que assim, eu posso dizer que como carreira eu não quis seguir justamente essa carreira do Turismo justamente por isso, porque é uma vida muito instável. Eu conheço uma pessoa, uma moça, que ela trabalha com monitoria, ela não tem nenhum vínculo empregatício, aí ela engravidou. Agora com nove meses de gravidez fazendo recreação, e assim não tem licença maternidade, não tem nenhuma proteção legal. Aí o que acontece, é muito complicado para a pessoa, para o profissional. Por isso que eu não quis seguir a área de Turismo sozinha, ela é assim, para mim ela acaba sendo um apoio, nem tanto apoio é mais uma recreação. Aquilo que você faz para se divertir, faço para dizer que faço também, mas eu não sigo como carreira principal porque é inviável, eu trabalhava na área de direito e tinha o Turismo como final de semana, e aí que entrou a educação que começou a ser a noite, e aí eu comecei a ir pela área da educação pela estabilidade profissional.

J: Qual o seu campo de trabalho? Sem falar da docência ainda, seu campo de trabalho no Turismo.

P2: Dentro do Turismo meu campo de trabalho é o eixo histórico, fazer o eixo histórico. É levar o grupo para fazer um passeio pela cidade, então você pode fazer tanto um eixo histórico pela cidade de Itu como acompanhante e ir para outro local acompanhando o grupo. Eu faço isso dentro da docência também, no Centro Paula Souza você pode atuar como guia não sendo professor, só que preferencialmente é melhor ser professor e ser guia também para fazer as duas funções. A minha função hoje como guia é dentro do Centro Paula Souza acompanhando os alunos.

J: E qual é a função que exerce nesse campo?

P2: É guia.

J: E fale um pouco para mim sobre suas experiências como guia.

P2: Eu já trabalhei como guia no roteiro caipira, o roteiro caipira hoje tem o formato diferente, era um trabalho de acompanhamento de grupo e tinha também a de atuação de atores. Os atores faziam toda a parte de vivenciar o roteiro e eu ia como guia mesmo, encabeçando o grupo. Eu não fazia parte da atuação e sim o cuidado com o grupo. Porque o que eu vejo na profissão de guia é que você se torna como uma babá, uma babá de um grupo, porque você tem que tomar cuidado com eles por eles. Porque as pessoas

quando elas vão para outra localidade, elas esquecem que lá tem trânsito, que lá as pessoas morrem atropeladas, que lá acontecem problemas de saúde, então a gente esquece todos os problemas que a gente só devia ter numa viagem, porque é como se a gente estivesse naquela terra da fantasia onde nada de ruim vai acontecer. E o guia acaba tendo aquela função. E agora como guia acompanhante em viagem com alunos, o trabalho é até maior mesmo, porque aí você tem que ser mais protetor, tem que ter mais cuidado, porque a maior parte dos alunos são menores de idade, a responsabilidade quando você tá com menor de idade no grupo é maior, é bem maior, então a gente tem que tomar cuidado com a postura deles. Mas assim, depois que eu comecei a viajar com alunos, é muito mais fácil do que viajar com grupos reais. Um grupo real de Turismo ele dá muito mais problemas, eles podem se beber, eles podem brigar com as pessoas, então existem uma série de problemas que eles podem causar que com alunos não vai ter, porque o aluno é proibido de fazer isso. Mas o turista não, se ele vai para a Bahia quer beber, ele foi lá para isso. Ele está pagando ele quer curtir a viagem dele ao máximo, atingir todas as expectativas dele com relação a viagem. Então o grupo real é muito mais difícil de lidar que o grupo de alunos, hoje eu acho mais cômodo pra mim porque eu tenho aquela função de poder fazer clientes, coisa que quando você é guia, você não pode. Eles fazem barulho e você continua como se nada tivesse acontecendo.

J: E como você se sente como guia, ou como profissional dessa área?

P2: Bom eu adoro ser guia, eu falo eu só não estive na profissão porque não tem regulamentação, assim, tem regulamentação legal, mas é autônomo. Então é um profissional que períodos do ano ele vai trabalhar muito, e períodos do ano ele não vai ter mais trabalho. Um bom exemplo é Campos de Jordão, se você for lá em baixa temporada os guias pulam em cima dos ônibus que chegam, os ônibus que chegam, eles já chegam em cima do grupo querendo pegar para competir, porque não tem trabalho então isso é ocasional. É um trabalho muito difícil. Por isso que eu gosto de trabalhar como guia, adoro, a forma que eu encontrei foi através das aulas.

J: E qual a satisfação lhe traz de trabalhar como guia?

P2: A satisfação é gostosa porque ela é diária. Aí eu sempre faço um paralelo, no direito, as pessoas entram no escritório, elas entram deprimidas, e normalmente elas saem ainda, porque é um ambiente carregado. O Turismo não, ela chega leve e ela fica mais feliz ainda, é muito raro chegar uma pessoa deprimida para fazer uma viagem. Ela vai com expectativa, então ela vai estar olhando pelo ponto de vista melhor. E o retorno é rápido, porque com o grupo, normalmente é um dia que você permanece com o grupo, no final do dia eles te batem palma, te dão presente, então é um retorno muito rápido. E eu faço um paralelo com a educação, porque quando entro em sala de aula, o retorno não é imediato, você vai receber o retorno um ano depois, quando a turma está se formando. Enquanto que já no Turismo não, você recebe imediato, terminou o dia e as pessoas estão lá falando que adoraram tudo, então é muito gostoso porque o retorno é rápido, a satisfação é imediata não é a longo prazo.

J: Os aspectos que você considera negativo nessa atividade. E qual atividade você não se sente a vontade em atuar como guia?

P2: O aspecto negativo é aquilo tudo que já falei, sobre a falta de segurança da profissão. E uma área que eu não me sinto a vontade para trabalhar é a parte de recreação.

J: Quais as pessoas que para você são importantes em sua trajetória profissional? Do ponto de vista social, pessoal, profissional como guia.

P2: No ponto de vista social ainda envolvendo o profissional, porque no Turismo social é profissional. Eu vejo o seguinte, é até uma coisa que eu vou fazer, até uma parte que eu vou falar sobre postura, ter um cuidado maior com postura. Porque depois que você se torna uma pessoa pública, porque Turismo a pessoa é pública, então ela tem que tomar cuidado mesmo que ela não esteja trabalhando, ela tá andando na rua, ela está sendo vista, então ela não pode se portar como ela se portaria, então o convívio social é importante porque interage com o profissional diretamente. Então você tem essa preocupação de chegar em público e agir da mesma forma, então o círculo social é fundamental porque você encontra, sempre numa cidade como essa de interior, cidade de interior atitudes começam. Então se você fizer uma ação que vá chamar a atenção para você de forma negativa, vai te prejudicar. Do ponto de vista pessoal e profissional também é lógico que os professores são fundamentais, porque tudo o que você vê na escola, é o que você vai aplicar. Se você ficar colocando muito na sua cabeça que determinada coisa é o correto, você vai sair pelo menos com uma sementinha na cabeça, quando você chegar no profissional você vai ter pelo menos o dilema de o que é certo e o que é errado, eu vou fazer mas pelo menos sei que eu to fazendo certo, não to fazendo errado. Isso pra mim é fundamental, por isso que os professores tem assim um papel importante por que não há nova página de livro na cabeça do aluno. Você sai no mercado com todas aquelas ideias, agora você tem que colocá-las na prática, então eu vejo que essas pessoas são muito importantes. É lógico você está falando de guia, o guia ele só lida com gente o dia inteiro, então todas as pessoas são muito importantes para ele.

J: Como essas pessoas que convivem com você o veem do ponto de vista profissional? Como agência, professor, qual é a denominação que eles colocam para você?

P2: O que eu sinto mesmo é que me veem como uma consultora de viagens, uma agente de viagens, é porque hoje em dia agência não é agência de viagens é agência de Turismo, então é consultora de Turismo. Me ligam para perguntar dos lugares que possam visitar, então eu acabei me tornando uma consultora de assuntos aleatórios, porque tem muita gente que pergunta, como sou da área, como eu também trabalho na disciplina de etiqueta, muita gente vem e pergunta para mim “Mas e agora quem que entra? Quem que fala aqui na formatura? E agora eu estou fazendo certo? A roupa que eu pus está certa?”. Consultora de moda, então você consultor mesmo de assuntos dos mais diversos, relacionados ao Turismo. Tudo quanto é assunto que possa ter alguma ligação já te perguntam.

J: Há quanto tempo que você atua no mercado de trabalho da docência?

P2: Dois anos.

J: A sua função dentro da empresa que é como guia que você atua, e a autonomia que você tem como guia?

P2: A minha função é guia de Turismo. E a minha autonomia ela é máxima, a nossa autonomia no guiamento ela é tão grande que ela só vai até a relações inter pessoais mesmo. Por exemplo, eu como guia acompanhante chego e encontro um guia local, tem existir uma relação muito positiva para você trabalhar da forma que você quer e a pessoa poder trabalhar da forma que ela quer. O motorista, a mesma coisa de um motorista num ônibus, então a sua autonomia é máxima. Só que ao mesmo tempo você tem que tomar cuidado com todos aqueles locais aonde você está indo, então você está interagindo com outras pessoas que vão ter que trabalhar da mesma forma. Assim por exemplo: você está andando com um grupo na rua, e chega alguém e grita um palavrão, isso já aconteceu comigo, é extremamente desagradável, imagina a pessoa sonhando com aquilo, chega aqui e acontece um palavrão. Aí você pede desculpas em nome da cidade e continua trabalhando normalmente, então eles veem como a sua postura, eles veem que você se posicionou perante aquilo. Isso é muito importante, então eu vejo: você tem autonomia? Tem, mas você tem os respeitos sociais. Você não pode ir para qualquer lugar. Você vai definir os seus horários? Sim, só que você tem um campo limitado para trabalhar, por exemplo um grupo tem que ir cinco horas, eu não vou poder as seis horas da tarde e eu estou lá, então gente ainda faltam meia hora de passeio, então não tem como, você tem que se ater aquilo. Mas a sua autonomia para trabalhar, para decidir “esse ponto não, porque esse ponto não vai dar tempo”, então você tem um campo grande para atuar, só que você tem que criar diversas limitações. E saber lidar também com todas essas pessoas do convívio, eu fala a relação com o motorista é fundamental, você tem que saber primeiro onde o ônibus vai ficar. Você falar tchau motorista a gente se vê daqui a tanto tempo, ele nem vai saber onde ele está. Se ele não conhece o lugar ele vai se perder, se você deixar ele na cidade onde param os ônibus, você deixa ele aqui e eu chamo o motorista na hora que eu acho que posso ir embora. Eu sei também onde eu não posso parar. Isso é importante também, você ter o conhecimento, para poder ter uma autonomia para trabalhar, porque eu não vou poder simplesmente parar o ônibus meia hora na frente da Igreja do Carmo, para fazer o grupo descer, não dá. Eu tive um problema assim, as três pessoas do grupo não apareceram na hora, eu tive que dar uma volta com o ônibus para poder pegar de novo. É uma autonomia que você não tem, eu não podia ficar parada ali, ia ter missa na hora. Não é opcional, então as limitações demográficas, geográficas, as limitações da legislação, você vai ter um monte das limitações. Mas você, dentro da sua atuação, você é livre.

J: Cite alguém que é importante que para você é importante no ramo de profissional. Um autor, um colega de trabalho.

P2: Paulo Jorge de Carvalho, o autor do livro “Conduções de grupo no Turismo”, o livro dele é um manual mesmo, é muito útil para uma viagem e assim, eu desenvolvi o meu material próprio baseado no material dele, não apenas, peguei outras fontes, mas a fonte principal foi essa. E é uma pessoa que assim, ele tem uma experiência profissional muito grande, ele compartilha as experiências dele, além disso ele traz um material importante sobre o Turismo, normalmente ligado a psicologia que é a área de atuação dele também porque ele é formado psicólogo e turismólogo, então essas duas formações são super complementares porque ele traz muito material, slides, muita coisa que ele compartilha com a gente sem fazer restrição, que é muito importante colocar em sala de aula, a gente trabalha fundamentalmente essas coisas sobre esse ponto de vista. Então, a visão dele é um pouco diferente da minha, no Turismo por quê? Porque ele dá aula para faculdade, e eu ensino no técnico são vertentes diferentes. Mas eu pego muitos conceitos dele e trabalho relacionado ao técnico. Em sala de aula, nas minhas eu aulas eu só sou um pouco mais firme em alguns pontos, por exemplo: ele não acha necessário a utilização do traje social. Coisa que eu já acho que tem que ter, mas isso eu falo: a liberalidade para um aluno de faculdade é outra. Tem que ser diferente porque o mercado é diferente. A nossa escola é estadual, então o aluno que ingressa nela ele vai permanecer. O aluno de faculdade, as regras são muito firmes, ele pode vir a mudar de ideia ao longo do curso, então ele tem que segurar aluno e essa é uma das formas que ele faz isso.

J: E a comparação entre o referencial Paulo Jorge e P3?

P2: Eu falo, toda a vez que ele começa a falar, eu fico lá parada só olhando. Porque eu prefiro até ficar só ouvindo do que acrescentar alguma coisa, porque ele tem muita experiência, ele começou a trabalhar na área do Turismo muito antes que eu. Ele é um dos primeiros guias, nos anos 80 ele já trabalhava como guia e eu só vim a conhecer a profissão em 2004, quer dizer muito tempo, então ele conseguiu acompanhar a história do Turismo no Brasil que foi uma história difícil, porque a legalização foi acontecendo aos poucos. A atualização dele é muito boa, então ele está sempre atualizado, sempre sabendo o que tá acontecendo no Turismo. Ele é uma pessoa tem uma projeção na área fundamental, escreveu o único livro sobre conduções em grupo no Turismo do Brasil importante, ele já está desenvolvendo também um livro sobre eco-Turismo, ele comentou a muito tempo atrás e eu cheguei a perguntar também a última vez que o encontrei como estava o projeto ele disse que tava querendo fazer uma condução de grupo no ecoTurismo.

J: Qual foi o processo de recrutamento para ingressar na docência?

P2: Bom, foi através de concurso público, eu tive que fazer inscrição depois eu tive que fazer uma prova, e na verdade a prova é uma aula que você leciona com uma banca, são passados três temas para você trabalhar e chega na hora da aula para fazer em vinte minutos é sorteado o tema, e aí você da aula sobre o tema nesses vinte minutos.

J: Quais foram os pré-requisitos exigidos para esse agrupamento?

P2: A banca vai selecionar a fala, a postura... agora os pré-requisitos a formação específica. Tanto tem essa curiosidade, eu fiz o concurso duas vezes, fiz o concurso para a área de Turismo e gestão da empresa rural, mas eu não podia ficar no Turismo através disso, eu não tenho formação superior no Turismo, aí eu tive que fazer um curso para a atividade específica de guiamento. Se você quiser o nome dela completo é Teoria Técnica Profissional do Guia de Turismo, tem o regional, o nacional e o da América do Sul. Aí eu fiz especificamente o nacional e o da América do Sul, aí eu fiz esse concurso de novo, eu já era docente, mas eu fiz para eu poder permanecer na área de Turismo.

J: Qual sua área de atuação na docência?

P2: São as disciplinas de Turismo, mas eu tenho mais as de guiamento mesmo porque as demais eu pego em caráter excepcional já que não é a minha especialidade, e no de direito eu posso pegar todas as disciplinas.

J: Há quanto tempo você atua como docente?

P2: Dois anos.

J: Qual representatividade tem sua escola na sua carreira profissional?

P2: A minha escola é justamente a escola em que eu leciono, isso que eu falo, não teve favoritismo nem nada porque a banca, eu nem conhecia as pessoas da banca, todas as pessoas que faziam parte da banca. Então não teve nenhum tipo de preferência, mas a minha faculdade em São Bernardo, na região do ABC, grande São Paulo, ela tem uma projeção muito grande. Uma coisa que eu achei complicado quando eu cheguei em Itu, porque aqui ela não tem importância, lá ela é muito forte, é aquela faculdade que você chega em qualquer lugar e fala que fez direito lá, tem uma projeção mais forte. E o Turismo é assim, tem uma projeção de ser do Centro Paula Souza, o Centro Paula Souza tem o nome próprio no estado de São Paulo inteiro.

J: E o que ela significa para você, professora P3? A sua escola como atuação de professora

P2: Como professora, o Centro Paula Souza, tem essa vantagem, não lembro que disse isso, de que uma das características mais fortes dentro do centro, é que os professores tem muito orgulho de falar que são professores do centro. E é lógico, dentro do centro é diferente. Eu sou do ABC, em São Bernardo a gente tem um ETEC lá que é muito forte, ela tem um nome muito forte e eu até me surpreendi que aqui em Itu, ela não tem esse nome tão forte. Essa escola, nossa escola que aqui é conhecida como escola agrícola, ela é conhecida por ser escola agrícola como a nossa, por ter os cursos que tem, mas não como ETEC. Ela não é conhecida como ETEC, se eu chegar para qualquer lugar e falar: "Ah, conhece essa ETEC aqui de Itu?", ninguém conhece, porque ela não é a ETEC de Itu, ela não é a ETEC Martinho Di Ciero, e ela acaba sendo conhecida como escola agrícola. Mas a ETEC dentro do estado de São Paulo é muito forte, é engraçado que aqui ela não tem o nome de ETEC, ela não tem essa força do nome, então eu acho que isso é uma das coisas muito importantes para escola e tem que valorizar muito a importância da escola técnica estadual do Centro Paula Souza que é fundamental, é extremamente importante, eu tenho orgulho como professora de ser professora do Centro Paula Souza, imagina eu sempre quis estudar no Centro Paula Souza, agora imagina ser professora.

J: Você fez o esquema I? Fez porque quis ou o que achou da exigência do Centro Paula Souza?

P2: Eu fiz por opção, lógico que assim, eu não vivia da docência no período, então eu fiz por opção. Mas eu achei que era importante fazer porque era uma complementação para mim. E ainda mais a oportunidade que o centro deu de fazer através de um curso através de um custo muito baixo, então a gente praticamente ganhou o curso. Então foi fundamental fazer.

J: O que você achou dessa exigência?

P2: Eu achei importante, lógico a pessoa que sai no mercado de trabalho, que eu vejo mais forte o campo aqui, porque eu dou aula de gestão ambiental através da fundação de apoio a tecnologia FAT, e lá os profissionais são, vão para o mercado, eles tem essa formação, eles já tem experiência, então o profissional sem atuação no mercado vai acabar dar aula. E a gente vê o quanto eles se sentem perdidos. Não no sentido de que eles não sabem o que estão fazendo, eles sabem, porque eles sabem que são capazes, porque a gente aprende o porquê estamos fazendo. Eles se sentem perdidos no sentido de muitas vezes faltam um amparo psicológico para o professor, o professor ele busca, na primeira aula eu sou assim, eu espero uma aprovação. Só que você não vai ter aprovação nenhuma, ninguém vai te dizer se você está certo, porque eles estão aprendendo com você. Então o que aconteceu? A princípio eu queria essa aprovação, eu vi que ela não vem mesmo, ela não é imediata e vai demorar muito tempo pra vir. Então você tem que ter uma segurança e ela tem que vir com você, então eu vejo que isso falta no profissional que está entrando, de repente ele não teve esse preparo. E o esquema I é importante para isso, para esse preparo psicológico na cabeça dele “agora você é professor, coloque-se na postura de quem está ensinando e não na postura de quem está aprendendo”. E é totalmente diferente a aula para quem leciona da aula para quem aprende.

J: Você fez outras especializações específicas pedagógicas?

P2: Não, ainda não.

J: O esquema I você cursou dentro do Centro Paula Souza, pelo curso do Centro Paula Souza. Como você se sente como professora da área técnica de Turismo?

P2: Eu vejo que o professor da área técnica ele tem uma dificuldade de trabalhar com os alunos por não ter assim, o ensino técnico ele mostra como o professor atua em tudo, ele administra aula recreação, ele tem que dar aula de históricos, ele tem que ser mais sério, ele tem que dar aula de etiqueta, então você vê, ele começa a atuar em tudo. Ele faz tudo ao mesmo tempo e é lógico que você, tem coisas que não tem pré-disposição, que você não tem formação específica, ou que você não gostava mesmo, não gostava daquilo. Vou dar uma aula de direito tributário, uma aula difícil para mim porque eu não gostava. No Turismo eu falar sobre alguma área que eu não tenho formação ou tenho a formação técnica, mas acontece que é diferente de faculdade. Não tenho formação da história do Turismo por exemplo, a gente tem história no Turismo e não história do Turismo, é muito diferente. Porque a história do Turismo no Brasil, eu não sei como ela se desenvolveu, eu acabei conhecendo através do Paulo Jorge. Porque ele escreveu um material feito disso, mas eu não tive isso no ensino técnico. O ensino técnico não vai ficar falando sobre a história, é um ano, o primeiro ano da faculdade inteirinho é sobre história da área. Então não tenho essa formação. Então o professor do ensino técnico ele se perde um pouco por causa disso, porque ele só quer falar sobre o específico, o professor de informática ele vai lá e ensina, ele não vai te ensinar a ligar o computador. Ele vai te ensinar a estar dentro do programa já, você não vai ter aquela base para entrar na área. Essa base eu vejo que falta muito no ensino técnico, no ensino superior ele tem uma tranquilidade, os alunos chegam para ele. Ele chegou cru, qual que é o primeiro ano? É o ano que você vai preparando o aluno. No ensino técnico não, o aluno chegou cru e você vai ter que dar essa introdução e já colocar ele dentro do seu tema, porque você tem um plano de trabalho para trabalhar. E não dá para ficar enrolando muito falando sobre o genérico para entrar no específico.

J: Qual sua função dentro da escola?

P2: Sou professora e sou gestora de LH no laboratório de hospitalidade.

J: E sua função como professora lhe permite qual grau de autonomia dentro da escola?

P2: Olha como professora é assim, professor existe uma autonomia muito grande dentro da área de trabalho. Ele consegue trabalhar em sala de aula com maior autonomia quando ele vai trabalhar, o que ele vai tomar decisão, ele tem que ter muita coisa de coordenação, coordenação é para isso: para te apoiar na hora que você precisa e entrar como ressalvo para o que o professor está falando. E eu vejo assim, que lá na escola a gente tem uma autonomia muito grande, de atuação. Lógico de aceitação na sua área docente porque teoricamente você criou então você tem que se ater a ele, então a sua autonomia tem que ser aquela mesmo que você criou. Lógico que o coordenador vai usar esse plano de trabalho docente para saber se você não está falando de algo nada a ver. Não vou abordar um tema que não tem nada a ver com o Turismo dentro da minha disciplina. Por isso é importante que a coordenação tenha esse plano. A coordenação e a direção, tem como quer revisar esse material, mas eu sei que essa atuação existe. E é lógico o professor tem autonomia muito grande? Tem, mas também você não pode ir lá e bater num aluno. Nem, é lógico, as regras que a escola tem. Mas isso são regras rígidas de convívio social que tem que seguir, mas a autonomia dele é bem grande, consegue trabalhar em sala de aula com a maior liberdade. Eu vejo isso, mas é aquilo que eu falo “liberdade com responsabilidade”.

J: Qual é o seu objetivo para a formação do seu aluno técnico em Turismo?

P2: Meu objetivo é primeiro que eles saiam como guias, que eles consigam a credencial de Turismo. Eu acho fundamental. E também que eles tenham preparo para a atuação com o público, por exemplo, quando eu vou fazer uma avaliação em cima do guiamento, dentro do guiamento eu acho o mais

importante que o aluno tenha a postura do guia, é muito mais importante que ele falar o texto completo, que tudo o que ele decorou que tava no texto dele ele falou. O mais importante na postura dele é ele saber atuar com a preocupação de guia do que ele saber todas as informações, porque todas as informações, ele vai saber buscar no futuro. Agora se a postura dele não for correta ele não vai ser nunca, então já tem que sair com a postura correta. Se ele tiver fala, a dicção, a entonação de voz, controle de grupo, todas as características importantes de um profissional, isso eu entendo que ele já foi para o mercado formado. Aí se ele tiver que pesquisar, porque assim eu não vou Itu toda a minha vida, se eu acompanhar um grupo até Curitiba eu não vou saber falar. Por quê? Eu pesquisei Itu, não eu tenho que pesquisar. Isso que eu falo com eles eu tenho que saber pesquisar porque você não vai ficar só fazendo um roteiro, guia de Turismo ele tem uma gama de lugares, ele pode ir para lugar na Europa, acompanhando um grupo. Então se ele for de acompanhante fora do país, e porque você tem que conhecer só aquele lugar? Lógico se é sua região você tem que conhecer ela melhor do que as outras. Porque você tem que conhecer o que está acontecendo, tem que saber o que está acontecendo hoje num local de exposição. Por exemplo, uma casa da cultura em Itu, se eu não souber o que está acontecendo hoje lá, eu vou levar um grupo e não vou poder entrar com o grupo porque o lugar está fechado, está tendo uma exposição específica lá. Eu tenho que conhecer a minha região, mas também tenho que saber pesquisar as outras.

J: Cite alguém que para você é importante com relação a sua atuação no magistério na área técnica, podendo ser um autor, um colega de trabalho. Porque o próprio Paulo Jorge que você falou foi na sua profissão como guia, agora eu quero saber um referencial no magistério como docente.

P2: Porque assim na verdade, ele acabou sendo multifuncional na área de educação. E ele na área dele o que acontece? Ele trabalha com magistério e com guiamento. Então as experiências dele tanto de guia como de professor, são importantes. Eu usei nas duas, na pós também, em ambos eu acabei vendo essa multifunção dele. Que ele consegue atingir todos, fazer o Turismo e a educação se integrarem. E aí me ajudou bastante também, porque assim, muitas coisas você fala, e fica com um medo danado porque você fala e parece que ninguém está falando com você, aí chega um aluno e tem uma palestra com o Paulo Jorge, ele se corrobora com o que eu disse. Ele vai lembrar tudo que eu falei. Ele vai falar sobre postura, sobre ética, sobre tudo. Aí os alunos veem que não foi eu que sentei com ele e combinei para fazer isso tudo, não, eles percebem que são mais vozes falando a mesma língua, então é sinal que essa é a língua certa.

J: Em qual das atividades, a do campo específico e a do magistério, você se sente mais a vontade?

P2: Eu me sinto mais a vontade no magistério, eu vejo assim: um professor não consegue deixar de ser professor. Minha maior dificuldade no guiamento é que hoje em tenho postura de professora, e vou ser guia e aí eu não consigo deixar de ser professora. E começa aquele burburinho e você não consegue ficar quieta sem fazer “psiu”, você tem que concordar com aquilo, eles estão falando, eles estão falando, você tem que se segurar para não fazer “xiu pessoal, silêncio”. E assim, porque você já acostumou a agir como se eles fossem alunos, o grupo acaba tornando sempre alunos, então o professor ele não vai conseguir mais deixar de ser professor. Eu acho assim, a rua em paz na sua cabeça, você modifica a forma como você fala, sua forma como você pensa, quando você vai ver alguma palestra, você já começa a perceber quando são os autos e baixos, você percebe quais são as frases que causam efeito, que o público vai amar, então muda mesmo. Sua forma de atuação muda, e a condução de grupos é assim, acabou um complementando o outro. Porque a condução que eu tenho, de conseguir falar em sala de aula, de ter a postura, de ter a fala, de ter o domínio do grupo, mas também a atuação na área do magistério, também me fez modificar minha postura como guia, e isso modifica mesmo. Quando eu fiz direito, minha cabeça era direito, eu falava como advogada, depois quando eu fui para o Turismo o falar mudou muito, não acrescentei gíria e hoje na docência é que eu não vou acrescentar mesmo. Então são modificações que a docência faz com a gente. Cada área que você atua, ela vai te complementando, uma complementa a outra e você acaba melhorando como profissional. E hoje assim, eu acho engraçado porque eu trabalhei, acho que todo mundo que você entrevistou, sou uma das poucas pessoas que trabalhou em áreas diferenciadas. Eu trabalhei muito não só com o Turismo, trabalhei com muitas outras coisas antes, e procuro falar hoje e dia normalmente quando você faz um projeto você fala sou este profissional e hoje eu sou advogada, sou técnica em Turismo, sou guia de Turismo e professora. Acabam sendo experiência que uma acrescenta a outra, se você vai deixando que isso te complemente isso que é fundamental, você deixar cada vez mais isso te complementar. E eu deixo o máximo, tento o máximo pegar. As vezes você tem um aluno que tem mais experiência que você na área, mas ele veio lá só para conseguir o material que ele precisa. Ele precisa de uma formação técnica específica. Então ele vem atrás do ensino pra isso, mas ele tem mais experiência que você. Você tem que saber lidar com aquilo para não perder a autoridade de professor, mas ao mesmo tempo trazer ele para a sala de aula, pra que ele compartilhe o que ele tem, um acrescenta e não você colocar ele de canto porque ele já sabe e não precisa desse curso, pode faltar na minha aula. Não você precisa trazer, se você conseguir fazer este aluno vir na sua aula, é sinal que sua aula está boa.

Então eu muito importante essa complementação de todos, e eu trago experiências minhas para aula e acho importante quando os alunos que tem experiência nessa área também trazem. E eu acho que o complemento é demais para a educação mesmo. E muitas vezes vai corroborar com aquilo que você falou, você acabou de falar: “Não um guia não pode fumar enquanto está conduzindo um grupo.”, não tem condição. Aí você vai lá para Santa Catarina, aconteceu comigo, cheguei em Santa Catarina a gente tinha um guia que estava conduzindo o grupo fumando. Aí o grupo vê, os alunos veem que isso é horrível, então porque as vezes você falando na teoria você não consegue imaginar, você vê na prática ou algum deles presenciam uma situação assim, eles chegam e traz para a sala de aula, isso corrobora o que você acabou de falar. Mas eu acho muito importante, todas as pessoas acrescentam muito em sala de aula.

Entrevista – Professor 3= P3

J: Fale-me sobre sua atividade profissional ligada a sua área de formação.

P3: Eu sou guia de Turismo, formado pela BL (Belas Artes) em São Paulo, sou agente de viagens formado pelo SENAC em São Paulo e tenho o curso de pós-graduação na área de administração e organização de eventos.

J: Por que você escolheu Turismo?

P3: Em função de ser uma área na qual atuamos em lugares diferentes, com pessoas. Não existe aquele compromisso de você estar preso dentro de uma sala, fechado dentro de um espaço. Então essa liberdade é que acabou me conduzindo para essa área.

J: E o recrutamento para ingressar nessa área de Turismo?

P3: Assim que eu consegui a primeira formação como guia, entrei em contato com algumas agências aqui na cidade, fui abrindo as portas. Por que o guia funciona como uma pessoa autônoma. Essa flexibilidade foi realmente abrindo as portas. E o outro é o desenvolvimento de alguns projetos de implantações de roteiros para algumas localidades, ou até mesmo o diagnóstico de algumas cidades. Foi o caso de Porto Feliz, Cananéia, Pirapora e São Roque.

J: E quais foram os pré-requisitos exigidos para atuar no Turismo?

P3: Profissionalismo e responsabilidade. Dentro do conceito de profissionalismo a importância do conhecimento. Eu coloco esses dois itens, acho que é muito importante serem colocados dentro do setor.

J: E qual a representatividade na empresa ou comércio profissional autônomo poderia ter na sua carreira profissional?

P3: A representatividade, muito... Em função de eu gostar, como é uma área que admiro muito, gosto muito, então isso representa para mim numa certa proporção de sempre tentar estar atuando dentro do setor de Turismo.

J: Qual o seu campo de trabalho e a função que você exerce?

P3: Sou guia de Turismo, credenciado pelo ministério e também faço pesquisas e estudos de implantações de roteiros em algumas localidades.

J: Como você se sente como profissional dessa área?

P3: Me sinto feliz em função de meu trabalho ser valorizado. Então essa valorização só soma. Você se sente bem em função de realizar uma viagem, de você estar em contato com algumas prefeituras, tentando colaborar, tentando ajudar, tentando implantar algum tipo de projeto... Me sinto realmente muito feliz.

J: E quais são os aspectos negativos e positivos da área?

P3: O positivo é arrumar algum tempo para trabalhar acompanhando alguns grupos. O negativo é a falta desse tempo. Eu concentro muito das minhas viagens no final de semana, em função de trabalhar em outras empresas, isso obriga a ficar restrito a um tempo muito limitado e esses tempo limitado eu vejo como negativo. E o positivo é conseguir manter essa parte da prática profissional.

J: Que satisfações lhe traz a prática do Turismo?

P3: É sempre o resultado de estar conhecendo pessoas diferentes, lugares diferentes, estar em contato com problemas diferenciados. Nunca uma viagem é igual à outra. Então você sempre vai ter uma caixinha de surpresa, coisa que eu considero importante.

J: Você se sente a vontade em realizar essa atividade do Turismo?

P3: Bastante!

J: Qual dentre elas você se sente mais a vontade?

P3: É a de guia.

J: Quais são as pessoas importantes para você em sua trajetória profissional? Na parte social, pessoal e profissional

P3: Pessoal é a minha esposa. Profissional é a professora Rina, que conheci há doze anos atrás, é uma senhora com conhecimento, com toda aquela bagagem, dedicação... acabei me espelhando nesse lado do guiamento nela. O social, considero as visitas técnicas com meus alunos.

J: Como essas pessoas que convivem com você o veem do ponto de vista profissional? Eles te consideram turismólogo, guia, professor ou outra denominação?

P3: Eles me consideram professor e guia.

J: Há quanto tempo atua no mercado do Turismo?

P3: Doze anos.

J: Sua função no Turismo é autônoma?

P3: Eu sou autônomo, no Turismo.

J: Ou seja, o seu grau de autonomia é enorme...

P3: Isso, eu que acabo decidindo, e tomando as decisões de tempo que tenho para viajar, os turistas que posso estar levando nessa viagem. O financeiro...

J: Quando você iniciou na docência?

P3: Em agosto de 1999 na área de Turismo e em 1992 como professor.

J: O que levou você a tornar-se docente?

P3: Sempre gostei. Até na faculdade de engenharia durante cinco anos eu fui monitor. Sempre gostei realmente da sala de aula, da educação, de todo o processo de trabalhar com jovens e de me divertir. Eu me vejo professor de ensino fundamental, de ensino médio... voltado para ensino médio. O ensino que eu trabalho é voltado para o ensino médio, mas é o ensino técnico. Esse perfil do técnico, é um perfil que eu tenho um gosto muito grande, satisfação em estar em sala de aula.

J: Descreva um pouco como é ser docente.

P3: É ser uma pessoa que tenha condições de dividir seus conhecimentos com outras pessoas. Eu sei que tecnicamente ninguém divide nada, mas é dessa forma que eu faço os meus encontros em sala de aula. Passando o meu conhecimento, a minha experiência. Eu tenho todo um embasamento teórico, mas ao mesmo tempo eu coloco esse embasamento teórico da realidade aos meus alunos na prática.

J: Os aspectos positivos e negativos na docência.

P3: O aspecto positivo é chegar com resultados. Desde que comecei a trabalhar com o Turismo, que é nosso foco, é sentir no aluno que ele trabalhou dentro da sala de aula, dentro desse período que ele passou como estudante, as duas partes: a teoria e a prática. Ele não vivenciou só a teoria, ele sentiu todos os dramas da parte prática. O negativo acho que é um pouquinho o excesso de trabalho, o exagero.

J: E como estão os professores hoje com esse exagero de trabalho?

P3: Nós lutamos para que isso não se reflita em sala de aula, nós agimos dessa forma, principalmente professores do Turismo, que lutam, trabalham bastante e tentam não colocar esse cansaço para o aluno. Mas é um fator que a gente sente muito na pele. O professor hoje, não trabalha oito horas, trabalha doze, quatorze, dezesseis horas por dia, para manter um pouquinho um padrão de vida.

J: Cite alguém que para você é importante no seu campo profissional, mas na área da docência, alguém que você tenha como referencial na docência.

P3: Como autor vou citar o Paulo Jorge Carvalho, ele tem um livro de guiamento de grupo na área do Turismo, que até brinco com meus alunos que a diferença entre Paulo Jorge e P3, é que ele foi esperto e lançou um livro e P3 continua dando aula. Mas o conheci. Antes só tinha contato dele com o livro, em maio de 2007 uma professora nossa aqui, a professora Bruna, fez o convite a ele e eu tive o prazer de conhecer esse profissional que eu acabo utilizando nas minhas aulas.

J: E você se compara um pouco com esse referencial?

P3: Sim, bastante. Agora não sei se as ideias, é uma coisa meio louca, porque desde que eu comecei a trabalhar no Turismo, a linguagem que eu utilizo em sala de aula, é a linguagem que ele colocou no livro dois anos depois, então eu falo: “Eu não copiei o Paulo Jorge e nem ele me copiou”, coincidentemente nós falamos a mesma linguagem.

J: Qual foi o processo de recrutamento para ingressar na área de docência?

P3: Concurso público.

J: E quais foram os pré-requisitos exigidos?

P3: Primeiro formação, a princípio na área de construção civil, em segundo momento na área de Turismo. Agora eu tenho a minha pós-graduação, mas no primeiro momento todo meu processo no Turismo era em função do meu credenciamento como guia. Essa era minha formação técnica.

J: Qual sua área de atuação na docência?

P3: Técnicas de guiamento, teoria operacional de agente de viagens, desenvolvimento de projetos turísticos, isso na parte técnica. Tem também na parte universitária, que eu trabalho dentro da área de Turismo também com técnicas de guiamento, organização e operacionalização de eventos, planejamento físico de hotéis e planejamento de eventos gastronômicos. Sendo as duas últimas em função da minha formação como engenheiro e eventos e guiamento na parte do Turismo.

J: Há quanto tempo atua em geral na docência?

P3: No Turismo são nove anos, comecei em 1999 como docente. Agora como professor no geral são dezesseis anos.

J: E qual representatividade tem a sua escola em sua carteira profissional?

P3: No técnico eu coloco como sendo, em questões de percentual, como oitenta por cento.

J: Fez o esquema I?

P3: Sim, sou licenciado na área de construção civil.

J: Fez por que quis? O que achou dessa exigência?

P3: Foi a primeira busca para trabalhar a própria formação, importante para o professor. Inclusive além do esquema I, eu fiz a pós na área de gestão escolar. E como estou envolvido amplamente pela educação, fiz a busca de conhecimentos de aperfeiçoamento

J: Achou que foi uma exigência do Centro Paula Souza?

P3: Não. Inclusive sou da primeira turma, então para nós foi um diferencial.

J: Você fez outras especializações específicas pedagógicas?

P3: Fiz, a pós em gestão escolar.

J: Por que escolheu a pós em gestão escolar?

P3: Estou como diretor a quatro anos, então esse compromisso eu cursei também como o esquema I. É um aprimoramento, um contato maior principalmente dentro das leis, então eu fui atrás dessa forma de gestão escolar.

J: Então essa foi a importância como diretor?

P3: Sim, e como professor a licenciatura.

J: Como você se sente como professor da área técnica?

P3: Sinto um profissional realizado, um profissional que tem que constantemente estar buscando novos conhecimentos. Não é porque tenho meu emprego hoje que posso ficar tranquilo. Não, inclusive a área de Turismo aposta muito em toda essa busca constante de uma qualificação diferenciada e até mesmo o aprimoramento nessa área.

J: Que foi o caso de eventos...

P3: Eu fiz eventos, eu fiz uma participação bem teórica na parte de arranjos florais, eu fiz na parte de enologia, eu fiz na parte de cerimonial, não é nada de uma qualificação detalhista, é mais palestras e congressos, participei ano passado da A.B.O. que é a associação que desenvolve eventos, que responde pelas empresas de eventos no Brasil.

J: E esses cursos todos ajudam em que na docência e na sua carreira profissional fora da área?

P3: Na carreira profissional, são as outras visões, contatos com outros profissionais. Na docência é a experiência de estar presente e colocar isso depois em sala de aula. Algo diferente, algo comentado, estatísticas... Enfim, é atualizar a bagagem do professor e colocar isso para os nossos alunos.

J: Qual é a sua função aqui dentro da escola?

P3: Aqui sou coordenador de área e professor de técnicas de guiamento.

J: Sua função te permite qual grau de autonomia dentro da escola?

P3: Eu tenho o cargo de confiança da direção, e isso determina a autonomia que eu tenho para trabalhar os meus professores na área de Turismo, questões de horário, de reuniões, de projetos. Sempre, lógico, indicando o diretor da escola.

J: Essa posição como professor e coordenador auxilia na autonomia, ou seja, ser coordenador e professor aumenta essa autonomia dentro da escola?

P3: Dentro da escola você acaba respondendo um pouco por essa área. Então é lógico que em contra partida você tem esse compromisso, então te dá sim essa autonomia. Um curso que não vai bem, uma turma que não se abre, é nas suas costas que você vai acabar recebendo a conta.

J: E qual o seu objetivo para a formação de um aluno técnico em Turismo? Como professor.

P3: Que ele seja um profissional, e que ele realmente cresça dentro do mercado. Ele tem que viver como aluno, mas pensando futuramente como pessoa diferente no mercado.

J: Então a função do técnico é o mercado de trabalho?

P3: Certo.

J: Existe mais alguma coisa na formação do aluno que você gostaria de falar?

P3: A parte humana, não só a parte profissional. Hoje nós cobramos muito a responsabilidade social, a ética profissional, isso estaria inserido dentro do perfil que nós traçamos na formação deles dentro do setor turístico.

J: Cite alguém que para você é importante com relação a sua atuação no magistério na área técnica, podendo ser um autor, um colega.

P3: Os professores da área, os próprios colegas de trabalho. Hoje eu tenho vários professores na formação de Turismo, e de outras áreas também que são aplicadas dentro do curso. Eu tenho profissional formado em arquitetura, tenho profissional formado em história, na área de saúde... tem os próprios turismólogos, então são pessoas queridas e dentro desse conjunto, nós formamos o nosso profissional.

J: E como você se sente com relação a esse referencial, ou seja, você se compara com esses professores? Qual é a relação com esse referencial que são seus próprios professores?

P3: Acho que nós formamos uma equipe. Cada um com sua formação, com seu trabalho em sala de aula. Alguns professores são mais teóricos, outros mesclam a teoria com a prática. A gente se considera aqui como uma equipe.

J: Em qual das duas atividades, a do campo profissional como guia, ou a do magistério técnico, você se sente mais a vontade?

P3: As duas.

J: Por quê?

P3: Acho que eu tenho essa liberdade de trabalhar, então nós planejamos juntos isso como professores e na parte do guiamento as próprias agências acabam entregando essa liberdade, de carregar o nome da agência junto com o roteiro que tem de realizar.

Entrevista – Professor 4= P4

J: Fala um pouco para mim sobre qual é sua formação na graduação.

P4: Bom minha formação é bacharel em Hotelaria, pelas Faculdades Metropolitanas Unidas. Na verdade é a FIAN, FMU é o conglomerado mas a minha parte era a FIAN.

J: E você escolheu esse curso, se formou quando?

P4: Me formei em 2000.

J: E por que você escolheu Hotelaria?

P4: Por que escolhi Hotelaria? Pela promessa da profissão, uma área que está crescendo, na verdade é nova, então resolvi arriscar.

J: Você tem alguma especialização na sua área de formação em Hotelaria?

P4: Tenho a especialização em Gestão de Negócios em Alimentos e Bebidas, toda a parte de gestão. Não entra muito no operacional, mais gestão.

J: Qual foi o processo de recrutamento para ingressar na sua área? Na verdade assim: quando você foi trabalhar, na área profissional não na docência, com outras atividades, como é que eles fizeram para te recrutar?

P4: Na verdade foi indicação, eles ligaram na própria escola pedindo indicação. Outros foi por contato de currículo que eu tinha mandado, e aí eles me chamaram para fazer um trabalho de consultoria.

J: Por que isso que você trabalha agora, fora da escola com consultoria e treinamento de Hotelaria?

P4: Isso.

J: E quais pré-requisitos foram exigidos para você trabalhar com essa parte de consultoria?

P4: Pré-requisitos, na verdade como eu falei no começo, é uma área nova. Então muita gente quer o pré-amadorismo. Então como viram que eu tinha uma bagagem nessa área, aí me chamaram para eu poder dar uma orientação, um treinamento, consultoria mesmo nessa área.

J: O que representa para você essa atividade de consultoria na sua carreira profissional? Como é importante, qual a importância disso?

P4: É extremamente importante, mas a gente precisa estar atualizado. Isso já na parte de docência, dar aula, você tem que estar atualizado. Só que estando no mercado você tem que estar mais atualizado ainda, porque o mercado exige muito mais do que uma escola. Um completa o outro por quê? Porque eu consigo usar isso com meus alunos, então eu preciso para o mercado e consequentemente eu consigo usar isso com meus alunos. Eles entram no mercado de trabalho, bem atualizados.

J: Qual que é o seu campo específico de trabalho na área de Hotelaria?

P4: O meu campo específico, a minha especialidade é Alimentos e Bebidas.

J: E a função que você exerce é de consultor?

P4: É a consultoria.

J: Dentre esse lugares que você já fez consultoria, fala um pouco sobre alguma experiência nesse campo.

P4: Olha, eu prestei consultoria na pousada, na pousada do Encanto, com toda a parte de cardápio, alimentos e bebidas, tanto do bar e restaurante quanto da parte de bebidas e coquetéis que iriam ser vendidos. Fiz o preço de venda que iria ser cada um, pesquisei tudo, elaborei o cardápio, fiz a ficha técnica de cada um deles, isso foi o que eu mais fiz na pousada. Além disso, teve o treinamento de governanta que foi uma outra amiga minha que deu. Já no hotel Cordiale, eu fiz a consultoria de implantação. Então eu ajudei a dar treinamento na parte de governanta também, a parte de gerenciamento de marketing eu ajudei também. Como era a parte de implantação você tinha que mostrar para a região que o Cordiale existe, toda essa parte de estratégia de marketing eu ajudei eles a fazer também, e essa parte de restaurante com relação a utensílios eu ajudei.

J: Como é que você se sente como profissional consultor dessa área?

P4: Como é que eu me sinto? Como assim?

J: Como é que você se vê nessa atividade de consultor, é agradável, desagradável?

P4: Geralmente é agradável. Eu gosto disso aí, gosto muito de fazer isso, é bom porque como eu disse: você dando aula e prestando consultoria é mais ou menos a mesma coisa. Só que a diferença é que você

está ensinando, preparando pessoas para o mercado de trabalho. E a consultoria, são pessoas que já estão no mercado de trabalho e precisam melhorar, se atualizar, se profissionalizar nesse campo que ainda é novo.

J: E que satisfações lhe trazem essa atividade de consultoria e treinamento?

P4: A satisfação é você ver que aquilo que você conseguiu implantar está dando resultado até hoje.

J: E quais aspectos você considera negativos dentro dessa atividade?

P4: O único aspecto negativo da consultoria é que você não tem sempre consultoria, muita gente prefere não pagar um profissional, arriscar e daí vai tornar-se amador e quebram em menos tempo.

J: Qual atividade dentro da consultoria que você não se sente à vontade em realizar?

P4: Olha não tem assim uma atividade específica, às vezes você lida com pessoas que são mais cabeça-dura, então você tenta abrir a cabeça da pessoa e não consegue, então isso daí torna-se desagradável até.

J: Quais pessoas que para você são importantes em sua trajetória profissional, do ponto de vista social, pessoal e profissional? Uma pessoa que seja importante, digamos assim, que você visualize para comparar, se equivarer aí a essa pessoa, no campo profissional, não na docência.

P4: Não tem uma pessoa específica. Eu costumo o que? Conforme eu vou conhecendo as pessoas, eu costumo copiar aquilo que eles oferecem de melhor. Então na verdade não tem uma pessoa específica, mas o principal é meu pai. Meu pai eu me espelho muito nele pelo trabalho que ele realizou durante a vida inteira, então é meu espelho.

J: Como é que essas pessoas que convivem com você, ou seja, família, amigos, esposa, o veem do ponto de vista profissional? Ou seja o P4 é hoteleiro, o P4 é professor, o P4 é consultor, como é que eles denominam você?

P4: Eles me denominam professor. Até pelo fato de que eu às vezes exerço isso em casa. Então tem que começar ensinar alguma coisa, então eles aprendem às vezes comigo alguma coisa. E eu também aprendo com todo mundo.

J: Há quanto tempo que você atua no mercado de consultoria?

P4: Há uns quatro, cinco anos.

J: Você não trabalha com empresa, você é autônomo, e como é esse grau de autonomia que você tem como consultor?

P4: A autonomia é total.

J: Então qual autonomia você tem dentro setor de consultoria?

P4: Por ser um trabalho autônomo, é autonomia total. Por que eu faço lógico, do jeito que a empresa quer, eu faço aquilo que ela pede e às vezes alguma sugestão que não estava no plano da empresa. Faz parte disso aí.

J: O que levou você a tornar-se um professor?

P4: O que levou a ser um professor? A princípio eu nunca pensei em ser professor. Foi a única oportunidade que apareceu depois de eu ter me formado na faculdade, aí a oportunidade apareceu e eu abracei a oportunidade. E eu acho assim: a partir do momento que você se propõe a fazer uma coisa, tem que fazer o melhor possível, então eu to aprendendo ainda.

J: Cite alguém que para você é importante no seu campo profissional na área de docência. Pode ser um autor, um colega de trabalho... quem que você acha que é ser referencial na área da docência?

P4: Olha, na área da docência eu ainda sou muito novo nessa área, mas pelas poucas pessoas que eu convivi até hoje, eu que meu diretor Divanil, eu acho que pelo que ele tem até hoje, pelo que ele é, acho que ele é meu ponto de referência. Até porque a área tem pouca gente.

J: E como que você se sente com relação a esse referencial? Seja nas atitudes, atividades dele e as suas.

P4: Tranquilo. Acho que ele me dá a estrutura e ma dá abertura para eu fazer o que quero. E consequentemente eu faço o que ele pede também.

J: E quando você se compara com o professor, o professor Divanil e o professor P4, existe essa...?

P4: Não, não existe essa comparação, até porque eu nunca vi ele dando aula. Por isso que eu falei, eu não posso ter assim como referencia o Divanil Eu falo assim como profissional mesmo. Agora como professor, eu sou o professor P4, agora não tem uma base pra mim me comparar a outros professores, mesmo porque cada um tem sua metodologia, seu jeito.

J: Qual foi o processo de recrutamento para ingressar na área da docência?

P4: Foi o concurso público.

J: Quais os pré-requisitos que foram exigidos?

P4: Foram graduação na área, acho que foi graduação na área só, já ter concluído.

J: Qual sua área de atuação na docência?

P4: Eu sou Turismo e hospitalidade, agente tecnológico que é da área de lazer e sou coordenador do curso também.

J: Há quanto tempo atua como docente?

P4: Vai fazer seis anos.

J: Qual representatividade, ou seja, qual importância tem sua escola na sua carreira profissional?

P4: É de extrema importância. Mesmo porque a escola, o Centro Paula Souza, eu acho que ele abre muitas portas. Então a partir desse momento você não fica preso e bitolado a um esquema só, você está próximo ao contato com outras escolas e outros profissionais. O que essa troca de experiências é de extrema importância.

J: Você fez o Esquema I?

P4: Fiz.

J: Fez por que quis ou o que achou da exigência do Centro Paula Souza?

P4: (risos) Bom, eu acho que eles estão certos em exigir esse tipo de curso, acho que todo mundo tem que ser licenciado, mesmo porque ninguém nasce professor, tem que aprender a ser professor e acho que a licenciatura a intenção é essa. Acho que o curso foi um pouco fraco, mas de acordo com o que ofereceram para a gente.

J: Fez outras especializações específicas pedagógicas?

P4: Não.

J: Como que você se sente como professor da área técnica?

P4: Como que eu me sinto? Em que sentido?

J: Como que você se vê? Porque afinal tem a parte da consultoria e tem o professor da área técnica.

P4: Eu acho o seguinte: por ser área técnica, eu sou bem sincero, eu acho que eu deixo um pouco a desejar no aspecto prático. Mesmo porque eu não tive essa bagagem e acho que isso aí faz falta. Você ter a bagagem empresarial e trazer para dentro da escola. Consultoria é válido tudo bem, mas não é sempre que eu tenho. Eu posso ficar aí um, dois anos sem ter nada. Mas é o único aspecto que eu acho que sou um pouco fraco, digamos assim. Não é fraco, um pouco mais sem efeito, mas é nos aspectos de conhecimentos, essas coisas, eu me julgo que sou excelente.

J: Qual sua função dentro da escola?

P4: Eu sou professor do eixo de hospedagem e lazer, e coordenador do eixo.

J: Sua função lhe permite que grau de autonomia?

P4: O grau de autonomia? Tudo que acontece a respeito da área, eu tenho total autonomia para poder opinar. Algumas situações que tem que levar ao grau superior que seria a direção.

J: Qual que é o seu objetivo para a formação de seu aluno técnico?

P4: O meu objetivo é que ele saia da escola, termine o curso, sabendo o que o mercado lá fora espera, o que espera dele, sabendo que ele tem que se atualizar, sabendo que a escola dá uma base, sabendo que ele não vai sair um gerente de hotel, e tentar ser realista, saber as técnicas necessárias para ingressar no mercado de trabalho. E conseguir lidar com as crises, vamos dizer assim, não é saindo de lá que ele vai ter emprego garantido, ele tem que entender isso também.

J: Cite alguém que para você é importante com relação a sua atuação no magistério. Você comentou aí sobre o Divanil, existe algum autor também que você se compare por conta desse referencial no magistério mesmo?

P4: Magistério? Mas você diz assim autor de livro de parte pedagógica?

J: É. Alguma coisa nesse sentido ou ficamos com o Divanil (Diretor da escola) mesmo?

P4: É. Na verdade como sou da área técnica, eu não ingressei muito em área educacional, então meus autores são os autores de nível técnico, então não entraria muito nesse aspecto, apesar desses autores serem excelentes professores também. Isso, não sei se é válido no seu caso. O próprio Castelli ele faz a faculdade numa das melhores do Brasil.

J: Em qual das atividades, ou seja na consultoria ou docência do técnico, você se sente mais à vontade?

P4: Hoje eu me sinto mais à vontade na docência.

J: Por quê?

P4: Acho que até pelo fato de eu ter mais experiência na docência hoje, do que na consultoria. Na consultoria se for juntar a experiência eu tenho um ano, no técnico eu tenho seis. Então eu acho que estou mais seguro dando aula do que prestando consultoria.

Entrevista – Professor 5= P5

J: Você é formado...?

P5: Sou formado pela Universidade São Francisco, tenho bacharel em Turismo em 2003.

J: Fez alguma pós-graduação?

P5: Eu fiz pós-graduação em gestão em estratégia de empresas (negócios) e daí eu concluí ainda o MBA no mesmo seguimento, a fim de direcionar um pouco a minha profissão na parte de consultoria.

J: De consultoria hoteleira?

P5: Sim.

J: E aí você trabalhou no que até agora? Desde que você saiu da faculdade ou antes da faculdade.

P5: Na verdade assim, eu comecei já como estagiário na secretaria de Turismo aqui. Então num período dos dois anos últimos da faculdade, eu estava cursando a faculdade eu já iniciei no estágio. Daí eu terminei o curso e automaticamente aconteceu esse desligamento. E paralelo a isso eu trabalhava com recreação em hotéis.

J: Junto com a outra professora ou não? Porque ela trabalhou pra caramba em recreação.

P5: Não. Então na verdade eu trabalhava na faculdade, de segunda a sexta trabalhava na secretaria como estagiário aqui e Amparo. E daí aos fins de semana e feriados eu trabalhava com recreação.

J: E valia como estágio pra você?

P5: Também.

J: Suas horas de estágio da faculdade de Turismo.

P5: Daí terminado esse vínculo que eu tinha com a prefeitura, eu permaneci durante uns meses com recreação. Após isso, eu tive uma oportunidade de emprego em Serra Negra, na secretaria de Turismo em Serra Negra.

J: Daí não mais como estagiário?

P5: Daí não mais como estagiário. Só que por uma questão política, na verdade era um cargo de confiança, eu fiquei em torno de dois meses, dois meses e meio nesse cargo. E nesse meio tempo eu já havia prestado o concurso aqui, só que daí até então não havia sido chamado. Daí quase dois anos, calhou nesse momento que eu saí da secretaria de Serra Negra eu fui chamado aqui na escola. A partir disso eu comecei.

J: Você mora aqui?

P5: Moro aqui. Comecei a trabalhar dando aulas, ministrando aulas. Aí a partir disso começou a surgir. Logo no ano seguinte já surgiu uma sala no descentralizado cursos lá em Lindóia, que eram de hospedagem, recepção e governança. Onde eu atuei junto com o professor Rafael e com a professora Leandra. Terminado esse curso que mais ou menos foi uns seis meses eu fui pra, abriu um concurso para uma sala no centralizado do curso de Turismo em Socorro, onde eu através do FAT, tem que formar parceria junto com o FAT, eu assumi a coordenação do curso e também ministrava as aulas. Fiquei lá durante o período de um ano e meio. Daí eu estava no ultimo semestre e fui chamado novamente pela secretaria, naquele momento, de Turismo ele me convidou também para um cargo de confiança o qual eu estou até hoje. Na prefeitura aqui em Amparo.

J: Na parte da secretaria de Turismo?

P5: Isso. Eu iniciei na parte da secretaria de Turismo, porém com essa nova administração em 2009, houve algumas mudanças dentro da formatação da secretaria. Então na verdade como a prefeitura de uma forma geral tem a estrutura dela de eventos bem consolidada, tanto os eventos o calendário da cidade como os eventos internos mesmo. Então pensou-se em estruturar melhor uma equipe somente para eventos. É a qual hoje eu trabalho. Então eu junto com outra assessora, sou responsável pelas questões de todos os eventos da prefeitura, fora a parte do protocolo da cidade de Amparo. Então na verdade a minha atuação dentro da secretaria de Turismo, ela se desviou um pouco visto essa necessidade de formatar esse departamento de eventos de uma forma mais específica.

J: E da onde surgiu essa vontade de se tornar professor?

P5: Na verdade assim, quando você está cursando, você está terminado a faculdade, você começa a “é real que você vai perder isso”. Daí você se apóia um pouco na faculdade. Diferente de muitos colegas que eu percebia que tinham uma concepção totalmente diferente, a minha era mais realista. Eu tinha mais o pé no chão, então eu sabia que eu tinha que aos poucos, mesmo estando na faculdade, eu sabia que tinha que procurar alguma coisa que eu pudesse, alguma oportunidade mesmo. Já tinha um conhecimento legal, já tinha os contatos que eu tinha feito, na verdade eu comecei a pensar desse lado. E daí eu fiz ainda cursando a faculdade, prestei esse concurso do Centro Paula Souza, mas até então fiquei esperando para ser chamado enfim. Na verdade quando eu fui chamado eu saí de Serra Negra, tava meio que perdido com a situação profissional e daí foi até uma saída boa, mas assim eu fui fluindo. Logo que eu saí eu já comecei aqui no Centro Paula Souza e foi legal, foi uma coisa que eu me identifiquei, foi uma coisa que a minha intenção hoje é trabalhar um pouco do mestrado, focar o meu mestrado na parte de docência acadêmica. Mas específica também nessa área de Turismo, Hotelaria. Só que no momento eu terminei agora o MBA em fevereiro, então eu estou estudando ainda, mesmo porque isso vai demandar tempo. E tempo é uma coisa que pra mim hoje é bem complicado.

J: Acabou de assumir um cargo importantíssimo e que demanda todo o seu tempo. Final de semana...

P5: Não somente final de semana, mas inaugurações eventos.

J: Férias, feriados.

P5: Na verdade eu estou muito envolvido com esse outro trabalho. Então na verdade pra que eu iniciasse o mestrado eu tenho que abrir mão. Eu tenho que colocar as prioridades da minha vida e automaticamente alguma coisa vai ter que ficar de lado para que eu possa efetivar isso.

J: Que pré-requisitos foram exigidos aqui no Centro Paula Souza foi o concurso público normal. E para você entrar nessa carreira sua que você está trabalhando como assessor de eventos você teve que passar por alguma seleção alguma coisa, ou já foi indicação por você já ter trabalhado antes na secretaria?

P5: Isso. Na verdade por ter trabalhado uma vez foi justamente isso que me facilitou. Foi um ponto a favor visto que o meu desempenho foi uma ponto favorável e o cargo foi prontamente preenchido por mim. Assim a pessoa, o desligamento dela, foi ela mesma que solicitou. Então praticamente eles já entraram em contato comigo pra ver essa disponibilidade. Então na realidade foi justamente isso, foi uma indicação que já havia...

J: Um histórico seu na verdade. E sua experiência profissional com o Turismo ficou nessa parte de planejamento, organização de eventos?

P5: É.

J: Guia você não é?

P5: Não. Eu adoro essa, eu tenho essas aulas de guia, acompanho os alunos em viagens e tudo, mas não sou credenciado junto ao ministério. Já a secretaria, a minha parte dentro do Turismo, ela é justamente voltada a essa questão da infraestrutura da cidade, dos equipamentos, da sinalização. Tinha uma participação direta com o circuito das águas. E junto também com esses eventos, então era tudo condensado, na verdade era uma coisa só.

J: Muito trabalho não é?! Na sua trajetória profissional do ponto de vista social, pessoal, amigos, que pessoas que para você se tornaram importantes? Para dizer assim “essas pessoas foram muito importantes ao longo da minha carreira no Turismo”.

P5: Olha, eu acho que a minha família, tem alguns amigos também que inclusive estão comigo até hoje. E sempre têm incentivado, essa parceria, então na verdade esse contexto da amizade dentro da minha vida profissional foi super bem aceita e apoiada. Na verdade dentro dessa trajetória muitas vezes a gente se desanima, na verdade muitas vezes a gente chega querendo mudar muita coisa e a gente vê que as coisas não são tão fáceis, dependem de outras situações, de outras pessoas até, então você deve ser auxiliado no meio desse caminho.

J: Das pessoas que convivem com você, do ponto de vista profissional, eles falam assim o Evandro é professor, o Evandro é organizador de eventos, o Evandro é turismólogo. Como é que eles te classificam?

P5: Na verdade eles me classificam como um profissional especializado naquilo que eles precisam. Eu não sou tachado como o professor ou gestor de eventos. Dentro dessa, eu acredito que até tenha sido uma fator positivo tanto aqui da escola como na secretaria que eu trabalhei, essa oportunidade de você trabalhar com diversas coisas. Conhecer e dominar algumas dessas coisas. A parte de eventos hoje, hoje tem aqui em Amparo maiores eventos que é o festival de inverno, é um evento consolidado com estrutura legal e tudo. Eu sou conhecido como aquela pessoa por exemplo “ai eu preciso de um evento ou alguma coisa relacionada a um cerimonial, ai você tá envolvido com tudo isso você dá aula nos cursos” então daí eles já sabem de tudo isso por isso, por atender alguma necessidade relacionada ao seu trabalho mesmo.

J: Ao Turismo no geral.

P5: No geral.

J: E há quanto tempo que você já atua nesse mercado de trabalho? Não na docência, como profissional do Turismo.

P5: Como profissional do Turismo há 5 anos.

J: E na docência?

P5: Docência há 4 anos.

J: Bem pertinho um do outro não é?

P5: Sim.

J: E quando você pensou em ser docente, você se espelhou em alguém? Por exemplo um professor, ou pai e mãe que é professor.

P5: Sim, me espelhei num professor da faculdade. E eu como professor, eu desenvolvi isso ou é uma coisa minha mesmo, esse relacionamento com os alunos. Eu acho que o estreitamento, na verdade você não ter a barreira com os alunos é um ponto muito positivo. No meu ponto de vista de acordo com o relacionamento que eu tenho com eles. Então na verdade as vezes o professor chega, ele está cansada, teve um dia inteiro tem algum aluno que incomoda enfim. Mas muitas vezes, eu desenvolvi isso, em não enfrentar já, em tentar aos poucos não conquistar, mas mostrar aos poucos que eu estou aberto. Porque muitas vezes a gente não sabe a realidade desse aluno, a gente não sabe o que ele tem, porque ele toma determinadas atitudes. Então na verdade esse estreitamento, me facilita tanto dentro do meu conteúdo mesmo, eu apresento o meu conteúdo de uma forma mais informal. Porque você cria então na forma de um bate-papo, fóruns, eu coloco um tema e a gente começa a discutir, eu peço para que eles tragam o material para a gente poder trocar experiências. Então é assim, eu não domino tudo eu não sei tudo, então muitas vezes duas partes saem ganhando com um conteúdo legal. Então dentro desse contexto aí eu acredito que até hoje sempre deu certo.

J: Você acha que é possível conciliar esse trabalho fora da escola? Ou seja trabalhar o dia todo e vir dar aula a noite tranquilamente sem problemas.

P5: Sim. Na verdade pra mim isso é até um estímulo. Porque muitas vezes se você estivesse em casa, você estaria ocioso. Então além de eu estar praticando o meu conhecimento, isso me estimula a buscar mais informações, aprimorar o que o curso pede. Então na verdade esse exercício para mim é interessante também.

J: E com relação a autonomia, ou seja a liberdade de trabalho, você acha que como assessor de eventos você tem uma autonomia maior do que dentro da escola como professor, ou como é que você vê isso?

P5: Na verdade são situações distintas. Na escola nós temos todo o regimento interno, que eu acho até que é pertinente. Na escola você sabe até onde você pode chegar. Dentro da liberdade que você tem para atuar, você sabe que você tem um limite para poder trabalhar. Já na minha outra ocupação, eu vejo que eu tenho uma liberdade ímpar. Porém muitas vezes dentro dessa liberdade eu também fico preso. Por quê? Porque eu tenho um superior, eu tenho algumas decisões que não dependem de mim. Por ser um órgão público a gente depende dessa intervenção, eu acredito que dos dois lados, a gente tem um teto de atuação aí.

J: Qual representatividade tem pra você a sua escola, na sua carreira profissional?

P5: Olha pra mim eu acredito assim: como a minha intenção é seguir a área acadêmica, eu acredito que o Centro Paula Souza veio a acrescentar muito na minha própria lapidação profissional. Por quê? Porque professores, pra você começar a formatar, a desenhar o modelo, começar a dominar uma coisa que para você é nova, eu acho que o Centro Paula Souza através da escola João Belarmino me proporcionou isso. Mas é lógico que todo o empenho meu, mas assim, voltado pra justamente, eu até via como um obstáculo. Então quando a gente enfrenta as coisas, vê as coisas como um obstáculo é legal porque daí você consegue olhar para trás e ver que você superou algumas dificuldades, essa situação mesmo de iniciar uma profissão a qual você está diretamente sendo avaliado também né.

J: Professor você fez o esquema I que é a licenciatura do Centro Paula Souza?

P5: Não. Não fiz, eu fiz foi no primeiro bloco.

J: Isso.

P5: O segundo eu me inscrevi, mas até agora eu acho que não saiu.

J: É não saiu. A especialização pedagógica ainda então você pretende fazer ou futuro mestrado e até licenciatura né.

J: Como que você se sente como professor da área técnica de Turismo?

P5: Você diz dentro do...?

J: É como que você se sente? A vontade, é algo tranquilo, se sente bem?

P5: Tranquilo, dentro do plano eu sempre busco assim, geralmente eu tenho já as disciplinas que eu ministro, então na verdade dentro dessas disciplinas todo semestre eu revejo, eu to revendo o material, atualizando. A forma como eu trabalho dentro daquilo que é pedido no plano é uma forma até livre. Eu tenho a apostila como um parâmetro e daí dentro daquele parâmetro eu vou abrindo algumas ramificações.

J: Qual que é o seu objetivo principal na formação do seu aluno técnico em Turismo?

P5: Dentro do meu objetivo enquanto professor é justamente o que? É criar principalmente para os cursos de Turismo essa conscientização. Então na verdade o que eu quero mostrar para eles é que ele tem a intenção de ser o profissional e a partir do momento que ele vai atuar como profissional, ele ter uma consciência profissional do Turismo. Então não adianta eu apresentar o meu conteúdo atual dentro do semestre e não e não deixar alguma coisa, não sentir esse feedback do aluno. O senso crítico da minha escola. A gente vê hoje dentro do mercado de Turismo, turístico mais específico que é a nossa área, eu percebo muito essa questão da prestação de serviço, da forma como é entregue, do que é apresentado. Eu trabalho muito a nossa região, o Circuito das Águas em relação a mão de obra. Eu coloco o tema e gente discute, é lógico que paralelo a isso tem toda essa questão teórica, todas essas exigências, avaliação, mas é isso que eu quero despertar neles, esse senso crítico e essa consciência política.

J: Para não ficar no senso comum né?

P5: Isso, exatamente.

J: De que o Turismo é lindo, de que o Turismo é perfeito.

P5: Exatamente. Eu sempre mostro. Que flores vão surgir por eu fazer Turismo. Que é bagunça, eu vou ser turista e não técnico em Turismo. Eu mostro os dois lados da moeda.

J: Qual das duas atividades você se sente mais a vontade? Como assessor de eventos ou como professor?

P5: Olha, se eu falar que são as duas vale?

J: Claro!

P5: São duas coisas que eu gosto, que eu me identifico muito. Então enquanto eu estou lá trabalhando com eventos, eu estou me realizando, estou vendo a coisa fluir, estou sendo reconhecido por isso. E aqui

também eu tenho um feedback legal, porque muitas vezes eu tenho um retorno maior do aluno, um obrigado do aluno. Então pra mim é ímpar.

J: E dentro da sua profissão de docência ou mesmo de assessor de eventos, um referencial? Um autor, alguém?

P5: Eu gosto muito da Dóris Pushman. Eu trabalho bastante com estudos de casos dela, ela trata muito bem essa questão da conscientização do Turismo sustentável, a parte do planejamento turístico. Então eu sigo um pouco. O Mário Bene também, o Rodrigo. Então eu tenho alguns autores aí.

J: Que ficam de coringa na manga aí né?

P5: É.

J: Teve uma vez uma professora, do técnico em Hotelaria e Turismo, que ela disse uma frase assim: “Todos os professores de técnico em Hotelaria eles não são professores, eles estão professores.”, como se eles estivessem numa fase de professores e de repente até como se a profissão de professores fosse um bico. O que você como professor acha?

P5: Eu acho assim, acho que isso vai de encontro com o objetivo de vida de cada pessoa. Eu enquanto docente do Centro Paula Souza, é lógico que enquanto profissional, no futuro concluindo o mestrado, é lógico que o mestrado ele exige e ele dá um respaldo para que você busque outros, dentro da formação acadêmica dentro da atuação como docente, essas universidades, outras oportunidades de aula, de emprego mesmo em questões financeiras, que automaticamente está relacionado. Então assim, pra mim hoje, o Centro Paula Souza ele é como eu falei anteriormente, ele está sendo de suma importância nessa minha carreira. Porque na verdade eu tenho essa vaga, ele está me dando essa vaga, amanhã ou depois eu posso vir atuar como professor numa universidade, mas eu não quero perder esse vínculo. Eu quero sempre ter um tempo, um período de aula durante essa semana inteira para que eu esteja aqui. Por quê? Porque todo esse processo de você ter de estar ali interino, apresentando o conhecimento para as pessoas, seja um técnico, seja uma pré-escola, seja mesmo uma universidade o meu papel então de profissional de Turismo está sendo cumprido.

J: Então você poderia dizer que o professor Evandro ele é professor “eu sou professor”, ou ele está somente aqui?

P5: Eu sou professor. E pretendo continuar.

J: Gostaria de agradecer muito a atenção. Muito obrigada.

Entrevista – Professor 6= P6

J: Idade?

P6: 33 anos.

J: Você é formado em?

P6: Em Hotelaria.

J: Em qual faculdade?

P6: Universidade São Francisco, campus Bragança Paulista.

J: Em que ano que você se formou?

P6: E entrei em 1998 e saí em 2001.

J: Quando iniciou suas atividades profissionais? Fala um pouquinho pra mim sobre isso, da Hotelaria

P6: Da Hotelaria quando eu estava na faculdade em 1999, eu fui chamado para participar de um processo seletivo de instrutores de hospedagem. Aí a gente tinha o laboratório e tinha que organizar o laboratório no período da tarde porque o professor usava de manhã, tinha aula de manhã e noite então eu tinha que organizar esse laboratório.

J: Dentro da faculdade mesmo?

P6: Dentro da faculdade. Aí prestei, passei e comecei a fazer. Só que o horário de ônibus ou topic não estava dando. Então eu tinha que viajar todo dia pra Bragança, eu chegava aqui em torno de quinze para uma da manhã e a topic era cinco e meia da manhã. Então praticamente eu tinha quatro horas e meia, cinco horas de sono. E as minhas notas na faculdade começaram a cair.

J: Entendi, claro.

P6: Porque eu não tinha tempo de estudar, eu não tinha tempo de dormir, porque eu precisava dormir.

J: E comer também!

P6: E lá na faculdade eles davam alimentação, mas eu tinha que entrar... a topic chegava as sete horas, só que eu ficava das sete e meia até uma hora da tarde moscando. Então eu tinha que tirar pó de um monte de coisa, montei e desmontei laboratório, várias vezes ficava auxiliando professor. Aí comecei a ver que não era aquilo, que daí eu gostava de fazer, só que me prejudicou.

J: Em suas notas.

P6: Em minhas notas. Daí eu saí da monitoria, e comecei a fazer estágio. Fiz estágio em buffet, de ir para festa montar mesa, montar toalha, fazer a higienização, vender festa. Então meu lado comercial começou a aflorar dentro da área de eventos. Porque daí eu fiz cerca de duas mil horas de Buffet, desde 1999. No

ano 2000, eu fui pra hotel, então em 1999 eu fiquei em Buffet e em 2000 eu fui pra hotel. Aí hotel eu fiz desde Estância Atibaia, na região de Bragança, aí entrei no estágio aqui em 2001 num hotel aqui em Amparo. Também somando tudo, eu lembro que deu doze mil horas.

J: De estágio?

P6: De estágio.

J: Meu deus! Por todos os setores da Hotelaria?

P6: Por todos os setores, desde venda, desde balcão, arrumação de cama, lavar banheiro, a parte de assistência de gerência, então fui passando. Aí quando eu entrei na docência eu já tinha mais experiência, que eu já tinha sido monitor de crisma.

J: Mas você logo que terminou a faculdade já entrou pra docência?

P6: Já entrei pra docência. Porque eu já tinha parte já, não é da docência, eu já dava aula de crisma de final de semana, daí eu achava que era interessante por não ter nenhum trabalho ainda, dentro do hotel fazendo estágio, aí veio a possibilidade, veio a diretora de serviços da escola, foi pra Bragança que era a faculdade mais próxima, até então não tinha na região Turismo e Hotelaria, só tinha em Bragança e Campinas. E ela ficou sabendo de algumas pessoas juntaram, que faziam Hotelaria em Bragança e Turismo e aquelas ela já tinham Turismo e queriam fazer Hotelaria. Aí ela pediu que a gente fizesse uma carta, algumas pessoas, daquelas que se interessavam em vir trabalhar no SPA. Aí eu fiz uma carta de próprio punho e ela disse “não tem que ser de papel timbrado” aí nós fomos na faculdade, eu trouxe o papel timbrado da faculdade dizendo que eu estaria interessado em ministrar as aulas no curso técnico. Aí prestei o concurso, na época passaram duas pessoas. Uma pessoa era da faculdade daqui de Amparo, só que passou em segundo lugar, e eu passei em primeiro.

J: Como estudante?

P6: Não, como já graduado. Foi no final de 2001, começo de 2002 que eu entrei.

J: Você já tinha colado grau?

P6: Já, já tinha colado grau e estava na faculdade, mas eu peguei um termo na faculdade dizendo que eu já tinha colado o grau.

J: Ah entendi. Pra você vir já como formado.

P6: Eu entrei como formado daí. Eu já trouxe a parte de documentação da faculdade que a escola estava exigindo pra ser graduado. Mas prestei o concurso e passei. Estou na escola desde 2002 até hoje, são sete anos.

J: Ou seja, você começou o curso de Hotelaria?

P6: Comecei o curso de Hotelaria aí dentro. Então se alguém quebra uma taça, é uma coisa que quebra dentro de mim, se alguém leva embora pra casa como acontece. A gente tem a aluno que se sente revoltado porque não encontra mercado de trabalho, ele entorta garfo, ele entorta faca e leva embora e as vezes ele fere em mim. Porque eu ajudei a construir tudo aquilo. Então eu montei o curso, foi muito complicado no começo. Ensinar por exemplo o corte de carne na lousa, ensinar a cortar o legume na lousa, de não ter um laboratório. Então desde 2002 até hoje, o que a gente tem hoje, é melhor do que a gente tinha. A gente tinha um fogão de duas bocas dentro da sala de aula, eu trazia macarrão cozido de casa, ensinava eles a produzir o molho vermelho e o molho branco, jogava dentro de um tupperware e falava assim “gente agora vamos comer”. Essa era a aula prática que a gente tinha. Eu era acostumado na faculdade, a gente pegava a lista de compra “esse daqui a gente está precisando” e já vinha em seguida. Aqui é totalmente diferente. Então comecei a montar as aulas, montar um monte de material, de ficar nas férias digitando apostilas pra ter o material que eu tenho hoje. De dar treinamento, de falar “olha o aluno está precisando de tal coisa” eu chego no dia e está preparada a aula.

J: É o coração na verdade né, que envolve essa atividade?

P6: É o coração.

J: E aí você nunca quis procurar uma atividade profissional exceto a docência nesse momento?

P6: Sempre procurei, aliado com a docência sempre distribuí meu currículo. Até que surgiram várias propostas, por exemplo ano passado treinamento de garçom, pela escola eu fui chamado, mas não era pela escola as pessoas ficaram sabendo que tinha curso de Hotelaria e foram lá conversar comigo pra ver se eu podia dar um treinamento de garçom. Cobrei o que Campinas cobra, que é mil e quinhentos, que é o preço da consultoria. E fechei o treinamento durante três meses durante o dia e com as aulas durante a noite.

J: Então você ficava durante o dia no treinamento e durante a noite dava as suas aulas. E quantos garçons que eram?

P6: Eram quinze garçons.

J: E você sozinho?

P6: Sozinho. Dentro desses quinze já tinha três que já tinham um curso, uma ligeira noção que fizeram em Águas de São Pedro. Então o RH já peneirou bastante. Então ficou pra aula muitos que não tinham mesmo prática. Só dois ou três tinha prática, o resto não tinha prática nenhuma. Então data-show, tinha

que dar aula prática falando sobre higiene, falando sobre o que é o restaurante, a profissão do garçom, de um jeito eu não ferisse o garçom.

J: Entendi. E fora a isso também teve a proposta em, como é que é, em Campinas?

P6: Campinas na parte de gerente de recepção. Fora isso, sempre aparece por exemplo, uma vaga que está no campo de currículo estratégico que eu tenho que é de recepcionista. Mas não dá, para ser recepcionista o salário é muito baixo.

J: Hoje como professor ainda mais depois de tantos anos, hoje você já tem um salário melhor.

P6: Porque eu fiz a minha pós em eventos.

J: Fez a pós em eventos em qual faculdade?

P6: Fiz no SENAC em águas de São Pedro.

J: E também o esquema I?

P6: E também o esquema I.

J: Que é a licenciatura. E daí essa pós em eventos você acha que agregou mais?

P6: Agregou porque daí surgiu a proposta pra dar aula na faculdade de Amparo. Como não tinha ninguém da área e era meu ex-professor da faculdade, ele me ligou, me chamou perguntando se eu tinha alguma pós. Eu falei “tenho eventos”, “ótimo, porque tem alimentos e bebidas e organização de eventos”. Ele falou assim: “pode vir, você pode pegar aula de recepção, reservas, governantas, pode pegar as aulas”. Daí foi uma experiência que eu tive que eu gostei de dar aula na faculdade, que é diferente do curso técnico. No curso técnico eles querem tudo mastigado, e na faculdade você solta o material e o aluno se vira, se ele quer ou não ele aprende. No curso técnico eles reclamam se você está escrevendo muito na lousa, se você dá a apostila é porque ele comprou o caderno e ele quer usar o caderno, se você pede Xerox é porque você está pedindo um Xerox. Não é verdade?

J: É isso aí. E a faculdade você daí teve que parar, já foi diferente?

P6: Na faculdade já foi totalmente diferente. Isso foi uma grande questão, que na escola a gente tinha os laboratórios tava funcionando os laboratórios, na faculdade não tinha laboratório. Então o coordenador pedia autorização minha para vir dar uma aula prática no meu quarto. A minha cama era de 1950. O meu laboratório tinha um fogão de quatro bocas semi-industrial, um forno com a grade pra dentro, o bolo crescia torto.

J: E mesmo assim era melhor do que o da faculdade? O da faculdade não tinha.

P6: Na faculdade não tinha laboratório. Aí com a minha ida pra lá e com a ida de um outra professora de Bragança, da USF da Universidade São Francisco, nós montamos um laboratório de alimentos e bebidas e um de hospedagem.

J: E por que você acha que não vingou o curso da faculdade? Durou quanto tempo essa sua experiência lá?

P6: Um ano.

J: E daí formou a turma?

P6: Formou. Abriu de novo as inscrições, não formou turma, por quê? As pessoas que estavam fazendo o curso falavam muito mal da faculdade, por não ter a estrutura e o preço que eles estavam pagando era pra ter uma estrutura.

J: Entendi. Não foi criado antes um laboratório para depois abrir o curso.

P6: Eles começaram a propagar o curso de Hotelaria da ETEC. “Porque da ETEC é melhor, porque tem laboratório, porque tem isso, porque tem aquilo”

J: E é de graça.

P6: Nós tiramos muito público da faculdade sem querer, porque vinham fazer o técnico.

J: E aí por isso que não conseguiu abrir de novo outro curso da faculdade. Além disso, o que mais que você foi fazendo? Conta pra mim, por favor.

P6: Eu dei um treinamento de empregada doméstica, que dentro da camareira eu mescliei a parte da empregada doméstica, tirei muita coisa de camareira e passei para empregada doméstica. Atrai um núcleo que participei um mês da Escola da Família em Campinas. E nessa Escola da Família tinha que conhecer coisas da Hotelaria, e eu montei um treinamento para empregadas domésticas que eu não ponho o nome de empregada doméstica, foi secretária do lar.

J: E deu super certo?

P6: Deu, porque eu dei aula de etiqueta, de como abrir porta, de como atender o telefone. Elas têm mania lá em Campinas, tem uma gíria que fala “fia” e “fio”, então conseguir durante um mês que elas não falassem fia nem fio, já foi um grande ganho.

J: E dentro de hotel você não quis voltar mesmo?

P6: Eu quero voltar. Porque muita coisa da área operacional muda então as vezes eu tenho que ligar pra uns hotéis de Campinas perguntar o que está acontecendo porque Amparo é uma cidade pequena, e não tem o material.

J: Pra você trabalhar com o aluno.

P6: É, aquele material muito dinâmico. Então muda alguma coisa de uma rede, eu ligo pra rede e falo assim "olha, está mudando o que está acontecendo?" pra eu me atualizar. Pra eu trazer coisa atual, como foi e como está acontecendo. Hoje a gente tem o emprego de concierge em Campinas que está sendo bom hoje, que está todo mundo querendo ser concierge, mas o que é o concierge dentro da Hotelaria? Então na nossa região não tem, e Campinas já tem, São Paulo já tem.

J: Então você acha que a sua volta pra dentro do hotel, trabalhando dentro do hotel vai melhorar sua aula?

P6: Vai melhorar minha aula, porque eu vou trazer daí vivência, estudo de caso real do que fórum, de livros. Você pega um livro de algum autor que escreveu casos e acasos na Hotelaria, e fala decepção da recepção e você fica naquele livrinho básico, só que você tem que trazer um algo mais. "O que acontece quando um hóspede morre?" "Ou quando você tem um jogador famoso dentro do hotel que a camareira pula em cima da cama do jogador, ou daquela cantor de pagode?"

J: Os procedimentos.

P6: "Quais os procedimentos?". Na teoria é bonito porque a gente tem os livros e na prática? É essa a vivência. No meu curso ta faltando. Porque os professores não têm.

J: Porque a grande maioria dos professores são...

P6: Formados na área, mas não atuam na área.

J: E você acha que por que isso acontece de grande parte dos professores serem formados em Hotelaria, dão aula em Hotelaria mas não trabalham em Hotelaria?

P6: São indústrias familiares.

J: Aqui em Amparo?

P6: Amparo, Serra Negra, Águas de Lindóia.

J: São hotéis familiares?

P6: São hotéis familiares. Então aquele núcleo que não tem gerente, naquele núcleo que o dono é o gerente, a esposa é a chefe de cozinha, a esposa é a decoradora, a filha é prima não sei de quem, vai receber no hotel. Então eles acabam fazendo do hotel a instituição da casa. E não tem hoteleiros, a gente tem donos de hotéis. Então muitas vezes eles chamam a gente pra trabalhar sim "mas olha você vai ganhar quinhentos reais na recepção".

J: Quinhentos reais não interessa porque é um valor muito inferior do que você ganha dando aula. E você acha que como que fica a visão do aluno vendo seus professores não trabalhando na área? Ou seja, os professores não trabalham dentro de hotel e dão aula sobre o hotel. Aquela historinha do "ai você só dá aula professor?"

P6: A gente se surpreende com isso, tem muitos alunos que falam "nossa o professor sabe bastante por isso que ele está aqui dando aula". Então eles acham que a gente sabe, então e vai procurar saber. Você não vai dar uma aula porcaria, você vai falar sobre um tema, só que você vai pegar três, quatro autores diferentes, vai dar um embasamento teórico. É o que falta. É que eles gostam de chamar o conhecimento. Eu tive uma aluna que falou assim que eu sou mestre, eu falei assim mas se eu não fiz mestrado não fiz nada, daí ela mas a sua aula é ótima, você é calmo, você é tranquilo, você consegue passar. Do que um professor do ensino médio que grita, que xinga e no técnico é diferente porque vocês tem a parte da etiqueta social e com a conversa vocês mostram o outro lado. Então eles falam que a gente é mestre, que a gente... tem um ponto de apoio quando eles vão para o mercado de trabalho como quando eles vão na recepção, ou de garçom, eles voltam na escola pra contar o que está acontecendo e pedir ajuda.

J: Entendi. Depois eu eles se formam, eles voltam atrás de vocês?

P6: Eles voltam, pra pedir ajuda, pra pedir por exemplo "ai estou precisando de material de como montar mesa. Me arruma?" ou "Estou precisando de material de etiqueta social. Como que eu me porto numa mesa? Esqueci". Então eles vão atrás porque sabem que a gente está na escola e que é um porto seguro para eles.

J: E você acha que com o ensino médio eles não voltam atrás para pedir nada pro professor? Por conta dessa diferença que eles sentem do professor no técnico.

P6: O do médio, da escola (ETEC) é ótimo. O das outras eles falam que lá é diferente. O tratamento o refinamento que o curso de Hotelaria e Turismo tem eles falam que é totalmente diferente. Falam que é outro universo, eles falam que é um universo mais educado.

J: Entendi. Do professor para com o aluno.

P6: Do professor para o aluno.

J: E por que você acha que você escolheu a docência? Você falou dessa parte da crisma que você já era monitor de crisma, mas assim o que fez o Rafael sair da faculdade de Hotelaria e já prestar e estar há sete anos?

P6: Eu não tinha emprego. Não tinha nada em vista, a primeira coisa que apareceu foi a docência.

J: E ficou?

P6: Daí fiquei. Porque daí comecei montar treinamentos, comecei estourando classes descentralizadas. Então você tinha que saber um pouco da legislação de como funciona isso. Aí eu comecei a participar de

projetos da escola de montar por exemplo, curso de garçom e de quantas horas, eu não sabia quantificar, hoje eu já sei quantificar. Eu acho é como um RH me falou em Campinas: “Você tem o que todo dono de hotel gostaria de ter. Uma pessoa pra trabalhar num RH que precisa de um treinamento, você já tem pronto”. Mas eles acham que por você ter uma faculdade, uma pós e uma vasta área de experiência, não tem dinheiro que te pague.

J: Ou seja o salário dentro de um hotel, de qualquer hotel, nunca vai ser o suficiente para pagar todo esse conhecimento.

P6: É isso que eles pensam. Mas hoje em dia, um gerente de hotel em São Paulo, ganha sete, oito mil reais em São Paulo. Campinas, está girando em torno de quatro a cinco mil. Em Serra Negra mil e cem, mil e duzentos, o máximo que eu escutei falar foi mil e trezentos. Mas se tivesse por exemplo, uma vaga de gerente em Serra Negra e você continuasse com as aulas a noite, pra você estava perfeito?

P6: Estava ótimo! Porque daí eu diminuiria a minha carga de aula na escola, ficaria com dez aula durante a semana, e o restante eu ficaria dentro do hotel.

J: E Buffet, restaurante, essas coisas, você já tentou? Porque você também tem essa experiência.

P6: Buffet eu tenho experiência, mas não gostei.

J: A não gostou.

P6: Eu não gostei porque é uma vida muito louca. Você sai na sexta-feira às quatro horas da tarde, ou na sexta-feira às oito horas da manhã e só vai voltar no sábado à tarde.

J: Então o que você gosta mesmo é dentro de hotel? A atividade dentro do hotel. Qualquer setor, qualquer atividade?

P6: Dentro da área de hospedagem. Adoro recepção, adoro a parte de ver como que os quartos estão sendo arrumados. Acho que hoje as pessoas falam que é a parte de governante, no masculino, o homem, o governante, o mordomo. Então eu acho que eu gostaria de ficar nessa parte. A e B eu gosto, mas não é aquela coisa de ai morro de amores.

J: Então na verdade é assim, você ainda continua mandando os seus currículos.

P6: Muito. Todo mês eu sento no meu computador, entorno do dia 10 ou antes, eu pego o meu currículo, revejo meu currículo todo mês, pego uma lista imensa de hotéis que eu tenho e mando. Mando via correio para o norte e nordeste, mando pro sul todo mês.

J: E aí as respostas que vão vindo você vai analisando?

P6: Vou analisando, como teve já uma proposta de auditor noturno, ganhando seiscentos e oitenta para trabalhar das onze às sete da manhã. Com o adicional noturno ganhando isso. Eu achei muito pouco pelo tanto de trabalho que é o auditor noturno.

J: Por aqui?

P6: Campinas. Sempre aparece, o que aparece é recepção, área de recepcionista.

J: Até porque o foco que você mais dá no currículo deve ser para recepção.

P6: Não.

J: Você coloca geral?

P6: Coloco assistente de gerência e administrativo. Mas a gente não tem nos hotéis aquele povo formado que sabe o que é assistente de gerência.

J: As vezes acha que vai roubar o lugar do gerente.

P6: Ou a parte administrativa.

J: E assim como é que foi o seu recrutamento quando você ingressou, por exemplo, para conseguir esse treinamento que você deu de garçom? Eles ligaram na escola, você não teve que passar por nenhuma seleção nem nada?

P6: Não. Na verdade...

J: Tinham mais pessoas interessadas em dar esse curso de treinamento ou não?

P6: Não. Na verdade nós fizemos um evento, a Hotelaria fez um jantar, nesse jantar o pessoal não se portava muito bem. E nesse jantar surgiu além do treinamento de garçom, que a pessoa estava nesse jantar, que foi um jantar beneficiante em Amparo. Surgiram quatro casamentos para os alunos fazerem de garçom. Então daí começaram a abrir outras oportunidades para os alunos. E pra mim.

J: Entendi, que daí foi esse caso do treinamento. E pra você qual foi a representatividade, dentro da sua trajetória profissional, dessa atividade que você fez? Então desse treinamento que você deu, desse trabalho com as empregadas domésticas, ajudantes do lar, enfim, qual a representatividade que essas atividades deram na sua atividade profissional?

P6: É interessante porque as pessoas falam que pensavam que a Hotelaria era só mexer dentro de hotel. E as pessoas se esquecem do ramo de atividade que a gente pode completar. Então pra mim por exemplo de dar treinamento, hoje se alguém liga pedindo um treinamento, eu já tenho um treinamento pronto e o valor daquele treinamento. Então eu agreguei muito valor pra mim. Achei muito importante isso.

J: Então foi fundamental para você poder já construir esse outro espaço de treinamento.

P6: Exatamente. Até para abrir uma consultoria depois, futuramente.

J: Futuramente, você já pensa nisso. Quais pessoas foram muito importantes na sua trajetória profissional? Do ponto de vista social, pessoal, alguém que por exemplo te inspirou nessa parte de treinamentos, nessa parte de consultoria.

P6: Tiveram três pessoas da faculdade ex-professores.

J: Ex-professores seus?

P6: Ex professores. O coordenador do curso e mais dois professores.

J: Eles que te motivaram.

P6: Me motivaram porque o meu ex-professor de faculdade tinha uma consultoria, então ele sempre chamava os alunos para fazer estágio, dando treinamentos na consultoria dele.

J: Entendi, e aí você pegou o gosto e foi repassando isso né?

P6: Fui.

J: E dentro da docência existe algum espelho também que você fale “nossa quando eu estou dando aula, as aulas que eu preparo tudo o que eu faço é bem parecido”, certa pessoa ou um autor?

P6: São dois professores que eu tive na faculdade que me marcaram muito. É aquela coisa, você faz com, gosto na faculdade você sabe, eu por exemplo. Tem aula que eu dou na hospedagem que eu estou relembrando o que a minha professora de hospedagem falou. Se eu dou uma aula de higienização, de pratos, talheres e arrumação de mesa, é uma aula que eu já tive eu estou apenas reproduzindo o que o meu professor falou.

J: De tão bem feito que foi passado para você.

P6: Da maneira que foi fácil e do momento que foi também. Eu acho que eu estava numa época muito... numa hiper sensibilidade, muito aflorada, estava com aquela ânsia de aprender. Tanto que numa pós-graduação, dos livros obrigados que eu tinha que ler, de oito eu tinha lido seis.

J: Sei, de tanta vontade de aprender. E você acha que a docência te trouxe isso? Ou seja essa vontade de aprender, esse despertar do aprender veio através da docência de repente?

P6: Foi a partir do último ano de faculdade que a gente começou a ter um olhar mais acadêmico, de uma jeito mais de fazer um projeto mais elaborado, de saber entender, por exemplo, o que é o TCC, o que é o desenvolvimento de um projeto, uma pós-graduação também. Aí ao longo do veio aprimorando, porque queira ou não a gente tá na docência, tem que ter um leque da visão acadêmica. Tem que pegar um livro, você tem que ler, uma literatura nova, você vai ler, vai absorver aquilo que tem de bom.

J: E você acha que a crisma acabou unindo? Porque como você gostou, acabou na docência por conta dessa... também em estudos.

P6: Exatamente. E o interessante, eu acho que a Hotelaria, vem do meu bisavô. Porque o meu bisavô tinha uma pousada na Itália então ele mexia com doces, com pousada. Veio pra Amparo montou uma rotisseria em frente a estação, então acho que já está no sangue. Descobri isso no último ano de faculdade quando eu entrei para um festival gastronômico italiano.

J: Daí que você foi pesquisar?

P6: Daí que veio a parte acadêmica, de você pesquisar, de você fazer entrevistas, de você montar o questionário, de você ir a campo e descobrir ‘o que o italiano come?’

J: E aí que você descobriu essa descendência hoteleira do seu avô.

P6: Eu descobri, do meu bisavô.

J: Essas pessoas que convivem com você eles te chamam assim o P6 hoteleiro, o organizador de eventos, o que dá treinamento em consultoria, o professor ou o recepcionista? Enfim, como é que eles te denominam?

P6: É P6 da Hotelaria.

J: P6 da Hotelaria. Mas especificamente que é o professor ou se é o profissional?

P6: Na cidade, como a cidade de Amparo é relativamente pequena, então as pessoas me conhecem, é eu estou na escola há sete anos, então é “o professor P6 está dando aula lá? O professor de Hotelaria”. Então eu fiz meu nome aqui na cidade e na região. Que é professor da Hotelaria, eu sou conhecido hoje como professor de Hotelaria. Eu dei aula pra uma instituição de caridade aqui de Amparo e é “a professor da Hotelaria prazer”. Tem uns que sabem meu nome, mas conhecem a profissão me associam na rua com a profissão da Hotelaria.

J: Entendi com a profissão da Hotelaria e não..., somente professor?

P6: Não, somente professor.

J: Porque você também não se vê, trabalhando com outra atividade que te ensinaram, com outra coisa a não ser Hotelaria?

P6: Não. Eu quero isso pra um outro lado depois, eu queria fazer decoração de interiores. Design de interiores.

J: Mas você vai tentar trabalhar dentro do hotel?

P6: Dentro do hotel.

J: Então você prepara o serviço para o hotel.

P6: Aliar isso para o hotel. Porque aqui tem alguns lugares, alguns hotéis que a dona do hotel acha que entende de decoração mas está fazendo, está trucidando o hotel com a parte de decoração.

J: Então você acha que aliando o curso técnico de decoração e design de interiores, você também poderia prestar serviços pro hotel com relação a isso?

P6: Exatamente.

J: Além de outras atividades. Quando você formou-se docente, você imaginava ficar tanto tempo nesse período, ou imaginou que fosse rápido?

P6: Eu imaginei que fosse rápido.

J: Foi seu primeiro emprego mesmo?

P6: Foi meu primeiro emprego registrado em carteira. Porque antes eu era Office boy de uma...

J: Eu tinha perguntado pra você a respeito de porque você está tanto tempo na área, esse foi seu primeiro emprego registrado você achou que seria rápido.

P6: Eu pensei que eu ficaria lá uns três, quatro meses.

J: E já iria trabalhar num hotel.

P6: É. Porque eu já estava distribuindo os currículos, aí eu vi que dando aula, dando algumas aulas eu recebia X, eu falei assim nossa acho que vou ficar mais alguns meses. Ai aquela coisa de comodismo.

J: De comodismo de ficar porque realmente ganha mais.

P6: Exatamente. Aí um outro dia eu fui no RH participar de uma seleção na rede Accor em Campinas. Aí a professora falou assim, escuta mais você está a sete anos no mesmo lugar, isso é raro porque hoje no mercado todo mundo dança. É super controlado você está a sete anos então você está descartado do processo de seleção. O RH falou isso.

J: E você sabe por quê?

P6: Por eu ser docente. O meu currículo hoje, ele é praticamente voltado para a docência. Eu tive uma atuação bem na parte de gerência numa pousada indo pra Serra Negra.

J: Por pouco tempo?

P6: Ambiente familiar, meus primos então quando você trabalha com família é complicado você falar “olha tal dia sai meu pagamento”, “tal dia a minha conta ta vencendo, preciso de dinheiro”. Então eles ficavam me enrolando, enrolando, enrolando e eu organizei a pousada, deixei bonitinha e nada de me pagar. Então eu falei assim vou ficar na docência. Aí vieram as propostas, mas sempre voltadas pra recepção. E recepção eu não quero.

J: Mesmo gostando, mas paga um valor muito inferior.

P6: Muito inferior.

J: Ou está muito longe que não tem como você vir e voltar dar aula. Por causa do horário.

P6: Isso.

J: Normalmente é um horário que atrapalharia você de dar aula.

P6: Exatamente. Aí eu fiquei nessa entrevista, a pessoa falou assim “olha o seu currículo é basicamente voltado pra área acadêmica. Tenta uma PUC uma UNIP, alguma instituição porque você tem bagagem pra fazer isso”. Agora o mercado ele é ingrato, porque se ele exige experiência, você não tem. Se você está pedindo uma experiência, alguma oportunidade ele não te dá por você ser professor. Agora se fosse ao contrário, como está sendo, e escola está buscando nas empresas as pessoas pra trabalhar pra dar aula hoje. Pra trazer a parte profissional pra dentro da sala de aula.

J: Mas no casa da Hotelaria, no caso da região não tem como.

P6: Não tem como.

J: Porque grande parte é empresa familiar e aí o pessoal não está conseguindo trabalhar nessas empresas familiares.

P6: Não estão conseguindo.

J: Porque de certa forma o mercado se mostra saturado nessa área de Hotelaria e Turismo. Quantas faculdades mesmo que você me falou?

P6: São novecentas e cinquenta faculdades no país, entre Turismo e Hotelaria.

J: Fora os técnicos.

P6: Fora os cursos técnicos que a gente tem. E fora esses cursinho que abrem de porta de esquina, básico em Hotelaria, básico em Turismo, que eu acho pavoroso isso. Se no curso técnico a gente dá uma boa pinclada, o que um básico de Hotelaria vai passar?

J: Exatamente, ou seja, acaba deixando feia a ideia da nossa carreira, a imagem da nossa carreira. O que você acha da autonomia? Você acha que você tem uma grande autonomia quando você está trabalhando fora da escola, e como você vê essa dentro da escola?

P6: É aquela coisa, a escola me deu uma projeção. Então a escola tem nome na região, então eu me fiz na escola, me fiz conhecido na região. Por ter aliado a minha profissão com a escola, aonde eu vou eu sou conhecido: “Ah o P6 que dá aula no Liceu, na escola técnica”, “ah é da Hotelaria”. Então me fiz com conhecer através da escola. Já que meu ambiente de trabalho não me fazia conhecido.

J: Claro. E você acha que você tem autonomia dentro da sua escola?

P6: Dentro tenho e não tenho. É aquela coisa você pode dar um passo, mas me avise que passo você está dando.

J: Entendi. A hierarquia.

P6: A hierarquia. Então se eu fecho uma festa de casamento, eu tenho que passar primeiro pra direção da escola, pra ver se a direção aprova. A direção aprovando, ela entra em contato com as pessoas que estão organizando pra tirar maiores informações.

J: Mas isso pra você organizar a festa ou não? Quando vai trabalhar o aluno?

P6: Não. O aluno. É o aluno.

J: Ah tá.

P6: Agora se eu for organizar por exemplo, um treinamento de garçom, organizar um evento empresarial como aconteceu, sou eu pessoa, eu que faço meus horários, eu tenho mais flexibilidade.

J: Então a facilidade de autonomia é maior fora da escola do que dentro. É se a gente fosse falar dos pré-requisitos que foram exigidos pra entrar na escola o concurso público normal da escola. E com relação as outras atividades fora da escola não necessita né?

P6: Não.

J: Porque na verdade é a indicação do seu nome.

P6: Exatamente.

J: De outra pessoa.

P6: Ou de alguém que me conhece do trabalho que me indica.

J: E qual assim pra você a representatividade da escola na sua trajetória profissional?

P6: Foi boa. Foi boa porque através da escola que me projetei pro mercado de Hotelaria.

J: Especializações que você fez então foi a pós em eventos no SENAC em São Pedro, e o esquema. Como é que você achou dessa, porque acabou sendo uma imposição do Centro Paula Souza esse esquema. Você acha que foi proveitoso para as aulas?

P6: Foi. Teve coisa que eu fazia, que eu não sabia que era aquela nomenclatura. E tinha coisa que eu comecei a pesquisar por conta própria junto com o esquema, e comecei a melhorar nas aulas. Em questão de dinâmica em sala de aula, ficar um atrás do outro, fazer roda. A hora que você faz roda o ele se sente mal porque está acostumado de um sentar atrás do outro. A hora que você faz roda ele se sente mal, porque ele está fora da hierarquia. Na hora que eu sento junto com eles na roda eles falam “olha o professor sentou na roda”.

J: Já quebra né?

P6: Já quebra a rotina.

J: Então você acha que com o esquema agregou uma alguns conceitos, alguns conteúdos.

P6: Agregou algumas coisas. E outras coisas, eu, por exemplo, eu gosto de dar projetos. Adoro ensinar projetos. Então na aula de projetos que a gente teve no esquema, eu dei essa aula.

J: Entendi.

P6: O professor começou a falar umas bobagens, eu disse “não, não é nada disso, eu tenho uma aula preparada aqui”. Daí inseri minha aula no data show lá, projetei minha aula e dei aula pra todo mundo. Dei aula pra seis salas durante duas semanas, fui dando aula de projetos. Porque o meu material era muito bom e o professor não sabia como começar um projeto. Ele não sabia como escrever um projeto pra administração.

J: E por que você foi fazer essa especialização em eventos? Era uma vontade...?

P6: Aí, na faculdade sempre trabalhei com eventos. Na universidade então era uma carência muito grande do banco de eventos. Quem cuidava do banco de eventos era a assessora de imprensa. E a minha turma foi a primeira turma de Hotelaria, então nós montamos o banco de eventos, nós montamos todo o cerimonial da universidade. Então eu participei muito disso e trago a vivência. Tanto que a gente faz aqui na escola a Escola Aberta, com características da Universidade São Francisco.

J: Entendi. Porque você trouxe esse dinamismo, o aprendizado.

P6: Eu trouxe a característica. E a gente faz o mapeamento da escola com os próprios alunos. Como eu fazia na universidade. Então cada grupo, guia de cor de azul, vai pra uma seta, guia com camiseta amarela vai pra outra seta.

J: Sua função dentro da escola hoje é professor?

P6: E coordenador.

J: Coordenador específico da área...

P6: De hospedagem.

J: Que agora mudou o nome né? Como você se sente como professor da área técnica? Você acha que existe algum prestígio, que é interessante?

P6: Prestígio a gente tem principalmente numa cidadezinha assim pequena, eles falam que não é o professor da escola técnica, eles falam que é um professor do Centro Paula Souza. Então por exemplo

teve uma abertura de um evento em Lindóia que tem cinco mil habitantes, sete mil habitantes, vem a comissão do Centro Paula Souza. Então a gente até acha estranho, essa nomenclatura a gente é funcionário, mas não é, a gente é da escola técnica de Amparo. Então eu falo que dá esse certo prestígio.

J: O fato do Centro Paula Souza que vem na frase.

P6: Na frase, e que abre daí. Por exemplo, eu dei aula no SENAC, então no SENAC eles falavam “onde você dá aula?”, “ah eu dou aula numa escola técnica que pertence ao Centro Paula Souza”, “ah é no Centro Paula Souza que você dá aula”, “não eu dou aula em escola técnica”.

J: E não em São Paulo.

P6: Não em São Paulo.

J: Em Amparo. Qual é o seu objetivo na formação do aluno técnico em Hotelaria?

P6: Meu objetivo é pra ele sair com a maneira de pensar diferente do que ele entrou. É como você pesar aquele diamante bruto, você vai lapidando, polindo, polindo até chegar na relojoaria pra ser vendido. E é esse processo que eu vejo dentro do aluno. Eu vejo muitos alunos com potencia pra trabalhar nessa área. E eu vejo muitos largando o curso, desistindo por estar desmotivado. Então o meu objetivo é melhorar a maneira de pensar com a maneira de viver do aluno. Até com as aulas de etiqueta social ele melhora o comportamento dele na escola onde ele estuda, no ambiente lá da cidade dele.

J: É extra-Hotelaria também?

P6: É extra-Hotelaria. Porque a gente forma, além de trabalhar na área, acho que a gente acaba formando uma pessoa pronta pra vida. Pra como saber comer, pra como saber se vestir, como saber se portar.

J: Qual das duas atividades, a do campo profissional específico, do treinamento, consultoria ou mesmo dentro de Hotelaria e a docência, que você se sente mais a vontade? Sendo professor ou trabalhando dentro de hotel? Por exemplo.

P6: Olha eu acho que trabalhando no hotel, eu acho que sim. Porque você não tem aquele compromisso de estar levando trabalho pra casa, de estar preparando aula, de você estar corrigindo prova, trabalho, pensando. Você acorda sete horas, oito horas da manhã você tem que já programar, tem que pensar a aula que você vai dar hoje, amanhã e na sexta. Então você já tem que ter um esquema já montado. E no hotel você já recebe turista, e já vai fazer alguma coisa diferente dentro do hotel. E você sai do hotel e você deixa o hotel perfeito, e na escola não. Sempre vão te ligar pedindo uma nota ou um trabalho, questionando porque você não fez isso porque foi aquilo.

J: Você acha que na escola é mais cobrado do que dentro do hotel?

P6: Na escola eu acho que é mais cobrado.

J: Do que dentro do hotel. Mesmo ainda não tendo trabalhado assim, por muitos anos dentro do hotel, mas todas as suas experiências que você já passou, você acredita que na escola é?

P6: Na escola é porque você tem aquele compromisso todo dia de estar daquele horário a aquele horário. Só que as pessoas se esquecem que você está naquele horário e antes? Você está na sua casa, você está no seu computador, você está preparando aula, você está na rua. Às vezes você toma chuva porque você vai montar aula, pode bater o carro.

J: Ok, obrigada P6

Entrevista – Professor 7= P7

P7: 28.

J: P7 você é formada em que?

P7: Eu sou bacharel em Turismo, formada na Universidade São Francisco aqui em Bragança Paulista. Me formei como bacharel em 2002.

J: E depois você fez pós?

P7: Assim que eu já, no quarto ano de faculdade eu me matriculei na pós e, então eu já tive o ensino corrido, uma especialização corrida. Saí da graduação, já ingressei na pós-graduação *latu sensu*, em planejamento e marketing turístico, pelo Hotel Escola SENAC em Águas de São Pedro.

J: E depois disso você fez mais algum curso de especialização?

P7: Na área de Turismo não.

J: Em outra área você fez?

P7: Eu ingressei agora em pedagogia.

J: Bacharel?

P7: Bacharelado, isso.

J: Você não fez o esquema I, pelo Centro Paula Souza?

P7: Não ainda. Não tive a oportunidade ainda por conta de tempo.

J: Aí no próximo você...

P7: Sim dependendo da questão da distância que é um agravante que a gente encontra por aqui, talvez eu faça sim.

J: Logo que você começou a fazer a faculdade e Turismo, você escolheu Turismo por quê?

P7: A graduação em Turismo?

J: É a graduação em Turismo. Por quê?

P7: Eu sempre tive muita paixão por cultura. No sentido de respeitar as manifestações populares, no sentido de troca de conhecimento entre área. Então estudando aquele famoso catálogo que a gente pega de profissões, foi uma área que eu me encaixei bastante. E o engraçado é que eu nunca fui com aquela visão que vários alunos têm de ser turista né. Realmente pra trabalhar mesmo.

J: Pra trabalhar pelo Turismo.

P7: Pelo Turismo.

J: E logo que você saiu da faculdade como é que foi a sua trajetória profissional? Conta um pouco.

P7: É aqui na ETEC João Belarmino, eu já ingressei como professora no quarto ano de faculdade, eu ainda estava no quarto ano.

J: Entrou como estudante?

P7: Entrei como professora estudante. Porque havia essa possibilidade ainda, hoje já não existe mais isso. E como docente foi logo no quarto ano, então esse ano em fevereiro, no dia vinte e oito de fevereiro, eu tenho sete anos de escola, aqui na ETEC João Belarmino. E concomitante a isso, em 2004 eu fui convidada para lecionar na faculdade de Jaguariúna no curso de bacharel em Turismo também. Aí fora a minha atividade como docente, esporadicamente eu atuei como recreacionista, eu atuei em agenciamento turístico, aqui na secretaria de Turismo em Amparo e na cidade de Serra Negra. A minha área sempre foi mais de gabinete, de planejamento, nunca muito na ativa.

J: E hoje em dia além da docência você tem alguma outra atividade, fora da docência?

P7: Não. O que eu posso considerar fora da docência seria a coordenação de área do curso, mas está totalmente focado nessa questão da educação.

J: É que os alunos muitas vezes falam “Nossa professora, você só dá aula?”.

P7: É eles têm essa visão. Mas eu realmente só dou aula mesmo.

J: Por opção sua?

P7: Por opção.

J: Tem algum motivo especial por ser “só” professora?

P7: Não, porque eu gosto muito do que eu faço. E justamente por eu gostar dessa área mais planejamento, eu não consigo muito trabalhar direto com o público em vendas. Eu até brinco com eles, eu falo que eu vendo muito bem a minha aula, mas é um contato totalmente diferente do que com o cliente mesmo final. Então justamente por isso que eu opto por essa área.

J: Pela área da docência. Que muitas vezes na faculdade eles não explicam pra nós, também essa opção.

P7: É o que eu achei legal, lá pela faculdade que eu me formei, a coordenadora está chamando os alunos que se formaram e tiveram destaque como professores. Pra justamente conseguir passar pra alguns alunos que tem esse interesse, qual q formação, quais os meios que a gente conseguiu chegar até onde chegou. Então eu acho essa troca muito legal.

J: E você, quando foi pra você ingressar aqui, você passou por um concurso. Aqui pelo Centro Paula Souza. Na faculdade, você teve também alguma prova, como é que foi o pré-requisito?

P7: Tanto aqui, quanto lá na faculdade, eu passei por uma banca examinadora, são sempre aqueles três professores né. Um totalmente leigo, um que tem um domínio do assunto e a coordenação do curso. Aí foram anunciados os três temas, na hora tinha um sorteio pra poder administrar a aula sobre aquela disciplina, porém com três temas específicos.

J: Faz quanto tempo que você leciona?

P7: Cinco anos.

J: Quase o mesmo tempo da escola.

P7: É aqui são sete.

J: Aqui você começou como estudante, já conta um tempo maior. Que representatividade tem pra você a escola técnica no seu contexto profissional?

P7: A escola técnica, eu falo pro pessoal que eu faço por paixão. Mas diante da profissão que eu escolhi, eu digo que assim é um caminho bem amplo para a gente conquistar cada vez mais experiência. Porque a troca que nós temos com os alunos se faz muito presente e a produtividade disso é muito boa. Então eu faço por amor mesmo. Porque se a gente for pensar em questão salarial, essa situação toda, é bem complicado. Então eu faço por amor.

J: E na sua concepção assim, estar na docência não significa que por conta do mercado de Turismo de repente está saturado, por isso que está na docência. Foi uma opção sua mesmo?

P7: Não, foi opção mesmo.

J: E a faculdade, tem essa representatividade tão grande como a escola técnica?

P7: Não. Se eu for pensar quando você diz sobre representatividade traduzindo por carinho, eu falo que aqui no técnico a gente é muito mais valorizado, o empenho dele é muito maior do que uma faculdade.

J: Dos alunos?

P7: O empenho dos alunos. Na faculdade a gente é reconhecido tudo, mas pelo fato de ser um curso particular, nesse caso da faculdade que eu leciono, parece que eles nos enxergam lá na frente enquanto “ah ela está sendo paga ela tem que vir e dar aula. Se eu quiser assistir é uma coisa.” eles pensam né. Então a troca aqui é muito maior.

J: Que grau de autonomia você acha que você tem dentro da escola e como profissional do Turismo fora da escola? Autonomia pra executar suas atividades.

P7: Você diz grau assim no sentido de se for enumerar, por exemplo?

J: É pode ser. Pode ser por porcentagem, se você tem autonomia plena aqui dentro da escola pra fazer as atividades que você gosta de fazer como professora, não como coordenadora.

P7: É como professora isso?

J: Ou quando você por exemplo, trabalhou como planejadora em marketing de Turismo na cidade, quando você atuava assim. Comparando onde você tem mais autonomia, maior liberdade?

P7: Maior liberdade na escola, justamente pelo grupo de professores de Turismo ser um pouco restrito. Porque nós trabalhamos só em três bacharéis em Turismo. Agora, se for comparar com o que eu já vivenciei na cidade, eu digo que por questões políticas lá fora, a gente tem que seguir o que é pedido. Mas se fosse fora a política, eu daria conta do recado sem problema nenhum.

J: Quando você atuou, foi aqui na cidade de Amparo mesmo?

P7: Amparo e Serra Negra.

J: E aí de repente até por conta disso você preferiu ficar só pela docência.

P7: É. E por tempo também, eu tenho tempo de preparar a aula com atenção. Porque senão sai do emprego e já tem que estar direto aqui, daí você não vive a sua vida. Mas por opção mesmo.

J: Assim, sobre suas experiências profissionais como professora, o que você tem a dizer assim de você e seus alunos? Com relação ao Turismo que você ensina pra eles.

P7: Olha eu não sei se o seu foco de pesquisa abrange uma conversa com alguns alunos, poderia ser até alguma ideia. Mas se eu pudesse contar pra você é o que me dá mais alegria de fazer, é estar aqui com eles. Tanto que eu tenho uma turma que está indo embora agora em julho e eu não quero nem saber como é que vai ser isso aqui em agosto. Porque é uma turma que marcou muito, justamente por ter um pessoal mais cabeça, mais interessado no processo, alguns entendem o Turismo como festa, oba-oba e os outros realmente levam a sério o que a gente tenta traduzir. Isso conta quando você pergunta de experiência, é tudo muito dinâmico, porque a gente tem que estar atualizado minuto a minuto. Se a gente dorme tem no outro dia uma informação nova. Eu até comento com eles que quando eu fiz faculdade eu até aprendi a emitir o bilhete aéreo na mão. Hoje eu recebo, enquanto passageiro, eu recebo no celular o bilhete. Então ou você se atualiza, ou você não da conta do recado não porque eles são muito espertos.

J: E você assim tem aquela, digamos essa barreira assim quando eles falam “só da aula professora?” de perguntarem pra você depois, “mas professora por que você não está no mercado atuando como guia, ou planejadora turística?”, eles não perguntam isso?

P7: Perguntam. E é assim, a minha conversa com eles até pelo fato da idade, acho que você enfrenta a mesma situação, é muito aberta. Então tanto que eles nem me chamam de professora, me chamam de (apelido), enfim. E daí o que acontece? Quando eles questionam isso, justamente por eles encontrarem essa dificuldade de atuação profissional aí fora, eu digo que realmente assim com jeito, pra não magoar ninguém, porque eles tem muita essa sensibilidade, que é realmente por gosto. E a experiência que eu consigo transmitir pra eles, se dá por meio de eventos que eu participo, de congressos enfim, palestras, visita técnica. Então trazendo esse tipo de informação pra eles, eles realmente conseguem me enxergar enquanto professora mesmo. Que por opção eu segui essa área mesmo.

J: Você guia também?

P7: Não. Não gosto. (risos)

J: Não gosta. Ah você não gosta do público direto, não é isso? Você gosta de organizar o planejamento pra que outro venha né?

P7: Eu sei a função, eu sei tudo que um guia tem que passar. Mas atuar como guia, não.

J: É pessoal mesmo né, isso é pessoal mesmo. E as pessoas que convivem com você, amigos parentes, enfim, eles te enxergam como a turismóloga ou a professora? Como que é? Eles falam “a P7 trabalha como tal coisa”.

P7: Como professora.

J: Parece que você mesmo já se auto-intitula como professora.

P7: Isso mesmo. Até porque a nossa profissão ela não é tão reconhecida ainda. Quando chega pra fazer uma ficha em loja e você fala que é turismóloga, a pessoa abre o olho assim, sem saber o que é aquilo. Então eu já falo professora universitária ou só professora. “Ai você dá aula do que?”, “Ah eu sou professora e Turismo”. Se for explicar tudo daí é outra novela.

J: Você tem assim alguma pessoa que passou na sua vida acadêmica, professor ou autor no qual você se espelha pra lecionar, pra ser professora?

P7: Eu tive dois professores, um na graduação e um na pós. Na graduação era um professor de sociologia, antropologia que é uma área que eu me identifico bastante, que era o professor João Luis. E na pós-graduação, também na área de patrimônio cultural, Turismo e humanidade, professor Paulo Barreto. Então foram duas figuras que se fazem presentes até hoje.

J: Entendi.

P7: Não fisicamente, no sentido de eu me espelho pra tentar fazer o mesmo.

J: Porque normalmente tem alguém que a gente viu e que nossa aula acaba sendo parecida, ou muito próxima daquilo né. É normal isso. Então você já explicou sobre as suas especializações. E como você se sente como professora da área técnica de Turismo?

P7: Da área técnica, sinceramente eu me sinto muito privilegiada por conseguir passar pra eles o que o mercado está pedindo da escola. No sentido de que eles estão aprendendo aqui vai ser aplicado lá, porém sempre com aquele alerta de ou você se encaixa no que o mercado de Turismo e Hotelaria está propondo agora, está ofertando agora, porque só a teoria ensinada aqui não basta. Mas eu me sinto muito bem. É assim eu até brinco, meus pais dizem vai fazer outra coisa, todo mundo fala pra mim, até meus amigos quando você questionou como eles me veem, eles falam por que você não vai fazer outra coisa você é tão capaz. Daí eu falo eu amo o que eu faço então eu vou ficar lá. O que eu faço é por amor é lá que eu tenho que ficar mesmo. Por mais presente que seja a dificuldade que a gente encontre, de fechamento de turma, de demanda, é isso mesmo que eu quero.

J: Mas você luta pra que essas turmas fechem, pra que você continue tendo seus alunos. E qual que é o seu objetivo principal quando você forma o seu aluno de Turismo?

P7: A inserção dele no mercado de trabalho.

J: Pra que ele consiga pelo, pra que ele fale dentro do técnico em Turismo. E de que forma que você costuma, além da... é na teoria, na prática?

P7: Bom, um benefício que nós temos aqui, nós estamos inseridos no circuito das Águas Paulista. Então são oito municípios, dentre esses oito eu posso lançar numa escala que 80% vivem só do Turismo. Então essa diferença, essa habilitação técnica que a gente faz com eles, por exemplo, a semana de Turismo e Hotelaria que começa hoje, justamente com essas que ações que são arquitetadas por mim, pelo Rafael e pelos coordenadores, que a gente traduz para o aluno que é uma área viável de atuação, basta enxergar a oportunidade.

J: Com relação ao magistério, você falou dos seus professores né, que a auxiliaram como ser uma bela professora. E na área do Turismo tem algum autor, alguém que você fala “nossa aquele autor, assim eu gosto de trabalhar com ele porque ele me dá uma visão bacana”?

P7: Então eu gosto muito de Reinaldo Dias que trabalha com a sessão de planejamento do Turismo. Alguns livros do Bene eu me encaixo, se eu puder dizer assim. Um livro específico dele que é aquele “Mega tendências” porque não sou a favor de muitas coisas que ele propõe não. Mas Reinaldo Dias e Mário Bene eu gosto sim.

J: E quando você pode classificar assim: você no campo do planejamento onde você já trabalhou do Turismo e no campo da docência. Onde é que você se sente mais a vontade?

P7: Mais a vontade na docência. Sem pestanejar.

J: E por que principalmente assim?

P7: Por quê? Ai e agora? Eu não sei se eu vou ficar muito repetitiva, mas é uma questão assim de que tudo o que a gente faz por prazer a gente se dá bem né. Então é tudo tão automático pra mim, sentar planejar uma aula, chegar aqui transmitir o conhecimento. Conseguir dentro da cabeça resgatar exemplos absurdos que já foram re-vistos a muitos tempo ou situações atuais, então isso pra mim é muito natural. É automático.

J: E você não chega a sentir falta de ter a sua atividade antiga por exemplo dentro do Turismo, pra agregar alguma coisa da docência?

P7: De vez em quando eu falo que seria legal eu conseguir “linkar” as duas situações, porém eu prefiro fazer da docência, fazer a docência bem feita do que ficar estressada o dia inteiro, trabalhando com políticas públicas do Turismo e não dar conta do recado que é à noite. Enquanto professora.

J: Uma vez eu ouvi uma frase de uma professora que ela falava assim: “que o professor do técnico em Turismo e Hotelaria, ele não era professor, eles estava professor.” O que você acha disso?

P7: Eu acho que realmente alguns professores estão como professores, porque realmente não gostam do que fazem. Agora tudo bem que eu não tenha feito aquele curso de magistério, não tenha concluído a pedagogia, nem a licenciatura do esquema I que o Centro propõe, mas a experiência que eu tive desde lá do quarto ano de faculdade e quando eu era monitora na faculdade também, foi isso que me formou enquanto professora. Então eu já vi que sou professora sim. E ninguém me tira essa titulação não.

J: Então por exemplo, você está fazendo pedagogia, você pretende dar aula depois na pedagogia ou não? Está fazendo a pedagogia pra apoiar o Turismo?

P7: To fazendo pra construção pessoal mesmo.

J: Pessoal, como professora pra continuar no técnico em Turismo e na faculdade.
 P7: Isso mesmo, pra dar aula pra criancinha não. Quero continuar na atividade turística.

Entrevista – Professor 8= P8

J: Qual é o seu nome? Sua formação?

P8: Meu nome é P8, minha formação é eu sou turismóloga, sou bacharel em Turismo.

J: É formada em qual faculdade?

P8: Pela Universidade São Francisco.

J: Em que ano P8?

P8: Em 2004.

J: E de lá para cá como é que foi sua trajetória profissional? No que você trabalho, o que você já fez?

P8: Para falar a verdade, antes de entrar na faculdade eu já trabalhava no Turismo. Eu comecei a trabalhar novinha, com 15 anos na área de recreação.

J: Nossa!

P8: Meu primeiro hotel foi o Rádio Hotel em Serra Negra.

J: Que chique! Tão lindo lá...

P8: Eu trabalhei onze anos com recreação. Trabalhei oito anos com agências de viagem, trabalhei com eventos.

J: Isso tudo antes de entrar na faculdade?

P8: Não, durante a faculdade também com agências, mas antes da faculdade já trabalhei com agências também. Trabalhei com eventos na Universidade São Francisco. Trabalhei na agência Júnior da Universidade São Francisco.

J: E aí depois apareceu a docência?

P8: Aí eu voltei. E a minha ideia era ser monitora de uma disciplina de agenciamentos turísticos na universidade.

J: O que a monitora faz?

P8: Ela dá suporte aos professores, eu ajudava quando eles tinham dificuldades. Durante um ano eu fiz isso. E eu tinha uma bolsa da faculdade, uma ajuda deles, por eu desempenhar essa função ali.

J: Que cidade que é?

P8: Bragança Paulista.

J: E aí você pensava em ficar por lá depois da faculdade?

P8: Não, eu voltei, minha família é de Serra Negra. Eu morei 6 anos em Bragança Paulista, mas minha família toda é de Serra Negra. E aí o que eu fiz: eu me formei e voltei. Aí eu comecei a trabalhar, eu já gostava de dar aulas, eu ajudava meu amigos na faculdade, a minha meta era trabalhar numa universidade. Fiz Magistério. Antes de entrar na faculdade meu curso foi o magistério. E aí o que aconteceu: eu voltei aqui para a cidade, para Serra Negra, para nossa região e uma escola profissionalizante aqui da cidade me chamou para dar aula. Trabalhei com eles um ano, abriu o concurso aqui na escola, prestei o concurso, passei já faz três anos.

J: E a sua parte fora da escola, tudo o que você fez de Turismo trabalhou com eventos, agência, Você guia também?

P8: Não, mas pretendo tirar a carteirinha em breve.

J: Você não parou ?

P8: Não. Agora no segundo semestre eu vou começar a pós-graduação em Águas de São Pedro, no SENAC, docência em Turismo com em gastronomia. Eu tive um bebezinho faz pouco tempo, então estou esperando minha mãe voltar para eu poder continuar trabalhando, porque minha família é muito pequenininha, preciso de alguém que me ajude para eu continuar estudando, mas eu pretendo ser professora universitária.

J: Entendo. Então você não fez nenhuma pós-graduação? Nem o esquema que teve do Centro Paula Souza?

P8: Não. Mas o Rafa (coordenador de área) quer que eu vá...

J: E aí você parou com as atividades do Turismo ou não? Você mantém a docência mais essas atividades?

P8: Não, agora meu bebê tem um ano, só com a docência.

J: Mas você pretender voltar?

P8: Sim.

J: Atuando no que? Você tá terminando o curso de guia?

P8: Não, eu quero tirar a carteirinha de guia. Para isso eu preciso entrar com a documentação e tirar essa carteirinha.

J: E você pretende Guiar? Ou não?

P8: Também. Espero voltar a atuar como agente de viagem ou gerente de uma agência.

J: Na verdade você parou por causa do bebê né?

P8: Sim, agora.

J: Agora que o bebê nasceu, você trabalha aqui a noite, assim você pode cuidar dele durante o dia.

P8: Melhor do que trabalhar e receber por isso é ter resultado no final.

J: Mas eu vou perguntar uma coisa assim com relação quando você estava atuando no mercado, eu vou falar no mercado de trabalho formal e vou fazer um paralelo com a docência pode ser? Com relação a sua atuação de turismóloga, quando você estava atuando de turismóloga, como é que era o recrutamento para você trabalhar? Como recreacionista, em agência... Como é que era o processo seletivo?

P8: Entrevista era o primeiro passo, currículo.

J: E daí na escola?

P8: Foi a bancada.

J: Foi a banca, que fez tudo isso. Como que representa, qual a importância na sua trajetória profissional tudo isso que você fez de recreação, de agência. O que representou isso para P8 profissional?

P8: Tem uma bagagem gigante. Em muitos momentos na sala de aula eu consigo colocar para as pessoas, para os alunos, o que eu aprendi lá atrás. Então muitas dificuldades que eles poderiam enfrentar ali na frente, pode ser que com uma aula, um momento que eu tenha vivenciado aquilo e passado, eles se saiam melhor naquela situação.

J: Quais são suas disciplinas no Turismo?

P8: Eu trabalho com história, com os aspectos históricos voltados ao Turismo, aspectos geográficos. Eu trabalho com etiqueta social e trabalho também com duas matérias a mais agenciamento, manifestações populares e gestão de empresas turísticas. Trabalho com cinco disciplinas.

J: E com tudo isso, você acha que tudo que você traz para a sala de aula vem da sua bagagem, do que você trabalhou?

P8: Olha, se for comparar a faculdade com a minha bagagem, a minha bagagem foi um pouquinho além do que a minha faculdade.

J: Digamos que você só concretizou formalmente com a faculdade.

P8: Exatamente.

J: E aí o que você traz para seus alunos é essa bagagem de anos. Quantos anos são de estrada?

P8: Dezoito anos. Sem parar nenhum minuto.

J: O tempo todo.

P8: Grávida eu continuei dando aula até o bebê nascer. Uma semana antes eu parei “agora o bebê vai nascer”.

J: Conta pra mim um pouco das suas vivências profissionais. O que além da recreação, era muito difícil, era muito puxado.

P8: Na recreação o monitor trabalha muito. O monitor recreacionista, como é chamado agora, trabalha bastante. Trabalha das oito da manhã até meia-noite, trabalha até meia-noite e meia. Isso durante trinta, quarenta dias, depende da temporada. Eu trabalhei muito com isso, e é extremamente cansativo, é estressante para o monitor sim. Agora agência de viagens também trabalha muito.

J: Você acompanhava grupos ou você só vendia?

P8: Não eu só vendia e fazia alguns transfers quando alguém precisava. Buscava alguém no aeroporto quando precisava, era meio que... fazia um pouco de tudo.

J: E você gosta?

P8: Eu amo a área.

J: Você fala com muito prazer de tudo isso que você trabalhou.

P8: Pra mim Turismo e Hotelaria é minha vida.

J: E Hotelaria, em qual setor que você gosta?

P8: Eu gosto da cozinha!

J: Verdade P8? Olha que legal!

P8: De todos os setores do hotel...

J: Eu achei que você ia falar recepção. E você fez algum curso, alguma coisa?

P8: Não, eu vou fazer agora no segundo semestre alguma coisa voltada a gastronomia

J: E nesse curso de pós-graduação de docência, também é docência em Hotelaria?

P8: Hotelaria, Turismo e gastronomia.

J: Ah, daí que você vai pegar também um pouquinho da gastronomia.

P8: Mas eu quero partir pra essa área da gastronomia futuramente.

J: Fazer uma faculdade, estudar sobre isso ou não?

P8: Não, não. Quero montar alguma coisa referente a isso.

J: Um restaurante, um barzinho, alguma coisa...?

P8: E quero um restaurante.

J: E você cozinha também, gosta de cozinhar?

P8: Cozinho também, gosto.

J: Ah então é daí que vem o prazer. Normalmente o prazer da cozinha vem até da família né.

P8: A minha mãe cozinha muito bem e minha vó também, então acho que eu puxei um pouco de cada uma e gosto de cozinhar.

J: Então Vários projetos né?

P8: E continuar dando aula!

J: Uma vez eu ouvi uma professora do técnico de Turismo e ela falou assim: “Nenhum professor de técnico em Turismo e Hotelaria, ele é professor. Ele está professor. Em qualquer outro momento ele vai sair dessa profissão porque digamos que não significa aquilo para a vida da pessoa”. Agora eu gostaria de perguntar, para você professora P8, você é professora ou está professora nesse momento?

P8: Eu sou professora nesse momento.

J: Você é professora. E você assume isso de que jeito? Com a sua relação com os alunos, com o que?

P8: Sim, eu me relaciono muito bem com os alunos, com os alunos eu não tenho dificuldade nenhuma.

J: E gosta do que faz?

P8: Gosto muito do que faço. Tenho muita necessidade de... eu acho que eu virei professora, me tornei professora, porque eu tenho necessidade de passar o que eu aprendo. Eu não gosto de guardar só pra mim, eu gosto de passar o que eu aprendo. Eu acho que essa é uma forma de contar.

J: Entendi. E você já tinha essa vontade antes de trabalhar nesse curso profissionalizante, quando você veio pra cá? O que você acha que despertou em você esse “olha é um mercado”?

P8: Na faculdade já me despertou isso.

J: Quando foi monitora?

P8: Isso. Foi no segundo ano.

J: Ali já começou a...

P8: É porque eu já tinha feito o magistério, já sabia como era uma sala de aula, mas só que com pequeninhos né. Aí de repente na faculdade eu entrei, passei por um processo bem complicado de seleção também. Entrei e comecei a trabalhar com os professores, daí eu fiquei fascinada.

J: Me fala assim, quando você fala da docência do magistério, em quem que você se espelha? Se tem algum autor, algum professor, alguma pessoa

P8: Tem, tem duas pessoas. Uma é a Dóris Kushman que é uma pessoa assim que eu admiro, que eu olho e toda vez que eu encontro em algum lugar... eu admiro mesmo. Até os livros, são fantásticos. E o outro é um professor que eu tive. O nome dele é Luís Moraes Koipfel, foi o melhor professor que eu tive na minha vida.

J: E ele era de Turismo? Bacharel de Turismo também. E na área do Turismo, agora falando como agente, que trabalha em agência de viagem que trabalhou com recreação, você se espelhou em alguma pessoa? Também de repente algum profissional pra quando você atuava, atua ainda, no mercado.

P8: Bom a questão do agenciamento é uma coisa engraçada. Porque desde criança eu prestava muita atenção em jornais, jornais e revistas, eu sempre gostei muito de ler. E eu via muitos textinhos assim no jornal da Tia Augusta, da Estela Bastos. Via muitas propagandas da Disney quando era criança, e aquilo quando eu era criança era uma coisa impossível, era uma coisa mágica, era um sonho. Então eu acho que o Turismo despertou na minha vida com essas pessoas. Eles me mostravam como um sonho, como uma coisa assim “Nossa será que um dia eu vou pra lá?”, foi uma coisa de feeling. Hoje eu já acho impossível, qualquer pessoa pode ir pra lá. Eu acho que essas pessoas despertaram, essas leituras que eu tinha quando era criança, que eu via nos jornais em revistas, eu acho que despertou esse lado do Turismo.

J: Além de você trabalhar. E por que você não optou por fazer uma pedagogia, fazer letras, matemática, história, por que como você já fez magistério com os pequenos, você optou por fazer Turismo?

P8: Foi engraçado. Foi engraçado, eu já trabalhava antes com o Turismo como eu falei para você. Então com 15 anos eu já entrei na área, entrei muito nova, era menor de idade, muito nova.

J: A idade dos seus alunos do técnico, seus alunos do técnico são mais velhos até.

P8: Meus alunos do técnico são mais velhos que eu! E aí de repente eu entrei num hotel quatro estrelas e fui vivenciando tudo aquilo, eu fiquei apaixonada pelo Turismo. E o magistério me deu uma bagagem com os pequenos no hotel, então foi uma coisa que eu casei com outra. Então eu peguei toda aquela experiência do magistério de desenho, de massinha, de atividade, e joguei na recreação. Então quer dizer naquele momento, casou uma coisa com a outra. E aí a faculdade de Turismo aconteceu uma coisa engraçada. Quando eu pensei em fazer a faculdade, eu não podia pagar e a faculdade federal que tinha de Turismo na época, era em Pernambuco.

J: A que junta Hotelaria com Turismo.

P8: Pois é, em Pernambuco. Eu anotei até num papelzinho essa faculdade um dia, não sei se você gosta de neurolinguística, mas eu tenho um painel em casa e aquilo tava no meu painel como eu falei, por um bom tempo. Só que eu falei “Tem faculdade de Turismo aqui perto”, “Onde tem? A PUC” a PUC em Campinas. Mas a minha mãe não vai ter condição de pagar essa faculdade pra mim. Tudo bem, aí como minha família tem muitos advogados, eu falei vou fazer Direito, frustrada porque na verdade eu queria

fazer Turismo. Só que eu entrei na fila no último dia de inscrição, eu entrei na fila, e fiquei folheando o manual porque a fila estava muito extensa. Folhei o manual: primeira turma Turismo e Hotelaria, mas nem pensei duas vezes na hora eu fiz inscrição para Turismo, não falei para ninguém.

J: Todo mundo achou que era Direito que você estava fazendo?

P8: Todo mundo achou que era Direito.

J: Na PUC?

P8: Não na PUC, na São Francisco. Porque a PUC eu já tinha descartado, não tinha dinheiro pra pagar ônibus todo dia, morar em Campinas iria ficar caro né, já tinha descartado.

J: São Francisco, Bragança você ia e voltava.

P8: É, no mesmo dia. E aí eu peguei e falei assim: “caramba, vou fazer isso!” e fiz. Aí a hora que saiu o resultado minha mãe falou: “que beleza mais uma advogada na família!”, meu pai falou “mais uma advogada na família”... não era! Era Turismo. Minha mãe ficou brava na época, “ta louca Turismo?”, aí minha vó: “parabéns! Você vai fazer uma coisa que você gosta”. E aí eu não parei mais, estou até hoje, eu amo o que eu faço, eu vejo o curso técnico como um degrau para a universidade. Eu acho que todos os professores universitários deveriam passar pelo curso técnico para saber como é.

J: Por que você acha que é esse degrau?

P8: Eu acho que o curso técnico dá uma possibilidade pra gente de conhecer mais o aluno, aquele aluno que entra no curso técnico, muitas vezes não pode fazer uma faculdade por falta de verbas. Então a gente acaba pegando o mesmo público, indiretamente o mesmo público. Então eu acho isso, acho que é um degrau.

J: E você acha que qual existe a diferença da prática do professor universitário com o do técnico? Você acha que existe essa diferença: professor universitário tem que ter tal prática, professor do técnico tem que ser uma outra situação, ou não?

P8: Olha pelo o que eu estou vendo, na questão dia-a-dia, vendo os professores da faculdade dar aula, é o título, eu acho que o título está pegando mais. Você entra na faculdade porque você é PhD, porque você é doutorado, é pós-graduado, você sabe muito bem como que é. E aí é isso que acontece. E o técnico não, eu acho que é um degrau para o professor por exemplo no meu caso: eu não consegui fazer ainda a minha pós-graduação, então eu sou do técnico. A partir do momento que eu terminar a minha pós-graduação, eu posso voar um pouco mais alto, eu posso ver outros horizontes e por aí vai.

J: E você pensa assim é uma degrau que você sobe e não volta mais para o técnico, ou seja quando você for professora universitária, você fica só na universidade, ou você acha que não vai conseguir ficar só na universidade, vai ficar nos dois?

P8: Não, eu quero os dois. Eu quero fazer os dois.

J: Você quer o técnico e o universitário?

P8: Porque a vivência que eu vou ter lá eu vou passar para cá, e a vivência que eu vou ter aqui eu vou passar pra lá. Essa vai ser uma troca.

J: Você acha que as pessoas que convivem com você, parentes, amigos, família te veem como? A turismóloga ou a professora P7? Como eles denominam a sua profissão hoje?

P8: Bom, pra minha família é meio complicado né, porque família eu acho que eles associam mais como professora, tanto as pessoas da família, quanto as de fora. Turismóloga é até difícil alguém falar você é turismóloga. Eu lembro até de um professor Luis Eduardo, que ele fazia chifrinho, porque parecia um nome de um extraterrestre. Eles me conhecem mais como professora.

J: E você pelo que me contou se sente como professora mesmo. Se eu te perguntasse hoje qual é sua profissão que você assina quando pedem, por exemplo, para preencher um...?

P8: é, eu me sinto professora com uma bagagem gigante de turismóloga.

J: O que levou você a tornar-se professora, você já me explicou. Já citou as pessoas que você acha importante na sua carreira. E agora eu quero saber qual importância tem na sua vida profissional aqui assim a escola, a sua carreira, ou seja, os dois tanto a escola quanto a parte de Turismo em si. O que nessa trajetória sua profissional tanta importância?

P8: Pra mim é tudo isso. Isso é tudo pra mim.

J: As duas coisas?

P8: As duas coisas. Elas se completam pra mim.

J: Isso se resume na professora P7. Você acha que além dessas especializações, que você está escolhendo fazer uma pós em docência. Por que você está escolhendo fazer em docência e não fazer por exemplo, em agenciamento de viagens ou em alguma das suas disciplinas que você gosta de lecionar?

P8: Eu pretendo trabalhar numa universidade ainda. Quero ser professora numa FATEC! – (com muito entusiasmo)

J: No mínimo! Principalmente por tudo isso que você já tem dentro de você. Quando você está formando seu técnico em Turismo, Hotelaria, mais especificamente em Turismo, qual que é o seu objetivo principal?

P8: Transmitir para esse aluno o que ele vai encontrar no mercado. Muitas vezes, nós que trabalhamos com Turismo e Hotelaria, nós lemos muitas coisas bonitinhas, muitas coisas perfeitas e na verdade não é assim. O mercado de trabalho é branco e preto, não é colorido. Então eu gostaria que os alunos saíssem com essa visão de quem nem tudo é bonito. Que vai ter algum momento na vida dele que ele vai ficar numa situação complicada. Isso que eu vejo.

J: E aí como resolver essa situação, é ali que você põe seu aluno.

P8: Muitas vezes o aluno vai ficar sozinho numa agência e vai ter um problemão, e aí quem vai resolver? Ele.

J: E nas suas aulas você traz isso pra que eles resolvam?

P8: Trago. Trago experiência de fora, experiência que eu vivi, pra sala de aula eu trago problemas. Eu faço isso com muita frequência.

J: Para que eles sintam na pele o Turismo.

P8: É. É esse o meu objetivo em sala de aula, que eles saiam “ah aquele curso foi produtivo”, porque isso não existe. Existe, tem alunos que saem e falam “ah aquele curso pra mim, não sei viu pra nada”. Tem pessoas que saem falando não tem? Eu acredito que tenha. Mas a maioria que conseguiu absorver o que eu falei o que o outro professor falou, vai sair assim: preparado para o mercado.

J: E você acha que muitas vezes os alunos falam “ah professora você só dá aula? Você não faz mais nada?”. Tudo bem você nesse momento da sua vida você está mamãe.

P8: Eu já ouvi isso.

J: Como é que você responde?

P8: Bom a maioria sabe que eu sou mãe, a maioria me viu com barrigão, então muitos sabem que eu sou mãe. Então eles não falam assim dessa forma. “Professora você dá aula só?”, “Só trabalha a noite?” falam só da aula... “Só porque de dia eu cuido do meu filho”.

J: É que eles têm um respeito muito grande pela sua bagagem.

P8: Eles me conhecem.

J: E sabem que você só está esperando o bebê ficar maiorzinho para você voltar.

P8: Eu não vou parar não.

J: Em qual das duas atividades, lá do campo profissional específico lá na sua agência, trabalhando com seu futuro restaurante, ou no magistério técnico você se sente mais a vontade?

P8: Me sinto a vontade nos dois. É muito difícil separar uma coisa da outra.

J: Por quê?

P8: Porque os dois se completam pra mim. O Turismo, a parte técnica mesmo... A técnica e a teórica. Porque você pega ali a prática e você pega a teórica, muitas vezes quando nós estamos no técnico, nós fazemos só o que? A teoria. E ali no mercado a gente tá com a prática, e aí é legal quando a gente pega a prática e a teoria e coloca isso junto e fica uma coisa só. Que é a P8 dando aula. Agora se eu separar só o mercado de trabalho eu não vou conseguir dar aula. Se eu separar só ali, futuramente eu não vou conseguir entrar no mercado de trabalho. Porque a minha informação aqui perante ao mercado de trabalho vai ficar muito defasada. Então eu tenho que caminhar junto com isso, eu tenho que estar aqui dentro e saber o que está acontecendo lá fora. Não adianta eu esquecer que existe o lá fora.

J: Agora você também depois que descobriu a docência não consegue viver só o lá fora?

P8: Não, é uma paixão.

J: Ou seja, porque você poderia muito bem viver só lá fora, porque o viver aqui dentro sem saber o que se passa no mundo do Turismo realmente é uma professora defasada. Agora, você poderia viver muito bem só no mundo do Turismo do mercado de trabalho.

P8: Eu tive oportunidade quando eu estava grávida de voltar no mercado de Turismo. É assim, se eu fizer assim eu entro no mercado. Já em Campinas tem um amigo meu querendo que eu trabalhe na agência dele, que eu tome conta da agência dele. Então a coisa é bem assim, é só falar eu quero que eu to no mercado de volta.

J: Então tudo é opção de P8?

P8: É. Mas no momento eu não posso fazer muita coisa.

J: Mas a gente tem os momentos certos na vida da gente. Agora é isso que eu queria saber, então a P8 não está professora passante, ela é professora atualmente.

P8: E vou continuar na área.

J: E nas duas áreas.

P8: E abrindo restaurantes, não tem problema.

J: E trabalhando com agência?

P8: Não, futuramente, você sabe que a gente cansa... Então eu vou ficar com o restaurante e com a docência. Na questão de agência essas coisas, daí eu vou me afastar mesmo. Vou ficar com o restaurante e com a docência, porque é a área de gastronomia que eu estou focando. Agência eu já não tenho mais pique.

J: Mas pode dar aula, continuar sendo docente do Turismo.

P8: Sim na área de Turismo e Hotelaria. E gastronomia sei lá...

J: Muito obrigada.

Entrevista – Professor 9= P9

J: Você é formado em?

P9: Eu sou graduado em Hotelaria e pós-graduado em gestão ambiental.

J: Você fez o esquema I do Centro Paula Souza? Aquele, a licenciatura?

P9: Então na realidade assim: no Centro Paula Souza, eu ainda estou aqui, não fui efetivado. Eu estou como contratado, os concursos estão abrindo agora e eu vou estar prestando.

J: Ah entendi. Você está por, é determinado que chama?

P9: Isso, é por dois anos que você tem que ficar.

J: E daí agora você vai prestar concurso para efetivar?

P9: Isso exatamente.

J: Antes você dava aula só em Hotelaria ou não?

P9: Não, na verdade é a primeira vez que eu estou dando aula. Eu tenho algum conhecimento assim, porque na época da minha outra profissão, eu trabalhava com vendas, então a gente trabalha com liderança com um pouco de formação de equipe. Mas não assim uma coisa a nível de escola.

J: E a faculdade você fez aonde?

P9: Aqui em Amparo mesmo.

J: Aqui em Amparo tem faculdade de Hotelaria.

P9: Tem.

J: Daí você se formou, e daí?

P9: Tanto a graduação como a pós eu fiz aqui no Centro Universitário de Amparo.

J: E se formou quando?

P9: Hotelaria foi em 2007.

J: E o seu campo de atuação de trabalho fora da escola qual que é?

P9: Hoje é ligado apenas à publicidade.

J: A venda de publicidade.

P9: Publicidade e marketing.

J: Que na verdade tem a ver com a Hotelaria, mas não tanto. Ou é ligado?

P9: Da parte em termos de vendas é totalmente ligado. Trabalho também, faço a parte de formação de equipes, liderança, nesse aspecto é voltado. Atendimento de cliente, então tem muita coisa que tem a ver com Hotelaria, mas não é um foco né.

J: A formação de liderança seria com as pessoas que trabalham com você?

P9: É assim, nós formamos, quando a gente pega uma equipe, para a pessoa se colocar numa situação de risco. Então o comparativo é assim, quando você trabalha num hotel e você vai trabalhar como gerente, como governante, você também tem essa parte da liderança. De formar a tua equipe, de fazer ela trabalhar com os canais de comunicação. Então nesse aspecto tem muito a ver.

J: E começou na docência em que ano?

P9: Acho que foi ano passado em 2008.

J: Então faz um ano.

P9: Vai fazer um ano de professor.

J: E quais são suas matérias aqui?

P9: Eu comecei dando a história da gastronomia, estou dando eventos e gestão de meios de hospedagem.

J: E por que veio essa vontade por ser professor? Afinal você já trabalha com essa parte de publicidade e vendas e já, digamos assim, se sustenta disso.

P9: Na verdade assim, o pessoal, já que eu trabalho lá, todo mundo gosta de vir conversar. Eles começaram aquela coisa, você dar umas dicas bacanas, ter uma maneira legal de se expressar. E foi crescendo essa coisa.

J: Daí você começou a reparar?

P9: É, comecei a prestar atenção que estava dando certo. Então foi chamando a atenção. Tanto é que os alunos as vezes comentam alguma coisa. Principalmente quando você entra na sala e tem liderança, você começa a falar, são coisas que eles não tem feedback, assim do que é isso. Então eles começam a participar e ver como a ação de equipe, eles vão dar bola.

J: E aí você acha que com essa sua liderança nata já no trabalho da publicidade, foi isso que puxou para a docência?

P9: Isso começou a chamar a atenção com certeza, motivo maior.

J: E daí você veio, você mesmo por si só que veio na escola?

P9: Eu fui convidado

J: Foi o Rafa ou não?

P9: Isso.

J: O Rafael foi seu professor?

P9: Foi meu professor na faculdade.

J: Daí ele também já puxou. Já falou “P6 você também tem jeito”?

P9: Isso.

J: Quando você fala assim autonomia, liberdade, você acha que dentro da escola você tem uma liberdade maior para trabalhar ou no seu trabalho de publicidade e venda?

P9: Olha são duas situações atípicas né. Mas assim o meu trabalho, eu já desenvolvo ele há muito tempo, eu tenho um total de vendas de quase 25 anos trabalhando com isso. Então é uma situação nova na escola, mas eu me adapto muito bem à escola, eu acho que isso é um benefício. É como você misturar a teoria e a prática, as duas coisas juntas. Então torna a comunicação uma coisa mais fácil. Você consegue expor melhor, explanar a ideia para que as pessoas consigam absorver aquilo que você realmente quer mostrar.

J: E você tem assim alguma pessoa, alguém que você se espelha dentro da docência para quando você está dando a sua aula? Por exemplo.

P9: Olha eu me espelho muito numa pessoa a professora Maura. Não tanto pela maneira como ela dá aula, mas uma das coisas que me fez buscar o estudo foi ela, porque ela foi um incentivo muito grande. Eu respeito demais a pessoa dela, acho que ela tem um conhecimento enorme.

J: É na sua área, por exemplo, dentro da publicidade, você acha que tem alguém que você pode falar “me espelho em fulano”, mas assim em atividade de venda, ou é o P9 pelo P9?

P9: A venda é uma situação engraçada, ela serve muito para a pessoa ter determinação. Então não tem assim se espelhar em alguém, é uma coisa que está dentro de você. Publicidade principalmente, a gente chama no nosso jargão, vendedor de fumaça. Você não tem... está vendendo papel na realidade. Então você tem que ter técnicas boas de venda, tem que conhecer. É uma situação que você não vende o produto, você vende você primeiro. O teu conhecimento, a tua confiança, aí a partir daí você consegue alguma coisa. Então assim é muito pessoal. A pessoa que quer trabalhar com isso, ela passa por uma adaptação. Conheço pessoas que tem assim 30 anos de vendas, profissional que passou por nós lá, o cara com quase 35 anos de vendas quase se aposentando, foi tentar trabalhar com isso lá e não se adaptou. Então ele já tem uma bagagem muito grande. É difícil falar pra você sobre espelhar em alguém é uma coisa muito pessoal.

J: No caso da docência acaba sendo mais fácil por você ter visto gente, igual você falou da Maura e tudo mais né.

P9: A Maura por exemplo, uma coisa que eu aprendi com ela é ensinar com prazer. Você tem que ter na sala de aula aquela coisa de passar para o aluno, tanto é que se você fizer uma pesquisa com os alunos que eu dou aula, eles vão falar para você que eu sou chato, eles vão falar que eu sou resmungão. Porque realmente eu exijo, eu falo se você está na sala de aula vai escrever, vamos lá, vamos explorar aquilo que eu dei. Não pra ficar conversando. Então isso é uma coisa que eu cobro deles. Eu vou fazer uma coisa pra você com determinação, eu tenho essa coisa de querer passar isso pra eles. Eu sempre falo, gente se amanhã ou depois vocês estiverem numa situação e vocês foram meus alunos, e vocês forem bem eu me orgulho, agora se vocês forem mau eu vou ficar chateado.

J: Chegou a fazer estágio, trabalhar em algum hotel?

P9: Estágio sim. Cumpri a faixa de estágio de 150 horas para alimentos e bebidas e 150 em hospedagem.

J: E aí através desse estágio que você usa como exemplo para os seus alunos?

P9: Muito. Meu estágio foi muito proveitoso principalmente em termos de prática.

J: Onde você fez o seu estágio?

P9: Em Serra Negra.

J: Tudo você fez lá?

P9: Tudo

J: Tudo você fez dentro do hotel, passou por dentro dos setores.

P9: E dei a sorte de encontrar ótimos funcionários.

J: Puderam te ensinar bastante coisa.

P9: Eu fiquei muito feliz quando eu fiz a faculdade. Eu conheci professores, por exemplo a professora Andréia, minha professora de gastronomia, ela está sempre na Ana Maria Braga, ela é da Universidade São Francisco. Ela é uma pessoa com um potencial muito bom, entre outros profissionais, mesmo o Rafael, a professora Laura governanta, ela é também lá da São Francisco. Então foi muito feliz quando eu fui fazer esse trabalho de campo também encontrei ótimos profissionais.

J: E por que você escolheu Hotelaria? Você poderia ter escolhido outra área, sei lá marketing, ou até mesmo fazer publicidade e propaganda.

P9: São desafios interessantes. A mesma coisa de eu responder para você, tanto a Hotelaria, quanto a gestão ambiental, são dois segmentos que você tem que trabalhar com aquela gestão familiar. As duas são

muito voltadas para isso. Você vai falar de alguma coisa, de APP, para uma pessoa que tenha 50 anos, como você vai pegar uma pessoa que tenha o hotel faz 50 anos, que o hotel foi do avô, do tio. Então você encontra a mesma dificuldade. Mas é uma área muito explorada, eu acho que é um segmento que tem um potencial muito grande, começa agora a nascer pra esse segmento.

J: E você escolheu a docência para seguir agora. Eu ouvi uma vez, uma frase de um professor do técnico que dizia assim: “Todos os professores do técnico, principalmente Hotelaria e Turismo, eles não são professores, eles estão professores”, como se eles não fossem de verdade professores. O que você acha dessa frase?

P9: Eu acho interessante. Porque na verdade quando eu fiz a Hotelaria, eu não fiz querendo trabalhar lá no Centro. Não era assim, um objetivo maior. Dentro do curso foi nascendo essa vontade, dentro da necessidade entendeu? Como eu falei pra você, quando eu cheguei aqui, eu cheguei motivado como desafio, mas eu nunca pensei em encontrar uma estrutura como é o Centro Paula Souza. Então isso foi assim uma injeção de animo muito grande. Tanto é que hoje eu estou me esforçando muito para conseguir efetivar e continuar.

J: No início da sua faculdade você imaginava fazer Hotelaria para ir para hotel mesmo? Para trabalhar com restaurante, trabalhar com alguma coisa nessa área?

P9: Eu acho assim, na nossa região principalmente é muito defasado o profissional. Então eu pensava em alguma coisa de cursos profissionalizantes. Não assim a nível de um Centro Paula Souza, mas de trabalhar formando pessoas.

J: Formando pessoas. Ah então já tinha um pezinho na docência aí.

P9: Não, não voltado a escola né, mais técnico.

J: Treinamentos?

P9: Treinamento de gestores.

J: Ah entendi, por causa da sua liderança. Treinar chefe de recepção, treinar esse tipo de pessoal direto no hotel né?

P9: Isso. Eu gosto muito dessa coisa de formar gestores. Eu acho muito legal.

J: Você acha importante ter as lideranças bem organizadas?

P9: Isso. Porque fora esses cursos eu tenho extracurriculares, eu tenho programação linguística, então alguns cursos que já me fizeram voltar a esse foco. Então o que eu faço na minha sala de aula? Eu procuro preparar a aula acoplando tudo isso, mostrando para o aluno o que é a situação da prática, o que é a teoria, o que é a liderança. Então fica uma aula legal, não que eu esteja me valorizando.

J: Claro, mas tem que se valorizar. E você acha então que você está professor ou que é um professor de verdade?

P9: Olha hoje eu acredito que eu sou um professor de verdade. Acredito pela busca de informações, pela necessidade dessa busca de informações.

J: Você acha que como professor você estuda muito mais do que antigamente?

P9: A mais com certeza!

J: E isso te agrada?

P9: Muito.

J: Essa ideia de sempre estar buscando coisas novas, de estar estudando, de estar com livros...

P9: O que mais me agrada é o feedback do aluno. Eles virem, eu receber esses elogios em sala de aula, ter alguma coisa que você pode estar conversando com eles. Então essa coisa aí faz com que cresça. Aquela vontade, aquela busca, aquela gana de cada vez mais passar para eles e o meu autoconhecimento também.

J: E é complicado para você trabalhar durante o dia, preparar aula e de dar aula a noite?

P9: Não.

J: Essa logística te cansa muito?

P9: Cansativo sim, mas não complicado.

J: Mas é motivador...

P9: É motivador com certeza.

J: Quantas aulas você tem por semana? Dois dias na semana?

P9: Eu estou com três. Eu to dando acho que quinze aulas.

J: Então são três vezes na semana, ou seja final de semana fazendo aula? Corrigindo prova...

P9: Ah é, final de semana feliz.

J: Na função que você exerce de publicidade, você é o dono da agência, você é sócio, parceiro?

P9: Não, sou o vendedor, funcionário.

J: é como se fosse um autônomo mesmo?

P9: É, eu sou registrado e tudo lá, mas eu sou um vendedor.

J: Você acha que assim você tem essa autonomia quando você está na escola ou autonomia quando você está no seu trabalho. Onde que você acha que tem mais liberdade de trabalho? Dentro da escola ou dentro da empresa?

P9: As duas são iguais, não tem diferencial. Na venda você trabalha com metas né, se você não vende você não ganha. Na escola é a mesma coisa, nesse aspecto assim não tem diferencial.

J: E fazendo paralelos que o aluno não passa, e se não entra alunos também...

P9: Você é liberado. O professor não ganha. (risos)

J: As pessoas que convivem com você P6, colegas, amigos, eles te veem como? O vendedor ou o professor de Hotelaria? Como é que eles te denominam, te classificam?

P9: Olha Juliana é uma coisa interessante, porque todo mundo me pergunta como que eu consigo separar tudo. Você não me vê em sala de aula falando de vendas, não me vê em vendas falando em de sala de aula. São bem distintas, então lá eles veem como vendedor, aqui eles me veem como professor. É lógico que existem perguntas aqui e perguntas lá, mas quando perguntam eu respondo. Não costumo misturar.

J: Quando chega numa loja você assim : vendedor e professor? Ou qual dos dois que vem primeiro?

P9: Sempre vendedor.

J: Então professor veio agora na sua vida né, é uma coisa nova também. Acabou de surgir.

P9: Faz um ano.

J: Quanto tempo que você atua nesse mercado? Vinte e cinco anos que você falou?

P9: De vendas eu tenho vinte e cinco anos.

J: E você nunca pensou em trabalhar nas aulas de administração do técnico em administração? Que faz também essa parte de logística, vendas, publicidade, nunca pensou em dar aula nesses outros técnicos além da Hotelaria?

P9: É uma coisa interessante né, nunca me surgiu a oportunidade. Dentro da Hotelaria eu já dei aula no Turismo, já passei por alguns segmentos. Mas se fosse voltado para Hotelaria, alguma coisa que eu pudesse passar todo o meu conhecimento sim. Eu sou muito seguro, eu gosto de falar de assunto que eu sei. Eu não gosto assim de aventurar, se eu não tiver um pleno domínio daquilo que eu estou fazendo, eu não vou.

J: Não vai aceitar aula daquela matéria que não sabe por exemplo.

P9: Eu acho uma saída justa você estar lá na frente, a pessoa fazer uma pergunta e você não saber responder.

J: Não tem como fugir né, não tem pra onde fugir né.

P9: Falar uma coisa que não é do seu conhecimento também não é legal.

J: Que representatividade, ou seja que importância tem pra você a sua escola aqui atual na sua carreira profissional? A ETEC.

P9: Você fala em termos de Centro Paula Souza?

J: Isso quanto que é importante você estar na docência aqui na escola na sua carreira profissional? Mesmo fazendo pouco tempo.

P9: Eu poderia dizer pra você que seria como o Ronaldo no time do Corinthians.

J: Verdade?

P9: É porque muitas pessoas gostariam de estar aqui. E tentaram estar que é do meu conhecimento. Por eu ter sido convidado, nossa é uma coisa muito forte.

J: O Centro Paula Souza é uma instituição que, você acha que assim, existe uma...? Você se sente como professor? Por exemplo como vendedor você já foi valorizado, tanto que está na profissão a 25 anos. Qual você acha que é a valorização de ser professor de Hotelaria e de Turismo?

P9: Principalmente como te falei vou até repetir, esse feedback do aluno é uma coisa fantástica. Isso aí a gente se sente numa situação até lisonjeado. E por ser parte do Paula Souza então, mais ainda.

J: Pela fama que tem né...

P9: Pelos profissionais que aqui estão, pela fama.

J: Qual o objetivo que você tem na formação do seu aluno técnico? Ou seja quando você está formando o seu técnico em Hotelaria, qual que é o principal objetivo de você como professor?

P9: É uma coisa que eu cobro muito deles ta. Realmente eu cobro muito eu quero que eles saiam sabendo. Isso é uma coisa que eu exijo demais deles. Eles têm que sair daqui como gestores, eles não vão sair daqui pra ser... técnico , muita gente que vem pensando em ser garçom, tem muita gente que vem pensando em ser cozinheiro. Então eu costumo trabalhar muito bem isso com eles, “pessoal vocês tem condições de tomar conta do restaurante, tomar conta da cozinha ta, devagarzinho até gerenciar um hotel”. Então a cobrança é muito grana, isso eu exijo demais deles.

J: E eles ficam com medo, porque no momento X, mas depois...

P9: No começo é uma adaptação difícil, mas depois eles acabam entendendo.

J: E hoje se você fosse falar em qual das duas atividades, você trabalha tanto na publicidade quanto na docência, aonde que você se sente mais a vontade para trabalhar?

P9: Eu gosto muito das duas. Eu acho assim que me adaptei lá há muito tempo, estou me adaptando aqui. Conseguirei conviver com qualquer uma delas.

J: E viver também com qualquer uma delas?

P9: Também.

J: Então está ótimo P9, é isso. Muitíssimo obrigada.

Entrevista – Professor 10 = P10

J: Fala para mim sobre sua atividade profissional ligada a sua área de atuação.

P10: Sou formado em Turismo na Universidade de Marília (UNIMAR), logo quando saí fui fazer uma pós-graduação em Águas de São Pedro, a Mariana fez lá também. E na área de eventos. E lá a gente montou um TCC sobre a abertura de uma empresa, a gente queria que se tornasse algo e foi justamente com o Divanil. Daí eu vim para cá para abrir essa empresa, vim para Sorocaba, a gente armou todo o plano negócio certinho, mas a gente não abriu esse empresa ainda. Então a gente estudou o mercado, e a gente viu que a situação é um pouco mais complicada. A gente queria ganhar um pouco mais de conhecimento de fornecedor, para daí sim a gente começar a mexer realmente com a empresa. Aí enquanto isso eu resolvi prestar o concurso para dar aulas, nunca tinha feito nada disso, e comecei a lecionar.

J: A sua graduação então, você é bacharel?

P10: Sou bacharel em Turismo.

J: Quando que você se formou?

P10: Eu me formei em, a gente está em 2009? Me formei em 2006

J: Por que você se formou em Turismo?

P10: Por que escolhi Turismo? Olha, para te falar a verdade eu não sabia o que queria fazer, eu estava muito confuso e comecei a pesquisar na internet para ver os cursos, mas assim eu também não tinha certeza que era aquilo que eu queria fazer, aí entrei no curso e comecei a fazer. Aí me apaixonei pelo curso, comecei a me envolver muito com o curso, a participar de laboratórios, então eu fiquei muito tempo em laboratório na UNIMAR, participando de eventos, aí que eu comecei gostar de eventos. Então assim no segundo ano não tinha nenhuma matéria de eventos, só que daí eu já comecei a falar é isso que eu quero fazer da minha vida. E foi isso, por acaso, não foi planejado não.

J: Você possui alguma especialização na sua área de formação? Em eventos não é, como é o nome da especialização?

P10: É Administração e Organização de eventos.

J: Qual que foi o processo de recrutamento para você entrar na área de eventos? Existe algum recrutamento para você trabalhar com eventos?

P10: Olha, quando eu trabalhei com eventos, eu não era contratado pela empresa, tinha um evento e eles me chamavam para trabalhar. Eu pouco trabalhei com planejamentos, quando eu trabalhei planejando foi dentro dos eventos meus. Meus eu quis dizer na escola, na faculdade. Mas fora no mercado, eu conhecia gente que trabalhava numa área e precisava de alguém para ajudar, aí eu ia lá e ajudava. Geralmente o planejamento que eu fazia era uma semana antes, não era aquele planejamento pré-eventos, então era sempre na hora, ou dias antes, então eu nunca tive uma ligação com uma empresa de eventos, era como se fosse um autônomo.

J: Quais pré-requisitos foram exigidos para você entrar trabalhar no mercado de eventos, na área de eventos?

P10: Acho que me chamavam pela minha iniciativa, acho que o que falta no mercado são pessoas com iniciativa. Se você vê o problema você vai resolver, você não espera a ordem de ninguém, sempre isso foi muito cobrado e sempre eu procurei fazer isso. Acho que sempre foi a qualidade vital das pessoas que me contrataram.

J: Qual representatividade tinha, como você nunca trabalhou numa empresa de eventos, mas essa sua função de autônomo na sua carreira profissional? Quanto foi importante trabalhar com eventos na sua carreira profissional?

P10: Olha, acho que experiência que a gente ganha. Acho que cada evento que você faz é uma coisa nova que você aprende. Um erro naquele evento, você jamais vai cometer outras vez. E sempre foi isso, a experiência de cada evento. O que eu aprendi é que um evento sempre é diferente do outro e nada se parece, em cada evento que eu fazia, participava, cada coisa que eu aprendia eu anotava, “pô, isso aqui eu não posso fazer de novo” ou “isso vou fazer de novo”. Então isso que foi importante para o meu favorecimento, embora eu não tenha muito tempo nessa área, mas eu acho que eu fui formando uma opinião, formando uma estratégia que eu sempre quis colocar em prática.

J: Qual que é o seu campo de trabalho? Eventos basicamente ou na área de Turismo também?

P10: Só eventos.

J: E a função que você exercia dentro de eventos qual era? Chefia, organizador geral?

P10: De tudo, não tinha uma coisa específica, o que precisava a gente tava ali para fazer. Eu gosto muito do dia é uma coisa que eu me empolgo bastante, mas gosto muito de fazer projetos. Eu acho que uma das qualidades minhas é de fazer projetos, então eu sempre atuei bastante nessa área.

J: Fala para mim alguma experiência sua interessante nesse campo de eventos que você trabalhou.

P10: Então, comecei e eu era muito chamado para participar de eventos de um ex-professor meu, então até como trabalhei muito tempo em laboratório com ele, ele sempre me chamava. E por exemplo, coisa de um ano atrás eu participei de um evento em São Paulo, era um evento de um lançamento de um projeto social. E foi assim me chamaram do nada no dia do evento, mostrou tudo que iria acontecer no evento, eu fiquei desesperado, quando chego lá eram mais de quinhentos adolescentes, eles começaram a chegar ao mesmo tempo no evento, então tinha que chegar, entrar no ônibus, passar as instruções e entregar um envelope para cada um. Eu iria contar com a ajuda de várias pessoas e essas pessoas não apareceram. Então assim, o evento eles não tomaram o cuidado de marcar um horário para cada aluno chegar, todos chegaram ao mesmo tempo. Então eu não sabia o que fazer, eu fiquei perdido ali, chegando um monte de adolescentes, você sabe como é adolescente, uma bagunça e eu tinha que bolar uma estratégia de passar a informação para todos sem entrar no ônibus. Isso porque um ônibus parou lá em cima, o outro parou lá em baixo na rua, então não teve uma logística preparada. Na verdade é isso que eu acho legal no evento, eu acho que o evento tem essa coisa gostosa de você se virar, mas acho isso sempre importante.

J: E como que você se sente como profissional da área de eventos?

P10: Como é que eu me sinto? Ai difícil de falar.

J: Como é que você acha que é para você trabalhar com eventos? Apesar de você já ter falado várias vezes sobre isso, mas como é que você acha que é trabalhar com eventos?

P10: Ah, eu acho gostoso, eu acho muita responsabilidade porque o instrumento não é seu, envolve muitas pessoas, além da empresa que te contratou, você está lidando com pessoas que vão participar do evento, então você tem responsabilidade de fazer de tudo para que ocorra bem e um errinho seu pode significar o fim de tudo. E pode vir tudo nas suas costas, então eu acho que você tem que ser muito responsável no mercado.

J: E quais satisfações que lhe trazem trabalhar com evento?

P10: Satisfações? É aquele negócio que todo mundo fala. É você trabalhar um bom tempo naquilo, no seu projeto, é você chegar com aquilo que era uma ideia, que era um sonho e tornar sua ideia em que você pensou durante muito tempo e que você não sabia que ia dar certo, mas você vê que vai se concretizar. E na realidade você vê pessoas satisfeitas com isso, é claro que satisfação 100% a gente nunca tem, mas você vê que conseguiu fazer um negócio bacana e aquela sua ideia virou realidade, isso aí eu tenho a maior satisfação.

J: Quais aspectos você considera negativos na atividade de trabalhar com eventos? E alguma coisa que você se a vontade em realizar.

P10: Negativo nessa área, acho que o que acontece no Turismo todo, profissionalização. Muita empresa não dá importância se você é formado em eventos ou não. A gente vê isso muito em São Paulo, em São Paulo as empresas já têm uma ideia diferente do profissional, eles querem um profissional especializado. Agora você já chega em Sorocaba, em São Roque eu nem vou comentar, mas você vê que uma secretaria da empresa pode fazer o evento tranquilamente, eles não precisam de você, então esse é o ponto negativo da área. E acho que os profissionais hoje tem que mudar um pouco a cabeça e trabalhar fazendo projetos bem feitos, mostrando que o profissional faz a diferença.

J: E qual atividade em Turismo que você não se sente a vontade em realizar?

P10: Nossa A&B, embora a gente faça A&B é diferente quando você trabalha num restaurante, eu me sinto... recreação principalmente. Eu gosto de brincar, mas para eu lidar com aquilo, eu não me sinto nenhum pouco a vontade.

J: Quais pessoas para você são importantes em sua trajetória profissional, do ponto de vista social, pessoal e profissional?

P10: Para entrar no Turismo não tive influência de ninguém. Quando eu entrei no Turismo comecei um monte de gente a fazer brincadeira que Turismo não estuda nada, mas só quem tá lá sabe a dificuldade de lidar com o mercado como o Turismo. Eu sofri muita influência da parte docente, sempre envolvi muito, sempre procurei participar e eles sempre me deram vontade de continuar fazendo. Até tenho um professor que ele sempre me chama para eu ir no evento, eu gostaria de dar aula como ele, então sempre que eu vou dar aula eu penso nas aulas que ele me dava, que era aulas que você queria assistir, os alunos ficavam porque queriam porque sabiam da importância da sua aula, ele sempre colocava presença para todos os alunos, ele não se importava se vinha ou não. Lógico que quando chegava na hora da prova, só que estava na sala de aula que sabia responder. Ele faz a aula se tornar interessante e ele tinha muito conhecimento de mercado, então ele tinha história para contar e essa é uma das grandes dificuldades que eu tenho, eu queria ter mais experiência para poder dar aula, então assim eu teria mais histórias, teria mais que *case* eu poderia estar agregando a aula. Hoje por exemplo, os *cases* que eu tenho, são poucos, os *cases* que eu vivi e os que eu vi. Então tanto na faculdade quanto na pós-graduação, eu ia juntando todas as informações, histórias que eu sabia e chego aqui e conto para os meus alunos. Então eu acho que isso torná-lo um

pouquinho melhor, embora a teoria seja importante eu acho que os alunos querem saber, eles têm esse interesse em saber histórias de verdade.

J: Como que essas pessoas que convivem com você, amigos, familiares, o veem do ponto de vista profissional? Então o André para eles é turismólogo, ou é dono de agência, professor, agente de viagens, guia, é um organizador de eventos, como que é eles falam a profissão do P10 é tal? Como é que eles te denominam?

P10: Ninguém pensa que eu sou professor. Eles falam “você dá aula?”, ninguém imagina um amigo dando aula, a não ser que a pessoa tenha uma trajetória de liderança, mas eu ninguém acredita na verdade. Não sei, não saberia te falar como eles me veem, eles acham a profissão interessante, todo mundo tem vontade de saber como que é principalmente eventos também, ver a parte glamorosa do negócio, todo mundo pensa “pô, faz eventos, vai nas melhores festas”, eles acham bonito. Ninguém sabe da dor de cabeça, da responsabilidade. Então eles veem talvez como uma coisa legal, “Nossa queria ser como você, fazer isso que você faz. Deve ser super legal, deve ser sossegado. Você deve ganhar o dinheiro e não trabalhar” eu acho que a maioria pensa.

J: Há quanto tempo você atua no mercado de trabalho? Ou seja organizando eventos, atuando.

P10: Deve fazer uns 4 anos.

J: Quando que você iniciou na docência, como professor?

P10: Então eu sai da graduação eu conheci o Divanil, o diretor e daí ele era professor e falou “olha por que você não tenta dar aula?” e a gente já fez trabalho junto e ele falou “olha você tem facilidade de falar, talvez dar aula seja legal”, eu falei “ah eu não quero”, eu não queria. Daí ele disse “não, faz vamos ver”, aí eu estudei e passei no concurso e assim eu gostei do ambiente da escola, foi no Fernando Prestes, e na hora que eu cheguei lá eu queria trabalhar aqui, com essas pessoas daqui, lógico, a única escola que conheci. Aí eu fiz e achei legal, e assim, pelo menos enquanto eu não abro uma empresa, eu continuo estudando e aprendendo com isso, que é uma coisa que eu nunca fiz e talvez desenvolver algumas características minhas e eu posso melhorar ou criar. Eu falei assim “Ah então eu vou tentar” eu foi uma coisa que eu acabei gostando muito. Adoro dar aula, adoro os alunos, embora eu seja uma pessoa que odeia preparar aula, mas assim eu adorei a atividade.

J: E quando que você iniciou?

P10: Faz um ano. Foi no início de 2008.

J: O que levou você a tornar-se docente foi essa influência? Não foi por livre espontânea vontade?

P10: Foi. Não vou dizer que nunca pensei, eu já falei assim “ah podia pensar em dar aula, depois no início”, só que naquele momento da minha vida eu não esperava.

J: E gostou?

P10: Gostei.

J: Cite para mim, alguém que para você é importante no seu campo profissional na área da docência. Pode ser um autor, um colega de trabalho.

P10: Divanil.

J: E como é que você se sente com relação a ele? Ou seja, esse referencial, faz os parâmetros, você se compara, você busca?

P10: Eu tento aprender com ele. Então é assim: qualquer problema que eu tenho, a primeira pessoa para quem eu vou ligar é pra ele. Para saber qual é a melhor atitude, como fazer, é sempre ele.

J: Então acabou se tornando seu porto seguro.

P10: Com certeza. E é o coordenador então assim facilita. Agora eu to trabalhando aqui e ele é o diretor, então com certeza ele é um ponto de referência.

J: Qual foi o processo de recrutamento para ingressar como docente?

P10: Foi um concurso, onde se preparavam três aulas, e daí foi sorteado na hora o tema e você tinha que dar vinte minutos de aula.

J: E quais eram os pré-requisitos necessários para você prestar esse concurso?

P10: Formação acadêmica, eu tinha. Na verdade a pós-graduação nem contou, porque quando eu entrei não tinha terminado, eu fui terminar em abril, época que eu entreguei o TCC. Então foi mais a formação mesmo.

J: Qual é sua área de atuação dentro da docência?

P10: Então, eu já dei aula de Orientação de TCC, (?) turísticos, dei aula de Agência e de Eventos. Foram essas três matérias.

J: E ficou tranquilo nas três? Acho que eventos foi mais...

P10: Não, para ser sincero não. TCC eu morria de medo, como vou inventar um TCC? Nunca fiz nada parecido. Deu super certo, gostei. Agência eu tive uma certa dificuldade, porque eu nunca gostei também desse assunto, como eu estava precisando e não tinham professor, eu falei vou encarar esse desafio. Estudei, não tinha conhecimento, nunca fiz nada parecido então essa eu não me senti realmente à vontade em fazer.

J: Mas foi (risos)

P10: Fui. Fui, e fui aprendendo.

J: E você atua há um ano só como docente?

P10: É, há um ano.

J: Qual representatividade tem sua escola, qual importância tem sua escola, que é o Fernando Prestes, em sua carreira profissional?

P10: Acho que a maior importância, porque foi meu primeiro emprego de carteira assinada, acho que sei lá, deu o início de eu continuar nessa área. Eu gostei muito do clima das pessoas, e eu me envolvia realmente lá, então foi muito importante para minha vida toda, eu vou lembrar do início mesmo.

J: E você dá aula aqui também ou não? Só no Fernando Prestes?

P10: Não, aqui não posso.

J: Você chegou a fazer o Esquema I, o curso do Centro Paula Souza?

P10: Não.

J: Você tem alguma especialização específica pedagógica além da pós-graduação em eventos?

P10: Não.

J: Alguma coisa na área de docência, de formação pedagógica, psico-pedagogia, alguma coisa?

P10: Também não.

J: Como que você se sente como professor da área técnica? Como que é ser professor do técnico em Turismo?

P10: Ah então eu penso que assim: a faculdade deveria ser como o ensino técnico.

J: Por quê?

P10: Porque eu acho que o mercado precisa. Eu vejo que um monte de teoria é importante, mas eu acho que não é o que o mercado quer. Lógico que você ter uma formação em bacharel ajuda em muito emprego para você entrar, só que eu acho que o mercado a cada dia vai esquecendo isso e então eu vejo como se eu fosse o cara que vai colocar o aluno pronto no mercado.

J: Você acha que essa diferença do técnico para o ensino superior, você acha que é bem...?

P10: Eu acho que está diminuindo muito a diferença e que a tendência é cada vez diminuir mais. Então eu gostaria, que sempre que eu dar uma aula, eu preparar a pessoa para sair dali trabalhando.

J: Qual é sua função dentro do Fernando Prestes? Professor?

P10: Sou professor.

J: Essa função de professor, você acredita que lhe dá qual grau de autonomia, dentro da escola?

P10: Grau de autonomia? Aí você me pegou.

J: Você acha que consegue ser... porque com eventos você disse que consegue ser autônomo, então você faz aquilo que for necessário. Você acha que como professor você também é uma pessoa autônoma, você tem essa autonomia dentro da escola?

P10: Acho que sim. Acho parte disso é o coordenador que dá toda liberdade para todos os professores fazerem como achar melhor. Lógico você tem algumas restrições, tudo bem, mas ele te deixa muito à vontade.

J: Você acha que tem algumas situações que às vezes não lhe permitem ser autônomo como professor como quando você trabalha com agência?

P10: É, quando você trabalha numa instituição, a gente tem que seguir algumas regras. São regras do Centro que você não pode fugir, então assim de repente eu quero fazer alguma coisa que vai deixar os alunos mais à vontade, eu não posso porque eu tenho que seguir aquela regra, então acho que isso aí só.

J: Qual que é o seu objetivo quando você forma um aluno no técnico?

P10: É trabalhar, você botar a cara no mercado e conseguir se virar.

J: Cite alguém, de novo, que você acha importante com relação a sua atuação no magistério, pode ser um autor ou um colega de trabalho, só que agora no magistério. Porque você teve como no mercado de trabalho, e disse seu professor na época do mercado de trabalho.

P10: O meu professor foi em tudo. E como eu te falei o Divanil é coisa mais recente que eu uso muito no Fernando Prestes porque ele conhece mais o esquema de lá, então assim o meu ex-professor, uma pessoa que eu mantenho muito contato e que me arruma oportunidades.

J: E que você acha que o magistério, que você está dando aula também ele...

P10: É toda vez que ele foi meu professor, sempre eu me orgulhava de ter aula com ele. Eu queria fazer igual a ele.

J: E você tenta fazer com seus alunos agora, legal. Em qual das duas atividades, ou seja, no campo profissional, quando você está organizando um evento, ou quando você está dando aula, qual você se sente mais à vontade? Qual dos dois?

P10: Eventos.

J: Por quê?

P10: Porque é aquele negócio, eu não me preparei na realidade para ser professor, então de repente você lidar com adolescentes... é que é assim: no ensino técnico você lida com alunos de quinze anos e dezesseis, tem essa diferença grande. Só que lidar com adolescentes acho que é mais complicado, você encara situações ali que... acho que, eu me sinto mais a vontade em eventos, porque eu me sinto mais dono da situação, do que como professor. Até porque é novo sabe assim, às vezes você repara e acha que é um aluno como eles, às vezes ele te veem dessa forma também. Nunca sofri com falta de respeito nada, mas às vezes eles acabam vendo você como um parceiro ali como um amigo.